

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gabriel Santos de Araújo

**CABEÇA DEBAIXO DA TERRA:
ESCRITA LITERÁRIA E SAÚDE EM LIMA BARRETO**

Santa Maria, RS

2022

GABRIEL SANTOS DE ARAÚJO

**CABEÇA DEBAIXO DA TERRA:
ESCRITA LITERÁRIA E SAÚDE EM LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção de título de **Mestre em Psicologia.**

Orientador: Prof. Dr. Marcos Adegas de Azambuja
Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Carlos Correa

Santa Maria, RS

2022

Araújo, Gabriel Santos de
CABEÇA DEBAIXO DA TERRA: ESCRITA LITERÁRIA E SAÚDE EM
LIMA BARRETO / Gabriel Santos de Araújo.- 2022.
93 p.; 30 cm

Orientador: Marcos Adegas de Azambuja
Coorientador: Guilherme Carlos Correa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2022

1. Escrita literária 2. Saúde 3. História das mulheres
negras I. Azambuja, Marcos Adegas de II. Correa,
Guilherme Carlos III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

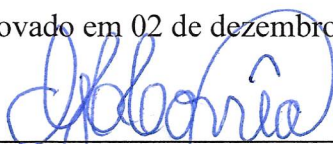
Declaro, GABRIEL SANTOS DE ARAÚJO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Gabriel Santos de Araújo

**CABEÇA DEBAIXO DA TERRA:
ESCRITA LITERÁRIA E SAÚDE EM LIMA BARRETO**

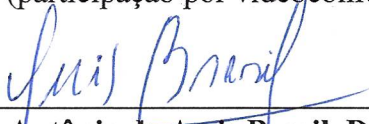
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 02 de dezembro 2021:

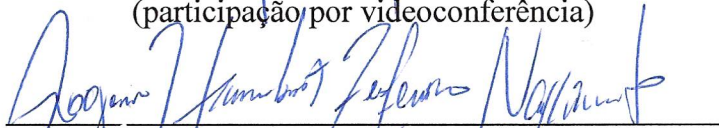


Guilherme Carlos Correa, Dr. (UFSM)
(Presidente/ Coorientador)

(participação por videoconferência)



Luiz Antônio de Assis Brasil, Dr. (PUC/RS)
(participação por videoconferência)



Rogério Humberto Zeferino Nascimento, Dr. (UFCG)
(participação por videoconferência)

Santa Maria, RS

2022

RESUMO

CABEÇA DEBAIXO DA TERRA: ESCRITA LITERÁRIA E SAÚDE EM LIMA BARRETO

AUTOR: Gabriel Santos de Araújo
ORIENTADOR: Marcos Adegas de Azambuja
COORDINADOR: Guilherme Carlos Correa

Este trabalho apresenta uma experiência ficcional a fim de denotar perspectivas sobre a relação da Escrita Literária e da Saúde na obra e vida do escritor Lima Barreto, principalmente a partir do romance *Clara dos Anjos*. Nesse sentido, me utilizo de suportes da Crítica Literária e da Saúde Mental, a fim de questionar a relação do Ressentimento dentro do binômio Saúde/Doença demonstrado pelo filósofo Nietzsche. Partindo de marcas na biografia e na obra do escritor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, tento abrir campos interpretativos pela via da ficção como proposta possível de reelaboração da História para além da crítica, acentuado um caráter de libertação de certos conceitos que emparedam um autor dentro de determinadas linhas de pensamento e pesquisa, mas principalmente reescrever uma das possíveis saídas para a personagem negra, Clara dos Anjos, a fim de pensa-la na contemporaneidade dentro da História das mulheres negras. Para tanto, levanto a ideia nitzscheana de Ressentimento como processo necessário para enxergar a doença psíquica e social que envolve o drama pós-escravidão, e assim criar meios de libertação, escrevendo uma saúde em concomitância com a doença, se servindo do percurso doentio de um corpo e pensamento para gerar um novo sistema imunológico. Como método, preteri dispor os personagens em contato com parte da História do Brasil, da Inconfidência Mineira aos Hospícios, me servindo da investigação que o escritor Lima Barreto fez em sua época, de questionamento da Inteligência a sua volta, seja na sua geração Literária, na Ciência ou na Medicina. Demonstro esses pontos me auxiliando da relação Literatura/ Saúde de Gilles Deleuze, em que ele aproxima o escritor a uma espécie de médico da sociedade, assim como em Nietzsche, que não opõe saúde/doença, mas vê a necessidade do jogo de ambos para a constituição do corpo vital. Como estratégia temporal crio um fio histórico de 1900 a 2022, do jovem Lima Barreto ao Centenário de morte do escritor, para dar linhas de continuidade às formulações científicas e artísticas do início do Século XX.

Palavras-chave: Escrita literária. Saúde. História das mulheres negras.

ABSTRACT

HEAD UNDERGROUND: LITERARY WRITING AND HEALTH IN LIMA BARRETO

AUTHOR: Gabriel Santos de Araújo
ADVISOR: Marcos Adegas de Azambuja
CO-ADVISOR: Guilherme Carlos Correa

This work presents a fictional experience in order to denote perspectives on the relationship between Literary Writing and Health in the work and life of writer Lima Barreto, mainly from the novel *Clara dos Anjos*. In this sense, I use Literary Criticism and Mental Health supports in order to question the relationship of Resentment within the Health/Disease binomial demonstrated by the philosopher Nietzsche. Starting from marks in the biography and in the work of the writer of *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, I try to open interpretative fields through fiction as a possible proposal for the re-elaboration of History beyond criticism, emphasizing a character of liberation of certain concepts that wall an author within. from certain lines of thought and research, but mainly to rewrite one of the possible solutions for the black character, Clara dos Anjos, in order to think about her contemporaneity within the history of black women. Therefore, I raise the Nietzschean idea of Resentment as a necessary process to see the psychic and social disease that involves the post-slavery drama, and thus create means of liberation, writing a health concomitant with the disease, using the unhealthy path of a body and thought to generate a new immune system. As a method, I chose to have the characters in contact with part of the History of Brazil, from the Minas Conspiracy to the Hospices, using the investigation that writer Lima Barreto carried out in his time, questioning the Intelligence around him, whether in his literary generation, in Science or Medicine. I demonstrate these points by helping me with Gilles Deleuze's Literature/Health relationship, in which he brings the writer closer to a kind of doctor of society, as well as Nietzsche, who does not oppose health/disease, but sees the need for the game of both for the constitution of the vital body. As a temporal strategy, I create a historical thread from 1900 to 2022, from the young Lima Barreto to the centenary of the writer's death, to give continuity to scientific and artistic formulations at the beginning of the 20th century.

Keywords: Literary writing. Health. History of black women.

SUMÁRIO

1	POR QUE PESQUISAR O ESCRITOR LIMA BARRETO?	6
1.1	POR QUE PESQUISAR LIMA BARRETO NA PSICOLOGIA SOCIAL?	7
1.2	LITERATURA, SAÚDE E RESENTIMENTO	8
1.3	OS CAMINHOS DA PESQUISA	9
2	BARBACENA - LITERATURA E SAÚDE.....	13
3	TODOS OS SANTOS - LITERATURA E RESENTIMENTO.....	35
4	CABEÇA DEBAIXO DA TERRA	63
	REFERÊNCIAS	91

1 POR QUE PESQUISAR O ESCRITOR LIMA BARRETO?

Porque é um autor que produziu uma literatura militante, escrita com forte presença biográfica, compondo uma força social e pessoal, onde a vida e a arte se reforçam; não por menos, ele pensava a Literatura como uma arte destinada a unir os homens. Esse aspecto de união universal em sua Literatura Militante possibilitou o interesse do escritor nos mais diversos temas de sua época, que foram descritos através da sua lente de cronista, no Rio de Janeiro, no início do Século XX. “Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros” (BARRETO, 1998, p. 394).

E, realmente, o escritor e cronista Lima Barreto, tem uma enorme lista de temas que são seus interesses, ora de rápido debate público, ora de intensas e acaloradas respostas frente à inteligência de sua época. Tais como: a guerra, o feminismo, a psiquiatria, a loucura, a literatura, a política, o anarquismo, o futebol, o livro, os livreiros, os amanuenses, o funcionalismo público, os negros, a escravidão, a Monarquia, a República, o subúrbio e etc. E é exatamente essa porosidade universal do escritor que possibilita ampliá-lo na ideia de uma espécie de “médico de si próprio e do mundo” (DELEUZE, 1993, p. 4). O filósofo francês ainda diz:

A literatura surge então como uma tarefa de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde (...), mas usufrui de uma irresistível pequena saúde que vem daquilo que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes para ele, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis (DELEUZE, 1993, p. 6.)

Esse plano de sobreposição entre Literatura e Saúde, possibilitou-me o uso de ferramentas da Psicologia Social, linha na qual estou inserido no Programa de Pós Graduação em Psicologia. Segundo, Guareschi,

a Psicologia Social é uma ciência do comportamento somente se isso for entendido como significando que seu interesse consiste em um modo muito específico deste comportamento —o modo simbólico. É isso que distingue a Psicologia Social da Psicologia geral. A grande diferença é que o simbólico é sempre social; não existe simbólico individual. Psicologia Social trata do simbólico que é um psíquico social (GUARESCHI, 2012, p. 30).

Não se trata aqui da Psicologia no sentido clínico, mas da linha da Psicologia permeada pelo campo híbrido entre indivíduo e sociedade, convergindo junto das pesquisas em Ciências Sociais.

1.1 POR QUE PESQUISAR LIMA BARRETO NA PSICOLOGIA?

A decisão de pesquisar o escritor Lima Barreto na linha da Psicologia Social deve-se ao fato dele ser possuidor de tamanho interesse nos diferentes aspectos da vida humana, como o próprio escritor escreveu: “O homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo” (BARRETO, 1998, p. 393).

Lima Barreto estava preocupado em descrever as forças sociais do seu tempo, pela descrição dos corpos e instituições, de modo a perceber o quanto o menor, a minoria, não conseguia compor resistência e inteligência a fim de contrapor frente a esmagadora ordem mundial, que se infiltrou no Brasil, no início do século XX, sob o comando da guerra e da economia. Vale lembrar, o descompasso desagregador de um Cassi Jones, no romance *Clara dos Anjos*, habitante do subúrbio, que não mantinha qualquer relação de união com seus pares, a não ser para catalisar um empenho pessoal para suas conquistas amorosas diante de desassistidas mulheres negras, de famílias sem poder jurídico e financeiro para se impor à família de Cassi Jones.

O escritor carioca não fazia o jogo pobre versus rico, porque independente da diferença econômica entre Clara e Cassi, ele sabia que aqueles corpos poderiam buscar o mesmo destino de existência, como aqueles suburbanos que ele descreve durante o trajeto do trem do subúrbio para o centro, onde o indivíduo de menor cargo no funcionalismo público regia sua vida como se fosse um rei. Lima não fazia descrições de classes, afinal, dentro de um trem suburbano, temos corpos se vestindo de fisionomias aderidas de uma mentalidade burguesa, seja ele rico ou pobre. Penso que aí está a força do Lima Barreto, ou seja, ele observou o humano, ou melhor, descreveu, traço a traço, como um desenho de planta baixa, aonde ele não faz distinção entre o maior e o menor na paisagem.

Assim, volto a pergunta, por que Lima Barreto na Psicologia? Exatamente pela ferramenta que esse escritor possui, de observar além “do nascimento, da pátria e da raça”. Nesse sentido, me auxílio de Gilles Deleuze, não para explicar Lima Barreto, mas para apontar uma vizinhança de pensamento, ou melhor, um ponto de pensamento que o breve espaço aqui permite e o que o mestrando aqui pode alcançar. O que Lima Barreto escreveu em *O destino da*

Literatura, expõe a potência da Literatura em agregar os homens, questão que está em sintonia com o que Gilles Deleuze escreve no texto *Literatura e a Vida*:

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimésis), mas é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, de maneira que já não nos podemos distinguir de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: e que não são nem imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto mais singularizados numa população (...) Quando Le Clézio devém-índio, é um índio inacabado esse, que não sabe ‘cultivar milho nem talhar uma piroga’: em vez de adquirir características formais, entra numa zona de vizinhança (DELEUZE, 1993, p. 7).

Assim, como não pensar na desorientação de Cassi Jones quando ele sai do subúrbio e chega ao centro do Rio, na rua do Ouvidor, e toda a sua expertise de malandro fica desorientada quando ele não consegue dialogar com o cenário do centro, e mesmo ali, diante de outros malandros, ele não tem qualquer reconhecimento. A forma “malandro” se dilui frente ao deslocamento que ele faz do subúrbio ao centro. Ele é um homem qualquer que encontra um limite. Olhamos ele como um homem que é escorraçado por uma das vítimas que virou prostituta, que o reconhece e o afronta. Ele foge, não como Cassi Jones, mas como um qualquer. Só ali ele tem um destino, só ali sua existencial idade tem um fundo, um fundo de carne e osso, de quem se avizinha com a existência de outros homens. Nesse sentido, Gilles Deleuze, comenta:

A literatura é delírio, mas o delírio não é um assunto de pai-mãe: não há delírio que não passe pelos povos, pelas raças e as tribos, e que não habite a história universal. (...) E também o escritor como tal não é doente, mas médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem (DELEUZE, 1993, p. 8).

Nem precisaria dizer que Lima Barreto fez vizinhança de sua escrita com os dizeres médicos de sua época, quando foi interno do Hospital Nacional dos Alienados, descrevendo os procedimentos da Instituição Psiquiátrica e os corpos que ali viviam, dos psiquiatras aos internos, para justificar a opção de pesquisa-lo na linha da Psicologia Social.

1.2 LITERATURA, SAÚDE E RESSENTIMENTO

Em primeiro lugar, o problema de pesquisa da Dissertação, aqui discutida, surgiu pelo processo da escrita ficcional, como guia de pesquisa, ou seja, a escrita foi acentuando sua necessidade. Pesquisava e logo após escrevia, experimentando uma voz narrativa de escritor como espécie de médico. Assim, procurei os extremos, desde quando Lima Barreto escreve suas primeiras linhas no seu Diário Íntimo em 1900 (por isso comecei pelo capítulo Barbacena,

1900). Depois fui para 2022, quando se completa 100 de morte do escritor e também o centenário do romance *Clara dos Anjos*, que ele escreveu em 1922, embora a primeira edição do livro seja de 1948. *Clara dos Anjos* também configura como um painel das pretensões literárias do Lima Barreto, já que ele havia exposto suas primeiras linhas em 1904. De certo modo, é a obra na qual ele demora sua existência literária para escrever. Assim se fez a escolha pelo capítulo *Barbacena*, denotando o início do escritor, onde a perspectiva da dissertação foi de ficcionalizá-lo num ambiente fora do Rio de Janeiro (é a primeira cidade que ele visita fora da Capital) onde a história está marcada pela Política e pela Psiquiatria.

Seguindo o desdobre escritor/médico, abri o campo ficcional para que o personagem do jovem Lima Barreto sentisse a história do lugar e fosse envolvido pela mesma. Compondo assim o nascimento do escritor e da Psiquiatria no Brasil numa mesma cidade. É sabido que Barbacena sediou as primeiras internações terapêuticas para os males do pulmão e posteriormente para os males da mente, sendo seu hospício Colônia comparado ao Holocausto. Também o desdobre com o poeta Cruz e Souza propõe uma linhagem de escritores negros; após a morte do poeta nasce o romancista.

Depois, os capítulos *Todos os Santos* e *Cabeça debaixo da terra: diário de uma Lavadeira*, se centralizam na personagem Cléo dos Anjos, filha de Clara dos Anjos, sendo uma espécie de continuação do escritor 100 anos depois. Em ambos os capítulos crio uma interface entre Literatura e Psicologia, desenvolvendo temas imbricados, como literatura/saúde e ressentimento/literatura.

A escolha de criar uma personagem como Cléo dos Anjos tem a ver com a recepção do século XXI, onde questões como racismo e feminismo estão no olho do furacão da opinião pública, de modo que o conceito de Ressentimento, de Nietzsche, se faz presente para pensarmos além do racismo e anti-racismo, do feminismo e anti-feminismo. No sentido, nietzschiano, de que a doença é parte do processo para uma saúde, momento crucial, no qual ninguém retorna de suas catacumbas da mesma maneira. A doença/ressentimento como processo que deve ser ultrapassado para não gerar a vingança. Dentro desse percurso, os agentes do ressentimento tem um lugar para o restabelecimento da saúde, não sendo justo consigo mesmo a eliminação do outro para o fim da doença, mas digerir o ressentimento na boca do estômago, a fim de ultrapassá-lo.

1.3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Os objetivos de pesquisa da presente Dissertação constroem-se unidos à experiência de uma construção ficcional, aqui apresentada nos capítulos 2, 3 e 4. A ordem de leitura é optativa, a começar aqui ou no capítulo 2 (início da ficção).

Num determinado momento, queria alinhar a escrita para dialogar com o projeto literário do autor de *Todos os Santos*, de reescritura de si e do seu tempo, a partir de personagens que tomavam a pena literalmente dentro dos romances. A começar pelo Quaresma, escrevendo ofícios; Em *Cemitério dos Vivos*, Vicente Mascarenhas é o escritor que transpõe para o papel experiências de interno no Hospício; Com *Numa e Ninfa*, Numa Pompílio de Castro tem seus discursos escritos pela esposa, mas depois descobre que era o amante desta (um primo) quem realmente escrevia; Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, a história do estudante que tenta encontrar um lugar para a sua inteligência na Capital, através do estudo, mas se depara com uma sociedade que possui outros meios para galgar posições.

Posteriormente, me detive mais onde o escritor cultivava uma espécie de saúde através da escrita, nas obras *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos*, entrando nos muros da ciência positivista, operando no discurso médico e psiquiátrico, a partir da experiência de interno no Hospital Nacional de Alienados. E finalmente, dentro das ramificações na obra do Lima Barreto, o romance *Clara dos Anjos*, como a obra o mais perto da História da Escrivão Negra no Brasil (que o escritor carioca pretendia escrever, como relata em seu Diário Íntimo).

Assim, aos poucos, um ponto de intersecção horizontalizou um terreno cabível ao projeto de Dissertação. Aqui, apresento o caminho da pesquisa e suas modulações, de onde veio e o que eu fiz com as escolhas tomadas. Resumidamente, a pesquisa tem dois pontos:

a) A ideia de **Literatura e Saúde** a partir do conceito de **devir** de Gilles Deleuze, que serviu de guia para o jovem Lima Barreto, no capítulo 2 (Barbacena, 1900), no sentido deleuziano de um escritor ser aquele capaz de ouvir os estertores do mundo. De modo que a História do Brasil em Barbacena vai cercando a porosidade do autor carioca, e através dele sendo reelaborada.

b) O conceito de **Ressentimento**, de Nietzsche, de forma a sugerir uma saúde que convive com a doença, que necessita do vigor desta para renascer aquela, “desativando o desejo de vingança” (GIACOIA, 2005, p. 1). No capítulo 3 e 4, a partir da personagem fictícia, Cléo dos Anjos, filha de Clara dos Anjos, no romance *Cabeça debaixo da Terra*, tendo abrir uma

cartografia de sentimentos a fim de ultrapassar o ressentimento da falta de lugar das Negras na História.

A pesquisa: cada vez mais me deparava com um Lima maior e desconhecido, detentor de muitos tentáculos pressionando a inteligência da época; tocar em um dos seus braços poderia derrubar todos os meus tijolinhos que eu pretensamente achava importante. Igual ao medo de estragar a paisagem. Mas já tinha dado os primeiros passos, não poderia desistir, apenas recuar um pouco, mas sair do jogo não. Um passo difícil, mas necessário, foi abandonar a primeira proposta de ficção apresentada na Qualificação. Não comecei do zero porque já tinha feito uma pesquisa em diversos pontos, sem me fixar em nada. Então, comecei a pensar num Lima Barreto fora do Rio de Janeiro, onde o material biográfico é escasso, na tentativa de ver um autor sem o ambiente de pressão a sua volta, seja da Literatura ou do pensamento da época que ele combateu, ou seja dos obstáculos de um escritor suburbano. Assim, primeiramente mapeei uma escrita a partir das cidades de Barbacena e Ouro Fino, ambas em Minas Gerais (das raras viagens do escritor) permanecendo apenas com a primeira, na perspectiva de tentar ouvir os passos do escritor durante a própria construção ficcional. A escolha de Barbacena (capítulo 2 – introdução) tem pontos de convergência, tais como: a história dramática dos internos do Hospício Colônia e a cidade de ares terapêuticos em que morava Joaquim Silvério dos Reis (conhecido delator de Tiradentes). Optei por biografar ficcionalmente o jovem Lima Barreto, como possibilidade de reescrever a História a partir da ideia deleuziana do escritor como uma espécie de médico.

Para isso, busquei a noção de devir em Gilles Deleuze. O filósofo francês diz que o escritor lida com uma saúde menor, vinda das suas pequenas auscultações de grandes questões, daquilo que um corpo não suporta, de uma mandíbula que lhe faz presa fácil. Mas é exatamente a experiência com esse “grande” que dá devires para uma experiência menor – que faz do escritor uma espécie de “médico de si do próprio mundo” (DELEUZE, 1993, p. 2):

A relação que Deleuze coloca entre o escritor e a Literatura é um não servir às identidades, um

devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, *Mimésis*), mas é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, de maneira que já não nos podemos distinguir de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: e que não são nem imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto mais singularizados numa população (DELEUZE, 1993, p. 2).

Essa questão é aprofundada em Nietzsche, que põe a doença como processo necessário à saúde, de modo que possamos viver o ressentimento, pois só assim podemos enxergá-lo para

ultrapassar seus limites e não sucumbir à vingança, o pior dos sentimentos. Segundo Giacoia (2005), para libertar a alma do ressentimento, faz-se, pois, necessário poder renunciar ao desejo de vingança, ou seja, não se revoltar contra aquilo que incomoda, irrita, fere; não permitir que aquilo a que se está exposto e vulnerável também envenene.

Nesse ponto de vista, o romance *Clara dos Anjos* opera na pesquisa uma passagem pela dor da História das Negras que, a partir da protagonista da obra de Lima Barreto, assume, através da sua filha, Cléo dos Anjos (personagem que criei), o lugar de reescritura do seu caminho para além do ressentimento. Por essa razão que o capítulo 3 e 4 acontecem no bairro de Todos os Santos (RJ), onde o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, viveu parte de sua vida, sendo o endereço do prédio Renovare (principal espaço do enredo) o mesmo onde foi a última casa do autor carioca. Constituindo num jogo entre o criador e a criatura; o escritor e a crítica.

Cléo dos Anjos é quem vai questionar o seu lugar, inclusive na ficção, assumindo os mesmos poderes do escritor quando pretende estabelecer campos investigativos sobre a literatura e a saúde, elaborando noções de loucura para tentar entender a relação de hereditariedade entre o Lima e o pai e, também, entre si e a sua origem. A opção de dar a pena à Cléo dos Anjos, tem sintonia com o que Marcel Proust escreve em *Contre Sainte-Beuve – Notas sobre Crítica e Literatura* (PROUST, 1988, p.):

Cada dia dou menos valor à inteligência. Cada dia acredito mais e mais que é só somente independentemente dela que o escritor pode reabilitar alguma coisa de nossas impressões do passado, atingindo assim algo dele mesmo e a única matéria da arte. Aquilo que a inteligência nos dá sob o nome do passado não é ele. Na verdade, como ocorre com as almas dos mortos em certas lendas populares, cada hora de nossa vida, tão logo suceda a morte, encarna-se e cultua-se em alguma objeto material. E aí permanece cativa, para sempre cativa, a menos que não encontremos o objeto. Através dele nós a encontramos, nós a invocamos, e ela se liberta.

2 BARBACENA - LITERATURA E SAÚDE

Quando casaram, em 1940, foram morar no Rio de Janeiro, em Vila Rosali. Foi lá que fui gerada, eu e o meu irmão, sou gêmea. Mamãe não acostumava-se com as noites assustadoras do Rio e ficava quase sempre sozinha.

Da correspondência com Lucienne Samôr

O escritor precisa de uma cidade, mesmo que a cidade seja um rosto ou uma rua. Pensei nisso quando eu estava indo a primeira e última vez na casa da Lucienne Samôr. Entrei no Sta. Matilde, ele sacudia mais do que o ônibus de Belo Horizonte a Conselheiro Lafaiete, me ocasionando pancadas nos ombros. Na última carta, ela me escreveu: “PS: Cuidado. Podem tentar afastar-nos um do outro. Fique atento aos e-mails e telefonemas.” O ônibus parou na Antônio Petronílio da Silva. Segui até o número 59.

A entrada da casa de Lucienne era um estreito, depois de um portão gradeado, onde as dobradiças estavam fincadas na parede da casa vizinha. Quando bati palmas, os vizinhos saíram para fora. Pareciam parentes, tal o interesse em saber quem eu era. Lucienne, depois, já dentro de casa, fez um gesto, como a dizer “não dê conversa”, apontando para eles. No breve pátio havia uma porta que dava para a casa do vizinho, direto na sala ou cozinha. Pareciam que as casas originalmente eram uma só. Lucienne fez questão de dizer para os vizinhos que eu vinha de longe, apontando que tinha gente interessada em vê-la, admiradores da sua Literatura. Tais compreensões organizei dez anos depois, em 2021. Meio ano antes, Lucienne Samôr falecera, em Lafaiete, logo após seu amigo e escritor Sérgio Sant’Anna.

Lucienne falava entre risinhos nervosos, como se uma página inteira saísse na mesma respiração, para depois ressoar um silêncio ruidoso. No topo, o cabelo de neve e o olhar desconfiado de quem passou pelo sistema prisional nos anos setenta; detida no apartamento do escritor Sérgio Sant’Anna em plena ditadura e julgada às obscuras como líder de um grupo que chantageava homossexuais em Conselheiro Lafaiete, ameaçando dar o nome aos bois; verdade era que o processo era nebuloso e controverso, mas não impedindo que Lucienne fosse presa e virasse notícia de jornal. Lucienne negou veementemente qualquer participação, sem com isso evitar a edificação de um muro na sua biografia, mesmo que a versão da escritora para o ocorrido fosse política, devido a contatos com amigos envolvidos na resistência. Entretanto, tal fato numa cidade pequena cristalizou a pessoa ao acontecimento. Lucienne silenciou-se numa Literatura para si. Viveu o resto da vida em Conselheiro, como a vítima que está detida ao espaço do algoz, feito um íman. Espero encontrar as respostas da escritora quando seu livro

póstumo *A Minha Canção Desesperada* for publicado. Até o fechamento deste romance sei, apenas, que aquele está no prelo. O escritor Sérgio Sant’Anna relatou o caso no livro *Conto zero e outras histórias*. Em carta, Lucienne me escreveu: o “Sérgio dizia que eu tinha a cuca remexida”. Perguntei a ela sobre o acontecido, se esquivou das respostas. Me respondeu que os temas prisionais não a interessavam mais, apenas a jovens como eu.

*

Lá dentro tudo era grande quando as palavras apontavam os objetos, principalmente os livros. Sentado com revistas literárias no colo, Tyrteu da Rocha, não se levantou para me cumprimentar, não sabia onde deixar as revistas, era pouco o espaço no sofá. Lucienne dispôs o bule de café sobre uma mesinha improvisada. Lucienne pousou a mão sobre o bule. Olhou para o Tyrteu e depois para mim.

- Achou que eu era diferente? – perguntou-me Lucienne.

- Escritora reclusa no interior de Minas tem fisionomia? – interrompeu Tyrteu.

- Talvez um verdadeiro escritor não tenha fisionomia – murmurei.

- Cruz e Souza morreu sem rosto, pobre e tuberculoso; o corpo transportado num vagão de animais, de Barbacena ao Rio – apontou ela.

- Stefan Zweig viu a paisagem russa na expressão de Dostoiévski – disse livrescamente Tyrteu.

- Maria Lacerda de Moura, que viveu em Barbacena – lembrou Lucienne -, disse: [*Já a mulher não precisa pensar: indispensável, entretanto, que seja chic, pernóstica e tenha prendas (...) Mesmo porque à maioria dos homens basta o bibelot ou a dona de casa*”.

Tyrteu esvaziou o bule. Quietos, os olhos vidrados. Desarrumou os ossos do pensamento, para ficar miúdo, desconstruindo as imagens prontas das mulheres que lhe fizeram história. Para ele, mesmo poeta, de futuras metrópoles - a condição de sulista, negociante de gado, componha a maior parte do que advogava no dia a dia. Nunca tendo outras palavras fora do manual dos homens, qualquer bebida estrangeira sobre a língua lhe fazia ânsia; amargor que ancorava na poesia, aonde sabia que não existia fronteiras; quantas vezes sentiu a língua de um poeta lhe derrubar do cavalo! Por essas veio parar em Minas. Amadureceu a juventude escutando da ida do poeta Cruz e Souza ao Rio Grande do Sul, em 1886. Vive ainda como se estivesse cartografado no século XIX. Está sempre a chafurdar os rastros do poeta simbolista, de quando ele esteve em Minas, em Sítio, localidade de Barbacena, para se tratar da tuberculose

numa Estação de Repouso e logo depois morrer, exatamente no ano de 1898. Assim, minha relação com Tyrteu da Rocha acontece precisamente pelo período histórico dos nossos fantasmas. No caso, o meu espectro, está três anos depois, no mesmo espaço.

*

Ouvi com atenção quando Lucienne disse:

- Lima Barreto esteve em Minas. Não falo de Juiz de Fora, quando ele foi espairecer na casa do tio, depois de compor o Júri da Primavera de Sangue, quando o Rio eclodia o confronto cívico-militar.

Ela se referia aos dois estudantes assassinados pela polícia. Lima votou pela condenação dos assassinos. Foi perseguido dentro da repartição, onde era funcionário, na Secretaria de Guerra. Na mesma época, o autor se opôs à candidatura de Hermes da Fonseca, Ministro de Guerra, seu superior.

- Falo de uma viagem anterior - prosseguiu Lucienne -, quando o Lima esteve em Barbacena, com os colegas da Politécnica. Barbacena é uma hora daqui, meu caro.

- Eu entrei em contato com a Biblioteca de Barbacena...

- Não - interrompeu ela -, eles não tem. A Maçonaria daqui... Eles tem um acervo absurdo. A Maria Lacerda foi Rosa Cruz. Com o Arthur Bernardes no governo de Minas, eles varreram o esoterismo e o anarquismo; restaram acervos particulares, onde pude transcrever a carta do Lima... O grão-mestre daqui recolheu o acervo de Barbacena, na época. Bernardes, quando Presidente, implementou a mesma política em 1922, caçando os divergentes e excedendo o poder criando um Campo de Concentração no Oiapoque.

- Carta do Lima Barreto?

- Sim, eles fizeram um pente fino... O Vianco recolheu senão...

- Como sabe que a carta era do Lima? – arrisquei.

- Tinha carimbo...

- É improvável; não está publicado qualquer correspondência...

- Mas eu li! – asseverou ela.

- Lima tinha garranchos...

- Está aqui a carta! Acredita? – disse ela, mostrando quatro folhas de almaço.

- É a tua letra, Lucienne...

- Sim, copiei à mão durante uma consulta à biblioteca do Vianco.

- A letra do Lima era ruim... Nem na Secretaria de Guerra eles entendiam...

- Sou escritora! Sei ler a mão de outro escritor! – disse ela; os olhos a trepidar uma faísca esquecida, como um trem na embocadura do túnel, prensado pela escuridão.

Lucienne defendia que o Lima ainda havia retornado a Barbacena em 1916, após contato com a pensadora Maria Lacerda de Moura, por intermédio de José Oiticica. O que acho improvável, sendo mais preciso um esbarrão no Rio, nas conferências anarquistas. Tal fato também é remoto, pouco se sabe de presença do escritor nas mesmas, assim como é comprovada a participação da pedagoga. O comentário de um para o outro nas redações dos jornais libertários impõe-se mais verossímil. “Na verdade eles se encontraram em Ouro Fino, isso sei da boca do Vianco... Mas aquele velho hoje não vale mais a palavra que come, queria me vender umas cartas...” Ela se refere à terceira ida do escritor a Minas, em Ouro Fino, em 1916, no Núcleo Colonial Inconfidente, a convite do jornalista Emílio Alvim. “Em 1900 - diz Lucienne -, eles se conheceram sem saber; só anos depois souberam da presença de ambos, quando confessaram a experiência do mesmo incidente”. Lima tinha dezenove anos e Maria Lacerda, treze. No trem de ferro, Rio-Barbacena, Lima, ainda estudante, foi com o pai e os colegas da Politécnica para a cidade mineira. Na frente do Hotel Aliança, Lima, de chapéu de palha (conforme Francisco de Assis Barbosa), fizera com os colegas a planimétrica no terreno. A descrição de quando o escritor esteve em Barbacena pela primeira vez está na carta, endereçada à pedagoga; ele narra como o sol desnor-teou cada um no desnível do terreno. As cordas não davam conta; ao que o professor recuou os alunos para um plano, onde um deles destopou a entrada de um formigueiro, impossibilitando o descanso de quem sentava esperando a vez da medição. Lima parecia o único atento à composição da cidade e a perspectiva da rua à porta das casas; percebia a textura social na fachada e o semblante diminuto, entre as frestas, como quem observa forasteiros. Ele descreve que sua cor era a palheta mais negra, mas devido a posição de estudante, estava destacado entre os brancos. Lima sentia-se um breu, mas dentro do holofote das frestas das casas era um cidadão, a quem os olhos fustigavam interesse. Barbacena queimava naquela manhã e os rapazes esgueiravam-se da aula prática. Bastos Tigre, naturalmente poroso, insinuava-se mais no clima da Mantiqueira. Entres os alunos, ele emanava o som da desordem juvenil em direção a Escola Normal, onde se treina futuras mulheres, combalidas a servir a inteligência da escola. Do Hotel, os estudantes teriam empregado uma caminhada a Escola Normal. O cortejo na Sete de Setembro a Av. Pereira Teixeira teria chamado a atenção - segundo Lucienne -, tal como o escritor francês Bernanos, nos anos 40, do alto do cavalo, assombrando os Barbacenenses. Já o Lima aderira à caminhada mais pela sonora

ocupação histórica das ruas do que pelo entreposto na Escola Normal, a observar a paisagem feminina. Ele sentia-se distante da poeira narrada nos livros, quando o assunto era a Inconfidência Mineira, mas, ali, naquelas ruas onde trafegou o primeiro grande judeu brasileiro, o barbacenense Joaquim Silvério dos Reis, Lima sentia o quanto a palavra traidor recolhera tudo o que era mesquinho da época para dentro de um nome. Ao mesmo tempo que as perninhas dos colegas da Politécnica deambulavam às soltas, ele era convocado, contra a vontade, a doer nos ombros o peso da História, de quem sabe das tramas complexas que imputam todos os dedos da mão a um personagem. O jovem escritor teria dito ao Bastos Tigre: “Como pensar num tempo passado, em que o mártir Tiradentes tinha escravos aos seus pés? E prender alguém na superfície de um único gesto, como pode?”. Bastos deu de ombros, longe da efusão de imagens debaixo da pele negra. O escritor convivia com a aderência às doenças a volta, a doença das palavras ou dos gestos inscritos nas andanças que fazia. Era como se a inteligência do lugar expressasse sua memória para a depuração do escritor. Não por menos, quando interno do Hospital Nacional do Alienados, em 1919, Lima escreveu que a pressão da comunicação dos espaços mentais, físicos e desconhecidos lhe sacudiam o corpo, tal como a sede e a fome o fazem. Quando chegou a Escola Normal estava pálido, preocupado com os encontros de Joaquim Silveiro dos Reis e Domingos da Silva Xavier, em Barbacena, este irmão de Tiradentes, tão imersos na vida da cidade que riram juntos - talvez naquela esquina, apontaram seus olhos.

Lima Barreto tombou na calçada da Escola Normal, girou em torno de si e sumiu no chão, entre os ternos alinhados.

*

Um alvoroço de pernas descera as escadas da Escola Normal. As estudantes romperam a porta da sala de aula assim que o professor, mergulhado na janela, acabara de ver a queda do Lima, estremada pelo grito do pai do escritor: “Afonso!” Foi o professor narrar que um estudante tombara no gramado à frente para todas saltarem das classes e se enrodilharem com as freiras nos degraus em direção a porta principal. Ninguém havia visto tal levante ainda na escola; prezou o professor pela coincidência de um certo ar morno que fez as estudantes amolecerem a atenção naquele momento e mirar a embocadura do ouvido para as janelas, a captar o ruído masculino. Mesmo o professor, padre austero, esqueceu a postura e seguiu as normas do amparo ao próximo. Talvez isso - lembra Lucienne -, tenha envolvido todos no

mesmo trajeto corredor-escada-porta principal. No gramado da escola, cercaram o jovem escritor como um verme observado na lente do professor de Ciências. Tomaram-lhe o pulso e a temperatura. Entre os braços do padre e das freiras, uma das estudantes rompeu num impulso a sua mão sobre a pele negra. A neve sobre uma terra de beira de mato. A linearidade do gelo diante da explosão de minerais. Assim ela ficou um tempo sem que ninguém percebesse, tão ocupados estavam em diagnosticar e reanimá-lo. Os flocos de neve foram se emaranhando entre os nós das raízes numa trama imprecisa, de texturas longínquas. Um observador não saberia dizer se a estudante analisava uma epiderme, como de um inseto mergulhado no álcool, ou experimentava o primeiro contato com a humanidade. Lucienne aperta minha mão. Está com os olhos entre abertos. Narra a carta do Lima a Maria Lacerda de Moura em 1916 ou ficciona? Não sei dizer. O interesse da estudante está esquecido entre as vestes eclesiásticas. Mas o jovem Lima não volta a si enquanto aquela mão também não retorna da onde veio. Fingindo-se, ele mexe o corpo para dar um sinal de melhora àqueles que o reanimam, porém toda a atenção está na mão da estudante. Se pudesse ficaria ali o resto do dia, menos pelo fato de uma jovem lhe tocar, mais pelo caminho do gesto, de afagar um desconhecido, escurecido diante dos olhos alheios; um corpo estranho num meio que lhe é impróprio, como um naufrago no meio do oceano, boiando sobre um destroço do destino. Desde jovem, Lima Barreto, aprendeu a separar a informação de quando alguém lhe toca pelo interesse em seu corpo, e de quando é a sociedade tentando acalentá-lo nas instituições. Tal como ele relatou, em 1918, sobre sua estadia no pavilhão do hospital, no Central do Exército, no Rio, de quando interrogado pelo Doutor Murilo de Campos; Lima diz do quanto este tem interesse na Literatura e nos Literatos, e que médicos assim, buscam se aperfeiçoar na análise dos inimigos da felicidade. Diante da palavra “felicidade”, Lucienne ri. Ela acha que os médicos e psicólogos estão mais para a manutenção do serviço da doença. Sem a doença vão viver do quê? Quantos escritores cederam o corpo para o buraco negro do confinamento? Uns voltaram com Literatura, outros ainda tremem a caneta diante do papel. Diferente daquela mão sobre o jovem Lima Barreto, o Afonso. Lucienne diz: “a jovem lançou a mão entre o padre e as freiras levada pela identificação com um corpo envolvido de Literatura”. Toda a vez que a Lucienne ia nesse caminho mineiro, eu era levado a crer no hipnotismo dos minerais da região, para não dizer outra coisa. O próprio Lima, em carta a Maria Lacerda, escreve que aquela mão sobre sua pele, demorou dias enrodilhada, as presas inoculando o veneno, as tonturas, a febre e os lábios secos. Depois quando acordou, não soube se já sentia a ausência da mão sobre sua pele ou se o afastamento brusco da mão o despertou. Olhou profundamente cada um a volta. Sentiu-se despido. Crivado de interesse

caridoso. Mais um pouco e o levavam para dentro das paredes, entre as humidades do claustro da Escola Normal. Levantou-se diante do olhar do pai, José Henriques. José não viu um ou dois homens estendidos no chão, viu vários quando almoxarife da Colônia dos Alienados, na Ilha do Governador, quando advogava sobre nós o início da República. Tratou o filho com o mesmo olhar lançado aos enfermos. Afonso espanou a mão sobre o casaco; nacos de grama despencaram na longínqua Barbacena. Trôpego, o escritor andou como Cruz e Souza nos últimos dias de vida, a pouco quilômetros daqui, levado num vagão de animais, sendo o primeiro corpo negro de Literatura a chegar morto ao Rio de Janeiro; Lima, ao contrário, com dezenove anos, queria sair vivo de Barbacena.

*

Lucienne coloca um axioma fundamental. Barbacena como um ponto, talvez político e climático de atração. A espécie do ar e a certa suspensão nos pulmões. Altitude das nuvens. As pedras segredando minerais. Elétrons golfando o cérebro. Poetas brotando gota a gota sobre as rochas. O que fez Lima Barreto tombar em Barbacena? E o que levou Cruz e Souza tentar o último respiro no interior de Sítio? E Stefan Zweig respirar a Mantiqueira antes do suicídio, seria a intuição de uma última paisagem? E o poeta francês Bernanos fincar a morada nas ruas barbacenenses, teria sentido o quê?

O que segue adiante, Lucienne Samôr, enviou-me em carta, escrito à mão, exceção feita após inúmeras correspondências à máquina de datilografar.

*

Afonso Henriques de Lima Barreto ainda perambulou pela cidade de Barbacena naquele dia, após cair da própria altura. O pai, José Henriques de Lima Barreto, não o deteve; desde da morte da esposa, Amália Augusta, que o filho mais velho cumpre o destino de ser arrimo de família, ofício que se tornou realidade após o pai se aposentar precocemente na Colônia dos Alienados, posterior umas contas não fecharem; receoso de não conseguir explicar o fechamento da contabilidade, o pai do Afonso, relata o medo de ser preso. Nada consta nas auditorias, porém, o fato muda completamente a vida dos Lima Barreto. A casa da família rompe aos gritos do pai que pede a presença do filho. Depois disso, os delírios do pai do escritor foram constantes até a morte de ambos. Afonso acudiu o pai. Sendo o esteio da família e

interrompendo os estudos na Politécnica. Junto da aposentadoria do pai, Afonso passa a somar a maior quantia dos ganhos da casa depois que entra no concurso da Secretaria de Guerra para a vaga de amanuense. Funcionário do governo, vive e escreve na casa da família, onde vivem dois irmãos, uma irmã e os gritos esporádicos do pai. A residência passa a ser apontada pela vizinhança como “A casa do louco”.

*

Tento decodificar a carta da Lucienne, derretendo-a aos poucos sobre estas linhas, como um mineral bruto.

Afonso deambula pelas ruas de Barbacena, aos poucos se refazendo do tombo. Anda com a cabeça cheia de ar, assim como, de repente, sente esvaziar-se. As paredes chapiscadas de cal são um anteparo para o corpo sem ar. Solta a gravata e os botões. Não pensa em retornar aos colegas e ao pai. Em algum lugar do cérebro sabe qual a hora do trem para o Rio, tem os passos contados. Na mesma linha de trem, Cruz e Souza seguiu morto nos trilhos a dentro. Será que o Afonso sabia do poeta catarinense nas mesmas paragens a três anos atrás?

O que ele não sabia era do bloco de gelo sobre a história do barbacenense José Silveiro dos Reis. Principiou a senti-la quando o ar lhe escasseou na esquina, num armazém sem nome, onde o dono tinha um rosto feito à Aleijadinho; as maçãs do rosto, o nariz e a testa salientavam o entalhe. Ali, entre os sacos de grãos a granel, Afonso tentou equilíbrio. As mãos negras entraram entre os grãos sem achar o fundo. Ele desabou os joelhos no chão batido; o escritor viu suas mãos sumirem num breve segundo. O dono do armazém elevou o rosto para ver o cliente que lhe sumiu de vista. Afonso movimentou os lábios para dizer que está tudo bem. O som não saiu. A altitude da cidade enxugou cada gota de ar do seu rosto. Seus joelhos dobrados sobre o chão não aguentaram a solidez dos grãos. Afonso deu um grito surdo. Nazaré se aproximou e ergueu o escritor, sentando-o numa cadeira de palha como se faz a um quilo de qualquer coisa. Ao soltá-lo moveu as cavilhas do rosto e armou os lábios.

- Nazaré Guerra, disponha – disse o homem.

- Afonso... – murmurou o jovem Lima. O escritor ainda pensou: “Falo Lima Barreto ou Afonso?” Escolheu o menor.

Nazaré fazia jus a um cerne no meio do mato. Talvez, fosse mesmo. Ali, porém, a fala lhe impunha dar êxitos aos negócios.

- Da capital? - prosseguiu Nazaré.

- Vim...

- Tudo é interior longe da capital, não é? Todos iguais... – sentenciou Nazaré.

Uma porta se abriu bem as costas de Nazaré, permitindo a luz entrar, o suficiente para um clarão numa prateleira de livros incendiar o cérebro do escritor no tempo que durou a porta aberta, não sem antes ver um vulto contornado pelos livros:

- O Almoço está servido!

Afonso penetrou à distância naquele recinto, um cão não faria melhor. O mais evidente naquele momento era a voz de uma mulher convidando-os à mesa. Em órbita, os olhos do Afonso seguiram os movimentos de Nazaré no fechamento do armazém. O estrondo de cada porta e trâmela ecoava dentro dos nervos. Nazaré encerrando o turno era colisão de cerne com cerne. Ao mesmo tempo, caminhava solidamente emborcando algum resto de grão esquecido nas latas. Ele chegou ao lado do escritor, como a dizer “o que está fazendo aqui?” Afonso se perguntava porque aquele homem não o mandou embora.

A mesma voz abriu a porta novamente para lembrar do almoço servido. Depois fechou bruscamente. Fatias de cal tremeram. Não restava opção, nem palavra. A porta repicando na parede, trincando, era motivo suficiente para eles encaminharem o silêncio à mesa e devorar as panelas. A escuridão impositiva do armazém, aos poucos, cedeu à luz da cozinha, assim que ambos entraram no recinto, iluminados por dois candeeiros. Ali, sob um telhado barroco, nunca a cor negra tinha se transluzido de trajes importantes. Eram sempre carregadores de sacos e recados, os ombros ardidados do arroz, feijão, milho ou açúcar. Todos eles sem nome andavam com mais pesos do que tinham. Já na dispensa da cozinha, os nomes saíam fáceis da língua de Abidala. Em cada pote de barro os condimentos eram tratados como pepitas. As iguarias expandiam o paladar dos tropeiros nas passagens pelo armazém, conhecido paradoro dos viajantes. Abidala era paraguaia, de Assumpção; criada desde de pequena em Barbacena, vinda das imigrações em torno das Minas, inicialmente em Diamantina; depois, sozinha, subiu a serra, pelo caminho novo, na mesma trilha dos tropeiros que hoje ela serve. Antes, esteve um tempo na beira do Rio das Mortes, assustada entre fazendas, trabalhando com as cozinheiras. Só depois chegou a Mantiqueira, quando o clima estava quente para aguentar uma viagem. Com uma trouxa de roupa desceu do cavalo como quem vem do nada. Fazia uma semana da morte de Constância, esposa de Nazaré. “Abidala parecia uma alma penada” - pensou ele.

- Sabe cozinhar? – perguntou Nazaré.

- ...

- É para os tropeiros... Tenho um quarto desocupado nos fundos...

- Eu matei um homem... – sentenciou ela.

*

Abidala disse sem pensar que degolou um homem embriagado dormindo ao relento, no oitão da fazenda... Não prosseguiu sua história e nem ficou parada para ver os olhos de Nazaré. Se agarrou na primeira vassoura e começou a levantar a poeira. “O armazém está aberto, varremos depois” – disse Nazaré. Ele era acostumado a histórias, tinha a cabeça desconfusa para isso de prever os medos de alguém contra si. Tinha ouvido de tudo, visto de pouco; conclusão para ele era na ponta do lápis, coisa de somar e dividir. Para ele era menos medo mais coragem. Abidala logo arrematou a língua dos tropeiros no fogão de barro. Vinte anos mais jovem que Nazaré, assumiu a união logo após o luto do comerciante. Tempo suficiente para ela restabelecer a pele mal dormida, das noites em claro, fugindo nos matos de homens que a queriam para a servidão. Com os passar dos dias, rejuvenesceu. Silenciosa, falava com os olhos. Com os mesmos olhos viu Afonso entrar na cozinha, que só sentava junto de Nazaré, enquanto os tropeiros comiam na entrada do armazém, sob um telhado de meia água. Afonso sentou pensando no pai. A expressão distante do jovem escritor se dilui para dentro dos olhos de Abidala. Ele sabia que ela não pertencia à Barbacena. Não tinha raízes aqui, acabou interiorizando a fala costumeira de quem lida com a passagem constante de quem vem e vai pelas estradas. O tipo indiático da paraguaia havia se amineirado, porém seus traços originários não passavam despercebidos para alguém da capital, acostumado a decifrar o país nos trilhos da Central do Brasil. Abidala ficou um tempo de pé, no costado da cozinhar. Só o feijão tropeiro estava intacto no prato do Afonso. Ele demorou a entender como aqueles grãos não estavam boiando, igual a feijoada da sua irmã mesa, observando aqueles dois homens sentados, diminuindo no prato o que ela demorou a Evangelina. A olho nu, parecia algo rançoso, que ele pretendia esquecer no prato, não fosse o apontamento de Nazaré:

- É o que ela faz de melhor – disse ele.
- Evangelina nunca fez assim – deixou escapar o escritor.
- Sua esposa? – perguntou Abidala.
- Os grãos ficam alagados no caldo à toucinho e louro – disse ele sem escutar Abidala.
- É feijão tropeiro – murmurou Nazaré.
- Sua esposa fica sozinha? – continuou Abidala.
- Não tenho esposa. Só os livros.
- Aqui tem muitos homens que ficam pelas mulheres – falou Nazaré.
- Nazaré tem livros e mulher, não precisou escolher – ela disse maliciosamente.

*

Abidala falava numa voz estendida, quase cansada como se ainda estivesse percorrendo o Caminho Novo. O mesmo aberto à picadas do Rio a Minas. Ela caberia na capital do Brasil se fosse lá morar, era um tipo que não se faria desconhecida pelas ruas. Afonso sentia sua voz no ouvido como um sussurro. Mais pelo fato de que as mulheres lhe chegavam primeiramente pelo ouvido. Se esforçava em ouvi-las mesmo que estivessem a sua frente. Precisava decodificar aquele som. Era uma pele sonora, que ele podia olhar e sentir as palavras nos poros. Mas isso era difícil acontecer. Talvez porque qualquer mulher lhe era estranha. Não entendia seus jeitos. Não por menos ele escreverá em crônicas sobre o feminismo, pontos cirúrgicos que denotam a questão do escritor não como repulsa à mulher, mas atento ao modo como a mesma foi construída no início da República - imersa nos escritórios obscuros dos interesses do voto feminino. A essa mulher ele não tinha desejo. A mesma mulher que era conivente com a prostituição, à moralizando, não vendo sua espécie como produto burguês, nem questionando o estado fazedor de guerra e triturador de jovens. A mesma se vinculava ao estado, o fortalecendo, com a pretensão do direito ao voto, enquanto operárias entravam e saíam das fábricas, subjugadas a qualquer coisa. Esse era um dos pontos para o Afonso não ter experimentado a pele de uma mulher, além da cama frustrante de uma prostituta, como dirá em seu diário. Havia uma blindagem para o seu desejo quando ficava defronte a uma mulher, como se não operasse as ferramentas que lhe eram apresentadas. Desconfiava e se intimidava. Também a timidez embrutecida na adolescência conspiravam nos gestos recolhidos diante de uma fêmea. Quando Abidala lhe perguntou de uma hipotética esposa, ele percebeu que ela o via como um homem. Foi a primeira vez que uma mulher lhe fazia tal projeção. Ela lhe observou como espécie. Espécie que não vive sozinha. Tal percepção, Afonso, mastigou quieto, comendo o feijão tropeiro, se esquecendo da ausência do caldo, do toucinho e do loro. Apenas sentiu um gosto bom. Um tempero diferente na língua. Eram as palavras de Abidala cozidas em cada grão. Afonso escutou a língua de Abidala naquele feijão, que lembrava-o da irmã Evangelina. E assim abriu uma ponte emotiva que não esperava travessar tão longe de casa. Sentia seu corpo se alterar, e para não demonstrar equilibrou os ombros à altura da altivez, que ele costumava prestar à escrita. Ali naquela mesa ele sentiu seu membro rijo. Uma ereção despontando nas calças. Por segundos não escutou nada. Ficou estático. Abidala achou que fosse o feijão. Expressou culpa e prazer, sem saber se Afonso bem dizia ou mal dizia sua comida. Se ela perguntasse “está bem?”, ele não saberia o que dizer. Ela não perguntou, mas seus olhos

estavam em cima dele. A textura do feijão, que abastecia os tropeiros para dias de travessia, dava ao escritor um novo mapa aberto por mulher que não era sua irmã. Evangelina era significativamente diferente ao catar o feijão, buscando os pedregulhos com a ponta dos dedos, da mesma forma que apertava as teclas do piano quando era apenas aprendiz para anos depois ensinar a arte musical. Abidala bem que poderia ter sido uma futura aluna de Evangelina, tal a destreza em separar os feijões carunchados dos sadios. Afonso se sentia desconfortado em olhar para as mãos de Abidala enquanto comia no prato ao lado do marido dela. Mas o lugar de jovem escritor e forasteiro punha em seus olhos a informação de alguém interessado em tudo. E assim era a impressão que ele distribuía no olhar. Na verdade mesmo, ele olhava para uma mulher com o tempo e o espaço que ainda não haviam sido permitidos em sua vida.

*

Afonso ainda se esforçava para manter na língua o tempero de Abidala, quando fortes batidas na porta assombraram Nazaré. Eram batidas precisas, que no rosto dele expressavam as deformações da porta, dilatando as frestas que pareciam romper os pregos. Não eram batidas, eram socos se alternando com a voz de alguém chamando “Nazaré!”. Não lhe restava saída, apenas se levantar em direção a porta. Olhou para Abidala do mesmo jeito de quando ela chegou e ele estava viúvo. Ao pé do ouvido disse para ela onde estava o dinheiro e caminhou partido por dentro. Abriu a porta e da rua uma luz invadiu o armazém. Dois homens saíram com Nazaré. Ela sabia que ele ficaria fora por dias ou semanas. Só não sabia como ele voltaria da jornada. Da última vez, ele demorou para retomar o ritmo do armazém. Abidala tratou de forçar um sorriso a fim de atenuar a partida de Nazaré. Afonso viu a silhueta dos homens, a mão no ombro e os gestos silenciosos. Para ele, a cena mais próxima disso era na Ilha do Governador, na Colônia de Alienados, onde aqueles homens não eram mais homens, era o que dizia o Estado. Não foi uma nem duas vezes, foram várias, que viu os encaminhamentos dos alienados dentro do hospício, quando não eram comitivas em torno de um louco. Depois aqueles papéis, as reincidências anotadas, as mãos no ombro, a força ou o braço no pescoço. Lá aprendeu a ver que um corpo humano podia não ser um homem, mas também qualquer outra coisa. Quanto menos homem, mais a psiquiatria aparecia. Afonso esperou de Abidala alguma palavra, porém só teve o retorno de gestos nas panelas, nos objetos, parecendo que tudo estava desorganizado, quando ao contrário, até mesmo de olhos fechados ela saberia o lugar de cada tempero. Ele não sabia o que fazer quando ela fixava-o nos olhos. Sentado ele esperava o momento que ela caísse

em si, de que estava sozinha com outro homem. Estava claro que Nazaré ficaria dias fora e que ela teria que lidar com as funções do Armazém. Depois o silêncio habitou o espaço, os olhos de Abidala penetraram dentro de Afonso, de modo instantâneo e decisivo, tal como ela fazia aos tropeiros quando algum vinha reclamar da comida, hora em que olhava bem no meio dos olhos e sabia pelo próprio entendimento que a reclamação não era da comida, mas da falta de mulher, que a caminhada era longa, que isso e aquilo. “O que te falta na língua é um gosto que não posso te dar” - dizia ela. A primeira vez que o Nazaré escutou tal afirmação, se envergonhou pelo freguês. Não sabia se ficava feliz ou se desculpava diante do homem. Como ainda não estavam casados, preferiu ficar quieto e escutar aquela frase como um voto secreto de amor. Esse é o limite que ela aprendeu a exercer desde que as primeiras leituras chegaram no Armazém. Nazaré, surpreendido pela afeição de Abidala com as palavras, não demorou em alfabetizá-la. Foram as palavras que deram um contorno ao seu corpo, antes solto nos caminhos da Mantiqueira. E as mesmas palavras eram sua arma de fogo quando ficava sozinha no Armazém e tinha que enfrentar os olhares de cada homem, e, às vezes, demorava a anunciar que Nazaré estava fora. Afonso pensou que poderia se postar no balcão a fim de garantir a ordem. Apenas pensou como uma fraqueza de quem reconhece a ganância de sua espécie. Logo percebeu que Abidala dispunha de métodos que a coligavam a humanidade, não se margeando aos homens. Ela sabia muito bem que veio de um pai, convivendo com um homem dentro de casa, vendo sua importância e seus medos, exatamente onde ele era referência e onde lhe faltava tato. Olhava para qualquer homem e o via encerrado nos mandos do mundo. Não viu um homem livre. Talvez, os negros livres, que encontrou em fazendas, eram os únicos que usavam tal palavra como garantia de voz, mas não de liberdade. Desde que passou a observar seu pai lendo escondido entre as frestas da casa de barro, nunca mais olhou um homem sem ver junto uma sombra de prisões, atrelada ao estado fazedor de guerra ou aos trabalhos escravos. “Meu pai ensinou-se a olhar um homem dentro dos olhos para além da força que ele aparenta” – ela lembrou, logo depois do primeiro homem tentar violenta-la; algo dentro dela edificou-se, e viu que aquele homem era prisioneiro de si mesmo, prisioneiro do próprio fogo da conquista, do fogo do sexo e da dominação. Como um bicho cravejado de adagas ela investiu todo o verbo que tinha dentro, sem descuidar-se da faca que sua mão levantou, a reluzir nos olhos do invasor. Não atravessou a faca nele porque o homem travou o corpo inteiro. Como foi difícil manter vivo o pensamento do seu pai naquela hora, porém nada mais lhe deu um chão seguro do que a memória daquela frase: “Só a fraternidade entre homens e mulheres poderia se sobrepor aos desmandos; o último resultado de uma guerra era separar a espécie humana.

Passado um tempo, depois de levarem Nazaré, ela assegurou a mão do Afonso e com a outra um lampião de querosene.

*

O seu pai a segurou pela mão sob a luz de um lampião quando a vila na beira do Rio das Mortes foi cercada pela guarda Imperial, numa das últimas tentativas de manter a Monarquia. Ela lembrou do pai levando os olhos da filha para dentro de uma mala, onde as enormes mãos do paraguaio retirou jornais velhos que escondiam livros. A chama do lampião iluminava destopando uma sombra que figurava no rosto do pai e da filha. Palácios tinha saído de Assumpção com a filha pequena sem nunca se apartar dos gestos de sua língua. Sendo conhecido na vila como o Espanhol. Era o único estrangeiro. Devido a Guerra do Paraguai sorrateava sua origem, se esquivando de respostas ou respondendo o nome de cidades desconhecidas. Se abrigava para não criar discórdias patrióticas. Com dificuldade na língua portuguesa e evitando a pronúncia de sua língua materna, não alfabetizou Abidala. Ela cresceu diante dos silêncios linguísticos do pai, que só praguejava em espanhol. Só durante a noite, com a ponta dos pés no chão batido, ela observava o pai, entre as frestas de barro, a sussurrar aquela língua estrangeira diante de um livro aberto. Era outro homem ali, não era seu pai. Inicialmente tratou aqueles livros como se o pai tivesse outra filha, alguém que ele poderia dizer coisas para não esquecer de onde veio. Tinha noites que ele mantinha uma única palavra na boca como um torrão de açúcar que faz a felicidade de uma criança. Debaxo da língua aquele volume fazia a capital Assumpção se enovelar do tamanho de uma lágrima e despencar do olho de Palácios. Não foi uma nem duas vezes que Abidala viu o pai enxugando o rosto diante daqueles livros. Para penetrar naquele recinto do pai, Abidala percebeu que deveria deixar a vila. Talvez em outro homem ela pudesse encontrar palavras que fossem autorizadas a permanecer o dia inteiro em sua língua. E isso aconteceu depois da noite que o pai lhe mostrou a mala de livros que ele abria e fechava para sussurrar seus segredos. A guarda Imperial já tinha deixado a vila quando ela abriu um dos livros, esperando que sua boca também abrisse e falasse coisas que tinha dentro de si. Mas nada além de silêncio aqueceu seu rosto. O pai a deixou sozinha com o lampião aceso e foi achar um buraco na parede para ver a filha onde antes era ele. No dia seguinte, Abidala não acordou na sua cama, levou a mala de livros, deixando Palácios só e abandonado à língua portuguesa.

*

Com o lampião, Abidala levou os olhos de Afonso diante da porta que abria a cozinha para a visão de vários armários. Ele pensou que era parte da dispensa dos alimentos, porém viu livros esturricados contra a parede. Sobre eles estavam perfilados documentos timbrados do Governo Mineiro. Ali, ele viu a perpetuação do estado. O quanto Joaquim Silveiro dos Reis passou a vida atrelado ao poder depois que denunciou os conspiradores da Inconfidência Mineira. As exigências que fazia para obter o perdão das dívidas, sempre barganhando a condição de delator para se safar dos seus negócios sem êxito. Joaquim Silveiro dos Reis integrava o círculo dos Inconfidentes, e prevendo falir, traiu a confiança do grupo e deu com a língua nos dentes ao se encontrar com o Visconde de Barbacena. Afonso observava os documentos sem entender o que eles faziam ali. Sabia apenas que o movimento dos Inconfidentes vinha de um grupo elitista, inseridos na política e na arte, tendo posses e escravos. O mesmo Visconde de Barbacena recebeu versos para festejar o nascimento do filho, escritos pelo poeta Tomás Antônio Gonzaga. Como fazer arte estando atrelado ao poder do Estado? Afonso sempre equacionou tal questão, principalmente depois de entrar para o funcionalismo público, como amanuense na Secretaria de Guerra, três anos após sua estada em Barbacena. Já reconhecido nos editoriais como o escritor Lima Barreto, sempre marcou com pontualidade uma escrita sobre os temas que nortearam a transição da Monarquia para a República, sendo ativo nos periódicos anarquistas ao mesmo tempo que exercia sua função no Estado.

Ali, naquele falsa cozinha, o rosto de Afonso e Abidala relampeavam silenciosamente com a luz do candeeiro, cuidando para as amarrações dos documentos não danificar as folhas. Mesmo com a presença de outro homem, Abidala fez esforço para não olhar os olhos de Afonso ao lembrar das palavras de Nazaré, de quando se edificou a República, de que “agora o governo incorporou o poder do rei num reinado de serviços públicos, onde cada funcionário tem voz régia”. Ela colhia da memória as palavras de outro homem para as devolver ao Afonso como se ele um dia tivesse dito a ela. E não era diferente o modo do Afonso perceber a República, por exemplo, vendo nas ruas os movimentos de embelezamento da cidade, removendo os cortiços do centro, sob o julgo médico-sanitarista. Afonso olhou em torno, do chão ao teto, pensando que aquele anexo da cozinha estaria posto abaixo no Rio de Pereira Passos. O escritor ergueu as mãos, num raro gesto de orador, para dizer que “o médico faz par com o engenheiro na construção de uma nova cidade europeizada na capital do Brasil”. Ali, em Barbacena, os efeitos disso estariam estreitados no Colônia, manicômio criado em 1903, que abarcava

indivíduos de todo o Brasil, trazidos pelos trilhos do chamado “Trem de doidos”. Barbacena perdera para Belo Horizonte a eleição de capital mineira, restando àquela o prêmio consolação de capital nacional dos loucos.

Abidala folheia um pequeno bloco de documentos onde está registrado as notas de compra referente as terras da “Fazenda da Caveira”, propriedade de Joaquim Silveiro dos Reis, que teve diversos donos antes do comendador Francisco Ferreira e os médicos Gonçalves Ramos e Rodrigues Caldas adquirirem, para, em 1889, inaugurarem o Sanatório de Barbacena, a Casa de Veraneio e de Repouso, servindo ao tratamento de tuberculosos, como uma espécie de Spa, onde a elite carioca se hospedava, aproveitando o ramal da Estrada de Ferro-D. Pedro II, depois denominada Central do Brasil. A “Fazenda da Caveira”, no alto do morro Caveira, demonstrou-se aprazível em seus ares terapêuticos. A relação climática de Barbacena tornou-se o ponto de convergência na busca de soluções às doenças pulmonares; região de clima mais frio que a média do país. Assim, o clima da cidade corroborou quando o Hospital Colônia de Barbacena inaugurou suas dependências no mesmo local do Sanatório, em 1903, aproveitando-se da edificação, já que faltava verba do Estado para construir outro. As baixas temperaturas no Colônia colocavam os pacientes em reclusão, o que inicialmente permitiu teses terapêuticas no tratamento. Mas a hipótese configurou-se política, pois, Barbacena, na verdade, não era a cidade mais indicada, castigando os internos exatamente pelo frio, ainda mais que as estruturas precárias do Hospital foram sendo reveladas com o passar do anos, associando-se aos Campos de Concentração.

*

Entre aqueles livros, na falsa cozinha, Abidala e Afonso tinham em mãos o diário do irmão de Tiradentes, Domingos da Silva Xavier, padre em Barbacena, aonde estão escritos os encontros dele com o algoz da Inconfidência, Joaquim Silveiro dos Reis. Afonso pigarreia, o colarinho empapado de suor, nem coçar o nariz ele faz, receoso de emporcalhar o rosto com as mãos repletas de poeira dos livros. Afonso reconhece nos movimentos Republicanos o resgate da memória do Tiradentes, como busca de um herói crístico, que baliza um ideal revolucionário e cristão, típico da ideia de unidade do Estado em torno de um; um líder e a relação com o povo orientados por mitos que toda a gente tem dentro de si.

Reproduzo um trecho do diário, atualizado para o português do nosso tempo: *Joaquim Silveiro dos Reis vinha na minha Igreja pela temperança que eu tinha em restabelecer os*

extraviados de Deus, e ouvir aos que faltavam ar no cérebro, deambulando doidices do ouro e aventuras errantes. Falava do meu irmão, das suas aparições públicas relacionadas ao curandeirismo, mas na verdade estava dando subsídios ao Estado para intervir contra os Inconfidentes, o biografando de mártir e o expondo como contraventor, idealista, curandeiro... Ele foi dissecado como instrumento para o poder. Joaquim Silveiro dos Reis foi a informação - interessada na proteção do Estado frente aos seus bens.

Domingos da Silva Xavier se recolhia na Sacristia para não receber Joaquim Silveiro dos Reis, que cada vez mais detalhava os movimentos de Tiradentes, se emburacando nos rincões das fazendas, atendendo a toda sorte os males que apareciam, não só dos dentes, mas também da língua do povo. Quantas vezes Domingos foi interpelado por Joaquim a ouvir cenas do irmão? Muitas, a perder de vista. Domingos durante a missa, diante dos inúmeros fieis, sentia os olhos de José na plateia, a dizer “teu irmão vai mal, não vai fazer nada?”

Naqueles dias de nevoeiros intensos, Barbacena desaparecia. Eram tempos de encontros sorrateiros acerca das atividades do país. Dias em que Domingos saía pelas ruas como um corvo dentro das nuvens. Era quando ele podia almoçar na casa de algum fiel, sem sentir a sombra do Silvério. Domingos caminhou um tanto e olhou para a sua Igreja, mas não a viu, estava coberta pela neblina. Ele não era acostumado a andar sozinho se não pudesse ver sua Igreja à distância. Era uma espécie de limite que ele colocou para os percursos na cidade: os passos com a cruz e os passos sem a cruz. Andava um tanto sobre as sandálias de couro e olhava no horizonte, a ver se a cruz no topo da Igreja persistia sobre as casas ou se estava submergida pelos relevos de Barbacena. Quando ele não a via mais, voltava imediatamente até a ponta da cruz aparecer novamente e iluminar sua alma. Seguia tal intuição à risca, principalmente depois que Joaquim Silvério passou a segui-lo, sempre a dizer novas informações sobre Tiradentes. Informações que não eram nada animadoras. Domingos atravessava o nevoeiro à espera de voltar sob um céu descoberto com a visão da Igreja novamente a sua frente. Porém, precisa correr o risco de não ver a referência de Deus as suas costas e seguir pelas veredas pedregosas. Era a primeira vez que ele desobedecia o perímetro estabelecido pela cruz. Sentia as pontas das pedras alfinetando a sola das sandálias. E andava onde apenas o ruído do chão esburacava o silêncio. A cada sacolejo do corpo nas pirambeiras do fim da cidade, ele ajeitava o diário debaixo do braço, sob a proteção da batina. Por duas ou três vezes errou o caminho, tendo que retornar. “Não lembro dessa árvore aqui”. Andou até ver a quina de uma casa. Depois avistou uma porta de madeira, talhada de rachaduras. Bateu de um só golpe. Abriram. Ele entrou como se estivesse sendo perseguido. Entrou deixando para fora o nevoeiro. Lá dentro escutou uma voz que

demorou a entrar no seu ouvido. “Seu irmão está preso, dificilmente sairá vivo”. Domingos escureceu por dentro, como se o nevoeiro estivesse entrado na casa, ausentando da memória a cruz da Igreja e facultando a ideia de Deus. Naquele momento a batina pesou mais que os ombros podiam suportar. Ali, nos próximos dias, foi amparado pela mesma voz que noticiou a prisão do irmão; do mesmo jeito também escutou inúmeras pessoas que entraram na casa para consolá-lo entre aquelas paredes de barro. Barbacena ficou impregnada de sombra. E o céu da cidade tinha inoculado todo o nevoeiro da região para dentro de si. Não era diferente o semblante das pessoas, sabendo que o seu sacerdote estava trancafiado, em pleno luto pela prisão de Tiradentes. Em todos os dias em que lá esteve, Domingos, não abandonou seu diário, que todos pensavam ser sua Bíblia. Quando a reunião em torno da casa se aglomerou ao ponto do som de fora abafar o de dentro, Domingos, levantou a voz, a voz de orador costumeiro, pregador exímio, que alguns diziam ter voz de poeta. Avantajado de corpo ficou debaixo do marco da porta, na entrada da casa, tal como costumava se dirigir aos fiéis na Igreja. Seu corpo estreitou a porta, derruindo torrões de barro. Abriu o diário. E começou o culto.

*

Abidala apontou no diário o trecho que Domingos teria lido. Afonso correu o dedo sobre as linhas sem entender a grafia, tendo que recorrer às anotações de Nazaré. Nazaré transcreveu o diário de Domingos a fim de o manter preservado nos trechos de possível leitura. Era o que ele fazia à noite, tal como o pai de Abidala entre as frestas da parede, sob o olhar da filha. Afonso lia com os olhos de quem tem má caligrafia, discordando alguns pontos que Nazaré interpretou. Talvez fosse para se mostrar a Abidala, afinal nunca tinha ficado tanto tempo junto de uma mulher. O dia findava. E sem demora teria que ir a pequena estação de Barbacena para embarcar no Noturno em direção a Capital. Seu pai e os colegas da Politécnica deviam estar a sua procura. Sentia como uma pontada nas costas uma possível batida na porta do armazém, tal qual a mesma que retirou Nazaré de dentro do seu estabelecimento. Enquanto os nós dos dedos não estalavam na porta o chamado do pai, Afonso dedilhava o diário de Domingos, ao mesmo tempo que sua mão passava um tempo tocando nos dedos de Abidala, a cada folha do diário que eles transpassavam como fatias da vida do havia debaixo da terra onde estavam. Entre a mão da estudante que se entrelaçou com a de Afonso na Escola Normal e a mão de Abidala haviam átomos que lhe asseguravam como escritor. Só um escritor poderia presentificar um corpo inteiro a partir do toque de uma mão, e isso ser suficiente para o prazer, pelo simples fato

de que ele procura uma força que entre em atrito com a sua, sem precisar condecorar o acontecimento com nomes e ordens sociais que unem e desunem as pessoas. Afonso sabia que a sua vida necessitava de tempo e espaço para experimentar histórias no corpo. Por isso, demorava ali os segundos do nascimento de um corpo. Ao pé do ouvido de Abidala, ele disse:

- Aqui está. Escute esse trecho: *O que falaram do meu irmão era o necessário para o Governo tomar as providencias cabível nas ruas, evitando novos vultos heroicos. Eles precisam daquilo que meu irmão apresentava em suas andanças. O cristificaram para atender às crenças do povo, para aderir em suas carnes a ideia de um mártir. Toda história dos Inconfidentes ficou sob seu nome. Um nome apenas para reunir os males a volta. Ele era o homem preciso para servir a lei do Rei diante do povo. Ninguém mais lembra que ele curava os dentes. Todos pensam nele como um revoltoso, meio louco, que andava pregando ideias. Sempre quando uma cabeça cai é para nascer a figura trágica do cristianismo. E renascer nos corpos a tirania contra a liberdade. Inventam um novo Cristo para reacender a história da força militar que protege os homens com leis diante daquilo que tenta nascer de novo no coração dos homens.*

- Tenho medo que Nazaré não volte – disse Abidala.

Um estrondo na porta do armazém estremeceu ambos.

- Não abra! – disse Afonso

Nova batida. “Afonso!” – gritaram.

Abidala correu e abriu a porta. Era o tropeiro Manoel, seu cliente.

- O pai do Afonso está na Estação! O Noturno sai em breve para a Capital... – disse Manoel.

“Ele já vai”, disse Abidala. Ela foi fechando a porta demoradamente. Ainda com os dedos na tramela, ela gritou: “Afonso!”. Ao se virar, ele estava atrás dela, como uma sombra. Entre os dois corpos, havia pouco espaço, mesmo para a poeira ensolarada do fim da tarde. Abidala era um pouca mais alta que ele. Da proximidade que estavam, ele teve que inclinar um pouco o pescoço. Afonso tinha a boca grande e carnuda num rosto pequeno. Era a primeira vez que uma língua entrava na sua boca. Garimpou o paladar como um beija-flor deflora o néctar. Não era a presença de uma mulher que lhe umedeceu os olhos, era a presença do humano. Um gosto que não era o seu, e que também lhe provava. Ele tinha impressão que sua língua imprimia gosto de papel. Sempre teve essa sensação. Talvez pela timidez, preferindo a escrita ao invés da voz. Partilhava pouco a língua, mais os olhos e os ouvidos. Mas na boca de Abidala esqueceu as palavras. Na verdade, ela lhe beijou. Ele só apreciou o esquecimento dos pensamentos e sentiu cada parte do corpo despertar todos os vagões dos pés à cabeça. Não era um beijo. Era

um formigar dando sentido as ilhas que tinha no corpo. Permitindo ao sangue ativar os elos. Afonso não saberia dizer quando terminou. Só sabia que o seu corpo estava reconhecido e identificado pela espécie humana. Como andar na rua depois disso? Era como se tivesse praticado um crime. E Nazaré? Pensou nos livros como se Abidala tivesse beijado uma página, não um homem. Ou melhor, um homem que lê. Daí tanto faz o beijo ser no seu marido ou num escritor.

Afonso andava nas ruas sem olhar as pedras que despontavam sobre sua sola. As mesmas pedras o acordaram enquanto caminhava ligeiramente em direção a Estação. Lá estava seu pai e os colegas da Politécnica. O Noturno havia chegado a pouco. Ninguém falou nada porque ao lado deles um caixão era carregado em direção aos últimos vagões. Afonso seguiu o caixão porque reconheceu o Manoel, que assegurava uma das alças. Aproximou-se dele, aproveitando uma breve pausa para inspeção dos guardas.

- Manoel?

- Afonso... Chegaste a tempo, meu caro. Fui chamá-lo. Pensei que...

- Quem vai aí? – indagou Afonso.

- O quê?

- No caixão.

- ...

- Manoel... O que foi? É teu parente?

- É uma tragédia, Afonso... Não posso contar aqui...

- O que houve, Manoel?

- Vão levar o corpo para a Capital.

- Quem morreu?

- Nazaré...

Afonso rompeu a tampa do caixão, sendo parado pela mão de um guarda sobre o seu peito.

- É parente? – perguntou o guarda.

- Afonso! – gritou o pai. “É meu filho!” – gritou José Henriques, seguido dos colegas que correram juntos ecoando suas vozes pela Estação, confrontando o som do apito do trem, que em breve partiria.

- Conhece o morto, Afonso? – indagou Bastos Tigre, seu colega.

- Almoçamos juntos...

O trem apitou novamente. Todos embarcaram. Afonso fixou os olhos na paisagem, na esperança de diluir seus pensamentos. Mas a presença do caixão nos últimos vagões se sobrepôs à paisagem. Afonso sentiu um amargor na boca ao pensar na língua morta de Nazaré sacolejando dentro do vagão. Abriu a bagagem e pegou o diário de Domingos da Silva Xavier. Ali ficou lendo, não as palavras de Domingos, mas as anotações de Nazaré em folhas soltas entre as páginas. Lia como se o escutasse. E relia e relia. Afonso era um homem se despedindo de uma língua morta. Sua vontade era atravessar os vagões e beijar aquele homem, lhe dando novamente a pulsão da vida. Um sopro de ar nos seus pulmões. Ou lhe devolver o gosto da amada nos lábios. E depois continuar a atravessar os vagões para selar os elos. Avançando os passos a contrapelo dos trilhos. Até, quem sabe, no último dos últimos dos vagões, ver a lembrança de um vulto do que foi Cruz e Souza. De quando, há três anos, foi transportado morto num vagão de cavalos em direção ao Rio. Nazaré era o seu Cruz e Souza, um ouro sem brilho exportado para o Rio de Janeiro.

Tyrteu da Rocha me enviou o poema que segue, depois que escrevi em carta que eu estava no Noturno para o Rio, dentro dos olhos do Afonso. Lucienne não me respondeu mais. Tyrteu era o meu único elo para seguir a dissertação que eu escrevia sobre o escritor Lima Barreto. Embora eu soubesse que os nossos caminhos iriam se desviar aos poucos, a partir do momento que eu me aproximasse do Lima, e ele do Cruz e Souza.

Ironia de Lágrimas

Junto da morte é que floresce a vida!

Andamos rindo junto a sepultura.

A boca aberta, escancarada, escura

Da cova é como flor apodrecida.

A Morte lembra a estranha Margarida

Do nosso corpo, Fausto sem ventura...

Ela anda em torno a toda criatura

Numa dança macabra indefinida.

Vem revestida em suas negras sedas

E a marteladas lúgubres e tredas

Das Ilusões o eterno esquife prega.

E adeus caminhos vãos mundos risonhos!

Lá vem a loba que devora os sonhos,

Faminta, absconsa, imponderada cega!

Cruz e Sousa

3 TODOS OS SANTOS - LITERATURA E RESENTIMENTO

*Barracão de zinco
Tradição do meu país
Barracão de zinco
Pobretão, infeliz
Vai, barracão
Pendurado no morro
E pedindo socorro
À cidade a teus pés*

Luiz Antônio e
Oldemar Teixeira De Magalhaes

Eu sabia a imagem do Rio de Janeiro que o James Ruibarbo Santa Cruz exalava pelo bairro, emplacando memoriais dos anos vinte e demarcando em catálogos os figurões financistas da cidade. Amava a trajetória dos Guinle e pensava num Copacabana Palace no bairro de Todos os Santos. Mas não era difícil supor que, além disso, James Ruibarbo projetasse uma possível higienização das marcas de um escritor.

Até então eu não havia percebido algo a mais no edifício Renovare, construído sobre o antigo habitat do escritor Lima Barreto. Ali, ele morou, na Major Mascarenhas quase esquina com a José Bonifácio. Quando entrei na Mascarenhas lembrei pouco da localização, apenas que havia um tufo de árvores, como se de longe a rua estivesse entupida por um buquê de flores. Estranhei. O James Ruibarbo era avesso às árvores. Se o Lima tivesse se suicidado numa dessas árvores, sem dúvida o James Ruibarbo adornaria o tronco, os galhos e as folhas, inaugurando uma placa: “Aqui um escritor mulato perdeu a cabeça”. Alguns poetas afeitos a um Olavo Bilac olhariam com poesia tal frase, como a dizer que um escritor precisa perder a cabeça. E ainda beberiam a frase de James Ruibarbo, incomodados com a presença de um tipo como Lima Barreto na Literatura da cidade. “Até hoje não encontrei o Rio do seu Barreto” – diria um deles. Tropecei só de pensar tal cena. Em algum lugar do tempo é uma cena possível. Na verdade, tropecei porque pisei em meus cadarços desamarrados. Meus pés pararam diante de uma placa de bronze no chão. Era o brasão da alfaiataria dos Santa Cruz, avós do James Ruibarbo. James costumava desfilar com uma coleção de ternos dos avôs. Era um corte dos anos quarenta, que ele dizia ser dos anos vinte. A alfaiataria Santa Cruz começou nos anos trinta. Era pouco provável a recuperação de um corte de décadas atrás. Afinal, um alfaiate nasce no seu tempo. O resto são recortes de revistas e jornais. Manequins. Imitações. Alguém dizendo assim e assado. “Os ombros em relação ao pescoço”. Bijuterias, coisas do tipo. Demorei a amarrar os cadarços. E de onde eu estava, agachado ainda, inclinei a cabeça como um menino diante das

primeiras aeronaves destopando o céu. Era o topo do edifício Renovare. Era um prédio comum. Cheio de caixas de gente. Mas um dia o seu teto foi raso, perto do chão lamacento, entre animais. Pensei num Lima Barreto gigante, que rompera o teto, se edificando sobre o Rio, numa empreitada tipicamente brasileira. Porém, não seria o Lima. Ele era avesso aos arranha-céus. Vivia na superfície desalinhada das ruas, na leitura do andar de toda gente.

Na frente do edifício Renovare, um aglomerado de gente se aninhava naquela tarde, entre a rua e a calçada, em direção às árvores robustas, entroncadas e bem enraizadas. Uns atacavam, outros defendiam. No centro da discussão, o James Ruibarbo Santa Cruz. Avantajado no corpo dos seus sessenta anos, mostrava a autorização. As raízes estavam destruindo a calçada e os galhos se entalhavam nos fios de luz. “Manda podar então, pra que derrubar?!” – diziam na rua. Ele acenava com a mão, como se fosse uma lâmina, indicando para cortar embaixo, logo acima da raiz. A pitombeira era uma enorme sombra no bairro. Sombras são para descansar e dizer pilhérias. Uma árvore a menos destopava o teto dos encontros na frente do prédio. A queda tornaria áspero o ar. A empresa responsável disse: “Vamos por abaixo!”. Uma mulher beirando os cinquenta anos, mas aparentando sessenta, que estava atrás do James Ruibarbo, deu um grito e se lançou no pescoço dele. As unhas sumiram dentro da carne. James Ruibarbo Santa Cruz gemeu. Os naco da pele ficaram nas unhas de Clara. “Qual seu nome? - perguntou o agente de trânsito minutos depois dos moradores a retirarem de cima do James Ruibarbo. “Clara dos Anjos” – disse ela, na altura dos nervos. Rubens, agente de trânsito, fez as vias da lei diante das ameaças que James Ruibarbo estilhaçava para todos. Rubens sabia que o James Ruibarbo subornava para facilitar a derrubada das árvores. Mas teve que, com os próprios dedos, estancar o rasgo no pescoço. “Esse povinho não gosta de mim!” – disse ele com a cabeça em brasa. A palavra “povinho” naquela altura da Mascarenhas deu ruídos e juntou mais gente em torno do empresário. “Eu nasci aqui igual a vocês” – tentou consertar. De repente, num ponto da Mascarenhas, exatamente onde foi a última casa habitada pelo escritor Lima Barreto, um nó de pessoas estrangulava a rua, como um novelo de pelos na garganta de um gato. Quem viu a Clara na rua, a expressão desfigurada, partia em direção ao James Ruibarbo, que estava acuado contra as paredes do próprio prédio. “Esse prédio é da Clara!” – gritou um, mais exaltado. “Ela tem direito” – outro esbravejou. James Ruibarbo nem sentia mais o talho no pescoço. O seu corpo doía todo, esmagado pelos olhos do bairro. O estranho para ele era perceber que aquelas pessoas a sua frente estavam mais ligadas a Clara do que ao bairro. Algumas ele nunca tinha visto, porque não moravam ali, apenas trabalhavam. E Clara intermediou o emprego de muitos.

James Ruibarbo estava acuado, nem o Rubens exercia sua função pública, mesmo com as buzinas dos carros estourando nos ouvidos da rua. “Para essa gente, Rubens!” - alguém ouviu o James Ruibarbo gritar. Mas o som saiu abafado. Só restou ao James Ruibarbo se enfiar pela lateral do prédio, num estreito que ele passou de fininho, amarrotando o terno como se amassa a estampa de um século. Acuado, ele era um rato num cano sujo. Andou na lateral do prédio, exatamente onde ficam depositados os objetos que caem das janelas ou são arremessados. De longe algumas cabeças ainda acompanhavam aquele vasto corpo espremido, se embretando. James Ruibarbo pisava no chorume e nas baratas. Um frio úmido lhe subia nas canelas, e, ao mesmo tempo, ele olhava para cima com medo de alguém acertar seu corpulento alvo. Oferecia mais as costas do que a cabeça, enquanto passava pelas janelas da lavanderia do seu prédio. O som das máquinas de lavar giravam tanto quanto seus pensamentos. A porta dos fundos da lavanderia foi aberta e uma mão lhe puxou para dentro.

*

Entre azulejos brancos, o rosto do James transpareceu.

- Onde eles estão? – ele perguntou.

- A polícia acabou de chegar – disse Cléo, filha de Clara.

Cléo exibia os traços da mãe, não na fisionomia, mas na expressão dos ângulos, na saliência dos ossos, vestidos de uma pele negra vigorosa – azeitonada, ora clareando, ora escurecendo. Ela se conteve para não esbofetear o dono do prédio em que trabalhava.

- Aquela velha! – disse ele, se referindo ao corpo envelhecido de Clara.

- O senhor está imundo, mas melhor sujo do que morto – disse ela, retirando o casaco dele com as mesmas maneiras que se faz a um bebê.

- Ela me cortou! – ele esbravejou, enquanto Cléo observava as roupas girando nas máquinas – lavando a sujeira de tanta gente do bairro.

Ela não morava em Todos os Santos, conhecia o bairro pelas roupas. Fazia a média pelos duzentos clientes da Lavanderia Santa Cruz, sem contar a clientela flutuante.

- Vai saber onde ela enfiou as unhas. Essa gente tem a vida de todo mundo na ponta dos dedos, apontam e passam a mão em tudo – disse o patrão desabotoando a camisa branca; alguns traços de sangue atravessaram o casaco, no intervalo entre os botões.

- Se nós temos tanto veneno assim, é melhor preparar teu óbito, veneno acumulado é letal – disse Cléo, com a camisa branca nas mãos. Contra o sol que entrava pela janela, o branco transparecia o sangue, como se alguém tivesse sido alvejado.

- Tu achas que eles tem tanto ódio assim? Era só uma árvore – disse James Ruibarbo, sem camisa, enquanto abaixava as calças e a alcançava a Cléo, sem olhá-la nos olhos.

- Ela sempre foi sombra para a minha mãe.

- Aquela árvore deve ter a tua idade, Cléo. Tua mãe plantou quando trabalhava aqui. Foi logo no início de tudo.

Cléo olhava as palavras daquele homem semi nu; observava os lábios pequenos no rosto redondo, tipo sol. Parecia que as palavras não saíam daquele corpo, não soavam das tripas. Talvez lhe caiba bem a expressão “da boca pra fora”.

- Quanto tempo trabalha aqui, Cléo?

- Um quarto do que a mãe... – ia dizer “se humilhou”, se conteve na imagem da mãe aguentando os comentários dos outros funcionários. Guardou o nó na garganta. A mãe todo o dia na lavanderia, a primeira a chegar e a última a sair. Era a mais antiga e nunca lhe ofereceram o cargo de chefia. Quando tinha manchas nas roupas, era “Clarinha pra cá, Clarinha pra lá”.

Foi a época que o James Ruibarbo se espalhou pelo bairro. À noite derrubava as fachadas das casas tombadas, de dia comprava os terrenos.

- Você mereceu a chefia, Cléo – continuou ele, diferente dos modos que costumava aplicar nas conversas e negociações. Não olhava para ela. Era um boneco sem roupa, esquecido pelas crianças. Se ela pudesse desvestia a roupa de chefe e se vestia de mãe.

- Tudo que sei aqui, aprendi com a mãe – retrucou ela, num tom alto e demorado, para que cada sílaba perdurasse pelos cantos da lavanderia.

Ela não gosta quando ele fica assim, prefere a clareza das ordens, “vem aqui, vai lá” ou “esse não trabalha mais comigo”. Diferente dessa moleza na língua.

- Eu poderia processar a tua mãe – disse de pé. “Agressão” – e passou os dedos no rosto, exatamente onde as unhas de Clara entraram. Ficou passando a ponta dos dedos no pescoço, a extrair qualquer resquício na pele que o desunisse completamente de Clara.

- Sua roupa deve estar seca, seu James.

Cléo, habilmente se levantou. Sempre soube sair dos pântanos psicológicos. Num segundo estava com o paletó pendurado na frente do James Ruibarbo, com o braço fazendo a vez de cabide. Imóvel, como um rosto de cera, Cléo, olhava o horizonte fixamente. Os olhos a girar dentro do tambor de uma das máquinas. James Ruibarbo agarrou o paletó, enquanto Cléo

criava um texto qualquer na cabeça, sem perder a visão da roupa na máquina, dando voltas em si mesma:

“Aquela roupa é do seu Antônio; sempre uso o pronome possessivo antes do nome próprio de alguém para fingir um lugar de importância a determinada pessoa, de modo que eu fique incógnita. Seu James tentou me olhar nos olhos e não viu ninguém. A roupa do seu Antônio continua girando. Parou. Vai centrifugar. Se eu pudesse colocava tudo que estou sentindo para centrifugar. Seu James abotoa o paletó lentamente. Já me viu assim outras vezes, fica sem saber o que falar. Eu fico só esperando ele evacuar. Inclusive, penso muito em dar um murro no alarme de incêndio, meus dedinhos estourando o vidro e o alarme ecoando pelo prédio todo, como se saísse da minha garganta. Meu rosto permanece em estado de cera. Não consigo parar de formular frases. Não é pensamento. São frases. Imagino cada letra impressa. Os escritores não iriam entender os conceitos de pensamento e frase como distintos. Não iriam aceitar. O último botão do paletó do James está selado. Repito dentro da minha pele, da caverna onde estou ecoando a minha voz: sou a funcionária chefe da Lavanderia Santa Cruz. Que cafona colocar o sobrenome nos negócios, ainda mais quando é um sobrenome que tem a pretensão de ser letrado pelas ruas. A tudo quer se inscrever, como se o nome fosse um parasita. Vou parar de pensar e olhar dentro dos olhos do James. Olho e vejo um novelo de roupa suja girando dentro dos olhos dele. Vão girando e girando e girando”.

- Não quero que tua mãe venha mais aqui; quer trazer a roupa dela para lavar, pode, mas pelas tuas mãos – disse ele, cortando a tela de palavras da minha cabeça.

Cléo continuou dizendo para si mesma, enquanto observava o James saindo pela porta:

“Sou Cléo dos Anjos, sem nome paterno, mulata, um metro e setenta e nove centímetros, professora à noite e chefe da lavanderia Santa Cruz; filha de Clara dos Anjos. Meu pai é branco, de sobrenome; enganou minha mãe de caso pensado. Moro em Inhaúma. Nossa casa era do James Ruibarbo. Tem quintal e frutas. A lavanderia dá mais dinheiro que a licenciatura. Tive um namorado, o Osmar Ruas – rinheiro, bicheiro e herdeiro da tipografia do pai. Eu gostava mesmo era de namorar na tipografia. Só lá eu tinha vontade de ser um papel em branco, ao invés de ser um papel em preto, que não adianta escrever, ninguém vê, porque o preto já vem escrito; está cheio de dizeres, blocos inteiros, paredões intransponíveis, que precisa ser garimpeiro para achar algo inédito sobre o preto. A vontade é juntar todos os papéis em preto que conheço e rodar na lavanderia, limpando cada palavra preta para que os pretos pudessem fundir o próprio papel com a palavra que melhor lhe convém. Tinha vontade de rodar nas prensas do Osmar, imprimindo meu papel preto sem o peso das palavras que herdamos. Sinto

falta do Osmar mesmo não entendendo como ele faz as vontades do James Ruibarbo. A gente se encontra, mas pouco; o único lugar possível é a tipografia porque o Osmar está sempre lá, nas rinhas, no jogo de azar ou imprimindo papéis - tudo ocorre naquele lugar, inclusive nosso namoro. Eu mesma, por falta de opção, já trouxe da tipografia um manual técnico de reparos tipográficos – li na lavanderia. Coisas que só se faz no início do namoro, para ter algum assunto. Eu dizia, “Eu sei, primeiro sai as fontes, depois a prensa. A prensa não sai, a gente vira para azeitar as molas”. Por um instante, ele me olhou como olha para os seus galos de rinha – entusiasmado. O amor, para mim, se confunde quase que completamente com a satisfação de receber o retorno de meros folhetos que o Osmar me separava. Todas eram encomendas do James Ruibarbo. Eram folhetos raros. Até a mãe lia. Falavam da gente do Municipal. Estrangeiros que se apresentavam no teatro nos anos vinte. A mãe nunca entrou no Municipal. Ela pensa muito nas cortinas da boca de cena, no trabalho de tirá-las para lavar. Se ela fosse lá, ficaria olhando as cortinas, medindo com os olhos o quanto havia de tecido. Quantos vestidos ela poderia fazer com aquelas cortinas? O suficiente para várias noite de gala. A mãe daria uma boa dramaturgia. Entraria no palco com suas roupas desgastadas e na primeira cena cortaria uma cortina, cobrindo o corpo de lavadeira. Ela disse para mim: “filha, estude para cobrir os buracos de nossas roupas. Cubra com palavras”. Quando eu voltava do curso de Letras Noturno, ela olhava minha roupa puída e ficava esperando que uma palavra restaurasse os tecidos velhos como uma pele que precisa remoçar. Muitas vezes escutei a mãe imitando o bordão principal das patroas: “Clara, vem clarear”. A mãe clareava os outros, mas as sombras permaneciam em seu rosto. O James Ruibarbo sempre vinha com mais demandas. Dizia: “Leva o vestido da fulana para casa, deixa ele impecável, ela é muito exigente. Faça o que for possível, mas não vista ele”. Na primeira vez que ele disse: “Leva o vestido da fulana”, ela achou que ele estava lhe dando o vestido. Mas não, era só trabalho extra da lavanderia. A mãe entregava dobrado, como se fosse novo. Nunca conseguiu vestir nenhum em seu corpo. Pareciam as cortinas do Municipal. Se ela vestisse sentiria os olhos da plateia sobre si, todavia ela nunca serviu para protagonista.

*

Clara conheceu o James Ruibarbo quando ele tinha vinte e oito, ela dezenove. No bairro ainda haviam muitos espaços vazios. As pessoas faziam suas vidas subúrbio. Clara trabalhou para a mãe de James Ruibarbo, neta de ingleses. Dos mesmos ingleses que introduziram os

chalés nos subúrbios do Rio. James Ruibarbo derrubou vários. Clara não recebia ordens da mãe de James Ruibarbo, mas da Inglaterra. Era assim que sentia, como se respondesse ao regime monárquico. O pai de James Ruibarbo morreu cedo e o filho chefiou os negócios. Clara, então, apareceu na vida de James. Era a única que acertava e mantinha asseada a sua roupa. Ele se vestia na frente dela. “Esse terno não sentou bem, tem que arrumar os ombros. Me alcança o bege” – dizia ele. Ela ia buscar no guarda-roupa, enquanto ele se despiu. Muitas vezes ficou nu diante dela. Foi o primeiro homem que ela viu sem panos por cima da pele. Acostumou-se. Fazia uma expressão neutra, interessada apenas na roupa. Para escapar do constrangimento, falava o tempo todo, impondo uma voz de autoridade sobre a combinação de cores e modelos. Ele era exigente com a vestimenta porque queria manter a tradição da família no varejo de roupas. Por isso chamava constantemente Clara, que o colocou no lugar de manequim, para minimizar a presença de um homem nu durante seu trabalho. Ela falava alto para ocupar os vazios e para sua voz atravessar as paredes, onde os ouvidos da mãe dele se faziam atentos. Clara era cortada quando a mãe do James Ruibarbo entrava bruscamente no quarto. Perdia as palavras como se erra uma linha na agulha. O filho ignorava a mãe, “agora não, se eu não acertar a roupa, não saio de casa”. A mãe fechava a porta repelida pelas palavras do filho. Mas não sem antes dizer dos avós ingleses e do lugar indevido de Clara naquele quarto, sozinha com um homem. Era o único momento que Clara tinha um lugar naquela casa. Sem ela, o James não saía de casa. A mãe dele tentou enviar as roupas do filho para outra lavadeira. James Ruibarbo acabou logo com a estratégia da mãe. Ser observado por uma mulher lhe fazia bem, com ou sem roupa. Com o tempo passou a se apresentar desde o início sem uma peça de roupa. Clara o vestia por inteiro. Para Clara, melhor era vesti-lo inteiro, do que ser vestida pelas palavras da mãe dele, ao sair do quarto. Clara, aos poucos, deixou de utilizar apenas informações técnicas para fazer apontamentos sobre o corpo de James Ruibarbo. “Seus ombros estão maiores, as costas mais largas – o terno cinza não serve mais” – dizia ela. Tanto que não demorou a reconhecer as medidas do corpo dele e provar com as palmas da mão as partes incompatíveis com a trena. James Ruibarbo demorava a sair de casa. Aquelas mãos pareciam entendê-lo. Esquadrinhavam seu corpo sem olhá-lo com desejo. Clara mantinha na voz a única aristocracia que era capaz, a fim de demarcar um limite entre ambos os corpos. “Nesse verão, o senhor demorou um tempo a mais no sol. A pele descascando. Não arde”? Ela demorava na observação pensando em como seria a casa de veraneio em Petrópolis. “Nunca tive vontade de conhecer Petrópolis. Dizem que as empregadas sofrem muito. É muito branco para limpar; fora os estrangeiros extravagantes”. Estrangeira, ela se sentia quando deixava o quarto. Emborcava

tonta pelo corredor e descia a escadaria unicamente pela gravidade. O corpo negro parecia mais negro quando ao chegar no último degrau ouvia da Inglaterra tudo o que a língua pode falar, mas não consegue fazer. Foi nos lances de escada, depois de sair do quarto do James, que passou a perceber o que era uma língua. Sabia das palavras aprendidas em casa e na rua. Geralmente a boca abria bem para cada som. Mas aquilo que cabia dentro da boca da mãe do James, mal mexia os lábios. Era uma tentativa de sotaque, de se opor a tagarelice das ruas, das empregadas. Clara lembrava da mãe: “Quando a mãe me chamava, mostrava todos os dentes que ela tinha. Não havia o que esconder”. Com a mãe do James, Clara, se diluía num velho tacho – desbotava. “Clara” – chamou a velha. Clara a chamava silenciosamente de “A Velha”. A Velha buscou os olhos de Clara. “Clara, consegui uma casa para você. Era do meu marido. É um velho chalé, ele adquiriu como pagamento de dívida. Até ontem o Quintino morava lá; está desocupado. Passo para o teu nome. Meu filho não pode saber. Em breve ele vai descer e passará o dia fora. Assim que ele sair por aquela porta, você prepara tuas malas. É o teu último dia nessa casa”.

*

Cléo viu que eu não estava ali na Lavanderia Santa Cruz apenas para lavar as poucas roupas da mochila. As pessoas deixavam as roupas ali e partiam para depois buscá-las. Eu me sentei. Não sabia para que máquina olhar. Sentado com os cotovelos nos joelhos, tentava alinhar minha coluna. Fechava os olhos e me sentia tonto. Eu forçava os pés contra o chão para me manter sentado, sem despencar da cadeira. A Cléo percebeu que eu não ia bem. “O que você tem?” Eu disse que estava bem, mas de repente um peso tomou conta de mim. Sentia a presença de porcos e galinhas atolados numa lama intransponível. Nem todas as máquinas de lavar limpariam o que eu estava vendo. Alguém bateu na porta e entrou.

- Roupas da Clara dos Anjos – disse um menino.

- É aqui... É a minha mãe. Você deve ser o vizinho novo, não é? – perguntou Cléo.

- Sim... Tua mãe disse que não pode mais vir aqui.

Depois que o menino saiu, reuni forças para me levantar.

- Cléo, o nome da sua mãe é impactante para mim. Clara dos Anjos é um personagem de um romance do escritor Lima Barreto... – eu disse.

Cléo me interrompeu como se eu fosse um cliente desavisado das normas da lavanderia.

- Eu sei. Inclusive, ele morou aqui onde está o prédio. Aqui é o número quarenta. O senhor Barreto morou no trinta e dois – sua última casa. Deveria ser um patrimônio, não acha? Como você se chama mesmo?

Ela falou sem parar de se mover. Movendo a sujeira do bairro de Todos os Santos para dentro dos tambores das máquinas.

- Não me olhe com essa cara – disse ela -, afinal em algum lugar os escritores moram. Poucos sabem que o habitat do senhor Barreto foi nesse chão. O primeiro a descobrir foi o James Ruibarbo. O maior roedor do bairro. Conhece tudo de cima a baixo dessa terra. É o meu chefe. Minha mãe trabalhou na casa dele, depois aqui. Você não me disse seu nome ainda.

Eu não conseguia dizer nada mesmo. Só olhava a Cléo e piscava os olhos para ver se a rua atravessada de bichos desaparecia da minha visão. Era um amarronzado se sobrepondo ao branco dos azulejos da lavanderia. Tinha vontade de retirar dali todas as peças de roupa que a Cléo havia lavado. Naquele ambiente de nada adiantava lavar. Tudo era barro se infiltrando. Dos tijolos da parede um fio de água escorria e fazia poças diante dos meus pés. Vi meu corpo coberto de lama marcando os azulejos. Pedacos de raízes e grãos de pedra aderiam a minha pele. Me sentia no fundo de um pântano, arrastando a arqueologia do subúrbio e pisando em pedacos de paredes de taipa de pilão. A lama sobre a minha silhueta era um cemitério de rejeitos. Quando vi estava na frente do edifício. Cléo me seguia sem entender nada, só dizia “você está pálido e tonto; volta e senta, é perigoso, ali é a José Bonifácio”. As palavras dela entravam, mas eu era apenas um dos passageiros do meu corpo, e a paisagem passava rapidamente nos meus olhos. A José Bonifácio estava logo na esquina. Eu pisava lentamente na Major Mascarenhas sentindo o leve declive da rua. Quantas vezes o Lima trafegou aqui, gastando solas e solas dos sapatos? Como seriam os sapatos daquela época? Eu tinha vontade de arrancar todo o asfalto e catar os detritos do tempo. Havia uma lâmina que me separava do tempo. Mais volumoso que o lodo me sombreando, só as árvores se unindo de calçada a calçada. A José Bonifácio está logo ali, mas parece que demora a travessia da cidade inteira. Vejo os carros desandando velocidades. “Pra onde você vai?” Cléo tentava me dizer para não continuar. De nada adiantava. Se ela soubesse o peso que carrego. Um peso de mãe carregando os filhos. Meu corpo fraquejou, desdobrando-se em estado fetal. Eu era uma esfera pantanosa, como um desdobre de Nanã, senhora das águas paradas – aquela que lida com a entrada no mundo dos mortos. Era assim que me sentia, ruminando num campo de almas perdidas, de coisas e gentes que perderam o imã - o contorno da gravidade. Cléo me via encolhido na calçada, a tremer e arder de febre. Eu dizia para ela não me tocar. Toda a vez que ela me tocava, tentando me erguer, ela ficava

cansava, como os gestos abandonados de séculos daquelas ruas. Comecei a tossir, sentindo um nó na garganta. A garganta doía. O que eu dava passagem não cabia na espessura do meu corpo. Cada vez mais eu aderiu ao chão. Resvalando para dentro dos buracos da José Bonifácio. Eram crateras que persuadiam seus mortos a gritar. Na encruzilhada com a Major Mascarenhas, a Bonifácio era uma nuvem de gafanhotos, assim eu via os carros. De repente, os buracos começaram a engolir os carros. Eles sumiam por completo. Caiam a seco. Os buracos se uniam, tornavam-se um só. Era uma teia de penhascos. Eles foram aumentando até ficarem debaixo dos meus pés. Foi quando eu caí. Uma queda de quem atravessa as páginas de um livro sem que uma palavra ampare o corpo que desaparece no tempo.

*

Fui acordado pela Cléo. Seus gritos vinham de longe. E aos poucos chegaram em mim. Quando abri bem os olhos, vi um monte de terra. Desses que uma retroescavadeira deixa quando faz um buraco. Acompanhei o monte de terra de cima para baixo. Atrás do seu cume, os postes de luz ardiam as lâmpadas nos meus olhos. Eu estava dentro de um dos buracos da José Bonifácio. Exatamente no trecho em obras. Uma voz saiu de dentro de mim: “Cléo!”. A cabeça da Cléo apareceu. Ao invés da lâmpada do poste, eu via sua cabeça. Eu não escutava o que ela me falava. O som das palavras se perdiam logo nas bordas do buraco. Ali dentro era só escuridão quando eu abaixava a cabeça para aliviar o pescoço. Dentro da escuridão escutei os bailes antigos do subúrbio e suas salas que abrigavam amigos e penetras. Também vi a antiga tranquilidade dos bairros, dos tempos em que a polícia dormia no posto e só se exerciam pequenos furtos galináceos. Que mesmo sem patrulha tudo ficava como estava. Como aquele pedido do Lima Barreto para que se deixasse a polícia às moscas do sono, que ninguém reivindicasse mais policiamento na plácida noite de Todos os Santos. Caso contrário, pela falta do que fazer, a polícia implicaria com os andarilhos noturnos como ele.

Eu escuto um pedido de presença das autoridades. Em outros tempos, se resolveria na atitude da vizinhança. Uma corda, um ato heroico e me içavam daqui. Preferem o registro policial. “Deve ter baderna. Como ele foi parar dentro do buraco?” – perguntam. Por acaso estou atrapalhando o trânsito? Eu não agredi a Cléo, ela escorregou tentando me ajudar. Me agarro em raízes e ossos, faço força para escalar. Nenhuma mão ampara meu corpo. Será que fiz mal a alguém ou falei o que não devia? O fêmur que meus dedos se firmam está emaranhado na terra, edifica a História do Rio de Janeiro. Não vejo sua etnia, esquecido que está do seu

nome. Falo o meu nome e me escuto dentro do buraco. É uma voz seca; solitária emprenha o vazio. Escuto tudo como se um tampão do ouvido tivesse derretido a cera de um século. Querem que eu saia. Igual como resolvem um alagadiço, com um aterro e um prédio em cima. Sinto em meu corpo a remoção. A mesma do Morro Castelo, para arejar o Rio. Vejo à volta corpos negros, Italianos, Espanhóis e Portugueses. Iguais aos corpos habitantes dos cortiços, morando nas ruínas do Império, separando os quartos com divisórias de tecido. Tendas a transparecer a vida de cada um. Assim eu via aquelas pessoas na borda do buraco a acenar para mim. Eu tentava olhá-las contornadas pelas suas máscaras e celulares me fotografando, mas elas eram apenas painéis para os meus olhos verem a escuta de cem anos atrás. Mesmo que eu quisesse ver o jeans das calças para presentificar o meu tempo, o que se sobrepunha primeiros nos meus olhos eram as roupas cheirando a restos de feira. Entre eles uma mão avançou sobre mim e puxou os trapos que eu vestia, me levando à borda.

*

Cléo me levou pela mão. Meu corpo mareava. Tinha que parar para respirar. Seguimos na José Bonifácio, passando pela esquina com a Osório Mendes. Pelo menos foi o que ela me relatou dias depois quando pedi informações para as anotações do trajeto. Depois da Osório Mendes, entramos na Conselheiro Agostinho, exatamente no meio da quadra, onde está sediada a 1ª Federação Espiritista de Umbanda do Brasil. Conhecida como Casa Mater. Sua existência foi indicação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, guia de instrução de Zélio Fernandino de Moraes, fundador da religião no Brasil. A casa está alinhada com o prédio Renovare, do lado oposto, no mesmo quarteirão. A Conselheiro Agostinho e a Major Mascarenhas são ruas paralelas. Paramos na frente da Casa Mater. Eu respirava ofegante, não condizia com o pequeno trecho que percorremos. O portão gradeado estava aberto. Eram sete da noite. Os médiuns da casa estavam chegando. A casa abriga alguns terreiros. Neste dia era a casa “Filhos de Oxum e Pai Antônio da Guiné”. Cléo laçou seu braço nas minhas costas para eu subir a escadaria. Ao subirmos as escadarias, ela me disse, ao pé do ouvido:

- Das pretensões do James Ruibarbo, a Federação foi a única a ficar de pé. Foi tombada, é um patrimônio do Rio. O James Ruibarbo não suporta. A ideia era livrar Todos os Santos de dois pilares. Um da cultura e outro da religião. O Lima e o legado do seu Zélio.

- Qual o sentido? – perguntei, enquanto nos sentávamos debaixo de uma figueira, ao lado de uma guiné.

- O James Ruibarbo me disse uma vez: não quero que fique uma negrada em volta dos livros desse negrinho e outros ciscando saravá.

Ele havia investido no bairro, queria uma circulação de gente a fim. Além de ver tudo com as lentes dos anos vinte. Era o que se dizia. E pelo progresso, todos concordavam. Com os pés no último degrau da escadaria pude ver o altar da casa. Eu escutava a Cléo falando, mas não entendia aquelas razões do James Ruibarbo. Estavam a mando do quê? Apenas da vontade de uma pessoa? Não podia ser. Não fazia sentido elas saírem de dentro de um corpo apenas. Fomos recebidos na Casa com as ficha de atendimento. Cléo me equilibrava, e eu a escutava.

- Ele demoliu a última casa do Sr. Barreto para não se tornar culto de cultura negra. Eles tem pavor das descrições de subúrbio do Sr. Barreto.

“Eles” – pensei comigo. “Quem seriam “eles”? Não falei nada, só pensei alto em meio a maré do meu corpo – “falta-nos, para sentir a amargura do destino, profundidade de sentimentos”. É uma frase do Lima, que reescrevi no dia seguinte, depois de reler a crônica “Trem do subúrbio”, quando já podia me manter em pé e fazer alguma leitura sem os olhos embaralharem as letras. Cléo falava com uma médium, possivelmente sobre mim. Melhor ela me intermediar. Da minha língua não sai nada. Entrei na sessão sem língua. Era uma sessão de preto-velho, conduzida pelo pai Antônio, sob o aparelho de Emília D’Oxum. Me colocaram num cantinho, num recuo do salão branco. Era como estar dentro e fora. Ao redor, vários tocos de cedro para os Pretos Velhos. Fiquei ali um tempo, sozinho, sentado e de olhos fechados escutando os pontos. Sentia as defumações passando. Lembrei do Lima, nasceu no dia treze de maio. Dias dos pretos-velhos e da Lei Áurea. Lima frequentava os terreiros do Rio. Ele veio dos Cambinda da África. Aos poucos as palmas foram parando e uma paz cochichada foi se perpetuando pelo salão. A figura do seu Zélio de Moraes apareceu desenhada no meu pensamento. Suas feições caboclas alongadas pareciam flechas, dimensionando retas precisas de quem abriu caminhos. Seu Zélio inaugurou a Umbanda em 1908, através do caboclo das Sete Encruzilhadas, ao ir numa sessão espírita, depois de apresentar mediunidade em casa, falando vozes desconhecidas que a família achou se tratar de algo demoníaco, tendo, inclusive, o levado a um exorcismo. Na sessão espírita, seu Zélio e os médiuns da mesa receberam espíritos de caboclos e pretos-velhos. O dirigente da casa orientou a retirada dos espíritos. O Caboclo das Sete Encruzilhadas se apresentou e perguntou se a ação era porque os caboclos e os pretos-velhos eram considerados inferiores e ignorantes. O dirigente reconheceu que sim. Então, seu Zélio, através do Caboclo das Sete Encruzilhadas, anunciou que, no dia seguinte, seria aberta uma nova religião chamada “Umbanda”, onde espíritos desassistidos de um lugar

religioso, teriam um espaço para se manifestarem. Abro os olhos. Os tocos dos pretos-velhos estão ocupados, cada um no seu chapéu de palha cachimbam os pensamentos a minha volta. Com risadas eles vão depurando as vibrações do ambiente. Faz parte da mironga. Inclusive, o balançar de ombros. Baforam a fumaça do cachimbo sobre minha cabeça. Se levantam e saem. Só fica a Emília D'Oxum, dirigente da casa, sob a guiança de pai Antônio. Ele ri alto. Minhas pernas tremem sem que eu consiga parar. Num tom de voz monocórdico, ele diz:

- O fio, veio de longe. Teu lugar tá ocupado. Tem coisa que não é tua. Se o fio quer mexer nas coisas entre a vida e a morte, tem que fica só no limite do escrevedor. E esperar o convite. E quando entrar, pedi se pode. Entra e sai e deixa tudo o que não é teu onde estava. Só pede para mexer onde teu fio desata o nó. Tenta mexer com duas linhas e vai ver que termina amarrado. O nego aqui, já viu um tanto de coisa. Sabe que porta tem chave, se entrar à força a porta não volta a fechar. Só abre o que tá no teu caminho, fio.

Senti meu corpo afrouxar, despertar o coração. O preto pontilhou a bengala ao meu redor e saiu. Abri bem os olhos e vi o rosto de cada um na sessão. Olhei a Cléo, ela sorriu. Alguém veio e me indicou a saída. Cléo chegou em mim e disse que eu estava de volta. Fiquei um tempo na frente da Federação, eu e a Cléo em silêncio. Vi a placa de patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Do outro lado da rua, na calçada, estava o James Ruibarbo e o Osmar, ambos nos olhavam.

*

Depois que Clara dos Anjos deixou a casa dos Santa Cruz, ainda escutou por dias e noites o som da porta fechando às suas costas. A mãe do James Ruibarbo, fechou a porta com violência, com o mesmo ímpeto que um país extradita um estrangeiro. Naquela porta estava o limite entre a Inglaterra e a África. Clara descobriu isso quando saiu daquela casa em direção ao velho chalé do pai do James Ruibarbo, que, agora, era seu. Ficou uns dias sem água, até limpar o velho poço, depois de muitos baldes de lodo e folhas apodrecidas. Nas frestas, o murmúrio do frio batia nos dentes, silenciando as palavras. Sozinha, lavava roupa pra fora. Precisou de madeira para bater a roupa, e, também, cortou alguns galhos no pátio, improvisando um varal secar as peças.

Com uma trouxa de roupa sobre a cabeça andou perto da rua onde morava o James Ruibarbo, só para vê-lo. Clara andava e se escondia de outros homens, com a cabeça enterrada na trouxa. Era o tipo de negra que os homens queriam para dentro de casa, servindo as mesas e dobrando os lençóis. Trabalhos menos penosos, se assim é possível dizer. Ao invés de lavar a

roupa, ou se ajoelhar no chão para escovar, ou cozinhar todo o dia. Trabalhos que arruinam as costas, o estômago e as articulações, sem falar da cabeça, sempre a ouvir algo a mais, além dos mandos. Clara tinha acima e abaixo as linhas tropicais acentuadas na medida dos olhos da rua, o suficiente para que qualquer homem investisse seu poder. Se James Ruibarbo a visse com uma trouxa sobre a cabeça, colocava o volume sobre a sua. Diria que Clara não era para esse serviço. Ela sabia sobre a combinação de cores e estilos. Coisa rara no ramo dos vestuários. Ela, também sabia que seu corpo não estava acostumado às lonjuras das ruas, se dispondo a mais peso do que podia. Iniciou com uma pequena trouxa. Sem filhos, o sustento era suficiente, já que não precisava pagar aluguel. Também tinha medo dos papéis assinados pela mãe do James Ruibarbo. Medo de que aquilo tivesse um tempo, que depois alguém a removeria dali. Depois que o James Ruibarbo a esquecesse, a mãe dele se sentiria livre para fazer o que melhor lhe desse na telha. Era o que Clara pensava toda a noite quando chegava no chalé e das frestas o frio e o ruído da rua segredavam seus medos. Ali sobre os parcos lençóis e cobertas que, ela mesma remendara, escondia-se dos próprios pensamentos.

Clara seguiu passando em frente à casa do James Ruibarbo. Alterou horários, já que agora não sabia mais da rotina da família. Com o passar dos dias, também foi diminuindo o volume da trouxa na cabeça. Primeiramente para aliviar o cansaço do fim do dia. Depois ela percebeu que minimizava a trouxa para que seu rosto ficasse mais a vista. Quase como um chapéu. Sentia seu coração palpitar diante da possibilidade de encontrar o James. Chegou a ver a mãe dele saindo para a rua. Na janela da casa, a visão de um homem lhe distraiu, ao ponto da trouxa despencar do topo da cabeça. Quem passava, ajudou. Para piorar o laço se desfez, e algumas peças se emborcaram para fora. O homem projetou sua cabeça para fora da janela, a fim de ver o pequeno aglomerado de gente. Viu Clara. Ela, ao notar-se observada, devolveu o olhar para a mesma janela. Quando viu o James, se agarrou à trouxa ainda aberta e desataviou-se rua a dentro, despencando peças de roupa pelo caminho. Só parou quando chegou no chalé. A trouxa vazia. As pernas tremiam. Ela pensava: “O que faço aqui?” Como responder a si mesma coisas incompreensíveis? Adormeceu sobre a trouxa vazia. Não escutou o anoitecer, nem as frestas da parede, menos ainda a porta aberta que ela deixou para trás. Deitada na cama, ela não escutou os passos do homem que entrou no chalé até o limite do rangido de uma taboa. Ela se levantou sobressaltada.

- James?!

Um silêncio se perpetuou pelos próximos dias. Entre as frestas, o frio encontrou a barreira do calor entre dois corpos. Não havia lugar para mais nada lá dentro.

*

O Osmar Ruas andava enciumado comigo desde que me viu andando com a Cléo. Tem dado um tempo maior na Tipografia, sem aparecer na Lavanderia. À tardinha, ele e a Cléo saíam juntos. Também acontece que o James tem investido no maquinário, modernizando o espaço, se preparando para uma série de edições comemorativas em torno dos 200 anos da Independência do Brasil. Até o Osmar anda escrevendo. Deixou de lado a rinha de galo. Só a faz quando o Mário Paçorusso aparece. O Mário tem tesão em ver os galos espetando as puas. O mesmo Mário que adora Exposição de Arte e aprendeu a comprar quadros dos colecionadores. Mário dá grana para uns artistas, só para rebaixá-los. Mas sem ele e o James, a Tipografia estaria às traças. Ambos deram a condição financeira, mas as unhas empoeiradas de garimpeiro foram do Osmar, não há como negar sua pesquisa amadora curtida no sangue de quem ama a textura do papel. Desde seu bisavô, Serva Ruas, que esteve nos mutirões de indexação do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1910, quando se pagava aos contratados pela unidade de livros indexados. Tanto que consta dessa época um aumento no acervo da Biblioteca. Para ganhar mais, os funcionários inventavam títulos, inflacionando um acervo fantasma.

Serva Ruas ainda atravessou o regime de exceção na Era Vargas, período que ele já atuava como bibliotecário, reservando os livros censurados para a ala das Obras Raras ou fabricando capas novas, a fim de ocultar certas publicações, principalmente os livros anarquistas, que, desde o começo do século, circulavam em todo o país; o próprio Serva Ruas liquidou seu acervo de obras libertárias em 22, quando o Arthur Bernardes entrou no Governo do país, incidindo numa política de perseguição à dissidência, culminando na criação de um Campo de Concentração no Oiapoque, a Clevelândia, numa antiga Colônia Agrícola.

Marcado pela história do avô, Osmar estancou a própria veia política, se dispondo à agremiação do James, imprimindo a Belle Époque do Rio dos anos 20. Segundo ele, era o melhor caminho a tomar, a fim de liquidar qualquer dúvida patriótica sobre sua família. Sabendo do *Centenário de Morte do escritor Lima Barreto*, em 2022, como parte das comemorações da Independência, Osmar tratou de recuperar o *Binóculo*, uma secção muito famosa no início do século 20, escrita na *Gazeta de Notícias*, porém de utilidade duvidosa para não dizer outra coisa. Era dirigida pelo Pimentel, vizinho de bairro do autor de *Clara dos Anjos*, em Todos os Santos. A secção era dirigida a observar os cidadãos em seus vestuários e etiquetas. Lima Barreto foi alvo desse olhar binocular, sendo questionado o porquê do escritor

não participar de um roteiro onde a intelectualidade bebia os ares franceses, não sendo visto no *Lallet*, no *Municipal*, no *Cavé*, no *Assírus* ou no *Jockey*. O *Binóculo* dizia que o não comparecimento nesses locais não etiquetava o Lima como um escritor de sua época, e que, além disso, o mesmo era descuidado com sua vestimenta, de colarinho sujo e roupas gastas. Sendo que, na verdade, isso era parte da condição e da sinceridade social do escritor carioca.

Certa vez, Lima Barreto ganhou um novíssimo chapéu de um amigo, elegantíssimo adorno da moda. O escritor desfilou com o chapéu nas ruas, contrastando o brilho na cabeça com o resto do vestuário gasto e desbotado. Na rua, o efeito saiu contra o feiticeiro, pois mais observavam o escritor do pescoço para baixo do que para cima. Lima não se fez por vencido. Diante do primeiro maltrapilho que viu, propôs a troca de chapéu, e voltou ao normal, saindo o outro de chapéu novo e achando muito vantajoso o negócio.

Tais anedotas, o Osmar pretende lançar, conservando o tamanho estreito que a secção do *Binóculo* tinha no jornal. Exibindo uma inteligência de confetes sobre um escritor suburbano. James dá pulos de alegria, enquanto o Osmar se satisfaz com um risinho no canto da boca. Um traço que não altera seu rosto salpicado de tinta, tanto quanto seu dedos. Não foi uma nem duas vezes que Cléo saiu da cama de Osmar manchada com a tinta das prensas. Ficava com borrões na pele, como se erros de impressão avultassem sobre seu corpo. Era quando os galos do Osmar mais gritavam nas encerras que ficavam ao lado do quarto. Cléo tinha pavor daquele cantar de galo. E, às vezes, tinha que esperar todos os apostadores irem embora para o James não ver que ela estava ali. Foi assim que ela pode acompanhar todo o conteúdo que a equipe de Literatura do James escrevia nos altos do edifício Renovare, enquanto os homens sangravam os olhos diante das rinhas. Cléo tinha acesso ao material impresso no quarto do Osmar. Era uma espécie de quarto-escritório. Ordinário pelo papel de parede vermelho-escuro, dando impressão de uma câmara escura onde, da revelação da sombra do corpo de Cléo, emanava o clímax de um romance.

Ali, ela releu recortes da obra do Lima, parte da pesquisa do Osmar, onde o romance *Clara dos Anjos* parecia um títere confrontando a visão de mundo da protagonista e de Cléo. No mesmo tempo que os galos se engalfinhavam na rinha, ela lia em voz alta a história da qual ela queria se libertar. Com sua silhueta projetada na parede, ela lia como se a sombra falasse no papel de parede, projetando palavras na câmara escura do Osmar, como se Cléo pudesse sair impressa diretamente nas prensas da Tipografia Santa Cruz, a cada palavra desdobrada em sua língua. Leu um trecho de *Clara dos Anjos*:

- Se 'ele' a abandonasse, ela estava completamente desmoralizada, sem esperança de remissão, de salvação, de resgate... Moça, na flor da idade, cheia de vida, seria como aquele céu belo, sedutoramente iluminado pelas estrelas, que também tinha ao lado de tanta beleza, de tanta luz, de não sabia que sublime poesia, aquela mancha negra como carvão. Cassi a teria abandonado? Ela não podia crer, embora há quase dez dias não a viesse ver. Se ele a abandonasse – o que seria dela? Veio-lhe então perguntar a si mesma como se entregou. Como foi que ela se deixou perder definitivamente?

Cléo falava pela língua de Clara dos Anjos, estranhando a perspectiva daquela mulher diante do seu amor, diante da desonra se aproximando, como se ela pudesse voltar no tempo e ouvir a primeira mulher da humanidade.

Pela sombra em contraste com a luminária do quarto, se percebe no papel de parede a nudez de Cléo. Ela caminha a mão nas anotações do Osmar, desdobrando os papéis como um foco de lanterna na escuridão, desejando ver a nudez das palavras. Cléo segue o dedo nas frases, como um foco de lanterna na escuridão.

Logo abaixo encontra grifado: Lima misógino. Ao lado uma seta apontando para um número de telefone, onde também está escrito: CONTATAR GRUPO FEMINISTA PARA O CENTENÁRIO DE MORTE DO LIMA BARRETO.

Cléo se interessava pela questão com ressalvas, afinal havia lido que Lima Barreto tinha se empenhado em algumas crônicas no mapeamento do Movimento Sufragista, nascido a predestinar o voto às mulheres. Crítico assíduo da feminista Berta Lutz, flagrou nas crônicas o endereçamento político do voto feminino dentro de um quadro de interesses elitistas, nos quais alguns políticos aderiram motivados em lançarem-se a um novo nicho, para também colher os votos das mulheres. Lima questiona a ausência das operárias na questão, assim como a pedagoga Maria Lacerda de Moura, já afastada do grupo de Lutz, morando em São Paulo, que interroga sobre a causa elitista da campanha ao voto feminino, pondo em suspeita os interesses de cargo e de apoio partidário. Ela se posiciona pela *mulher superior, a mulher moderna consciente, não a sufragista ou a literata dos salões 'chics', a 'bes-bleu' acadêmica ou a campeã dos esportes...* Em período de plena organização operária, greves e encontros anarquistas, Maria Lacerda sentencia: *a mulher operária é ainda mais sacrificada. Escrava do homem, escrava social e serva da burguesia.*

Cléo pensa consigo: Se Lima Barreto era misógino, Maria Lacerda de Moura, também era?!

*

Cléo iniciou o expediente na Lavanderia. Trouxe as roupas da mãe. Enquanto ela conversava com uma cliente, fiquei no hall de entrada do Renovare. O porteiro já me conhecia. Amilton era de Recife, morava em Engenho de Dentro, numa das poucas casas antigas que restaram. Corpo entroncado, pernas em arco, rosto ossudo e palavras curtas envolviam seu pequeno sorriso, maciço como pedra. Ele parou bem perto de mim. Sabia ser uma sombra. Moveu as palavras sem trepidar os lábios.

- Já sabemos do teu caso. Em breve o James Ruibarbo vai te chamar.

- Meu caso? O que tu sabe do meu caso?

- Só sou o porteiro. Abro e fecho, mas as chaves não são minhas.

“Quase um literato, o nosso porteiro” – pensei.

- Conhece o João Cabral de Melo Neto? – perguntei.

- Não sou ignorante, não senhor.

- Desculpe se dei a entender isso.

- Já li “Clara dos Anjos”. Aqui mesmo, na portaria – disse ele.

Olhei seu rosto. E vi umas fendas que antes não tinha visto. Umas entradas naquele semiárido. A largura do corpo e as pernas em arco também tinham certas fissuras.

De repente o Amilton cumprimentou alguém atrás de mim. Era o James Ruibarbo. Ele entrou apressado no elevador. Antes de fechar a porta, me olhou sem mover um músculo do rosto. Enquanto eu olhava para a porta do elevador fechada, o Amilton me alcançou uma revista que estava na bancada da portaria.

- Quaresma - disse ele -, conhece?

Ele queria me devolver o “conhece João Cabral?”. A revista estampava as cores verde-amarelo, onde, no centro, o Policarpo Quaresma estava sobreposto ao mapa do Brasil. O título: **A Pátria**. Tipografia: Santa Cruz. Revisão: Osmar Ruas. Também tinha o Hino Nacional, depois do editorial. E ao lado, a Canção do Exílio. O poema de Gonçalves Dias saiu na íntegra da língua do Amilton. Sim, ele articulou seus lábios para aquelas “palmeiras” caberem nos nervos do rosto. Sua boca saiu do estado diminuto, para se engrandecer como o canto do sabiá.

Depois de observar a apresentação do Amilton, me voltei novamente para a revista. Era uma revista Literária. A fonte: “chaparral e din”. Papel “ECP 75 G/M² e alta gravura 90 G/M²”. Lembrava o *Manifesto Verde-Amarelo*. Havia uma matéria sobre os 110 anos da publicação em folhetim do *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Resenhas e resenhas. Não conhecia nenhum

dos autores que escreveram os artigos. Seriam pseudônimos do James Ruibarbo ou do Osmar? Logo abaixo seguiam as indicações dos preparatórios para o *Centenário de morte de Lima Barreto e dos 200 da Independência Brasileira*. Anotações importante: Lima Barreto morreu no dia 1º de novembro de 1922. Por fim, com etapas numeradas, havia a indicação de um programa a começar em setembro. Atividades literárias, publicações, feiras e palestras.

Guardei a revista. Diga-se de passagem: não a dobrei. Eram folhas de uma gramatura grossa, poucos exemplares. Para quem seriam? Para o shopping da burguesia?

Olhei o Amilton. Estava parado ao meu lado. Pigarreou e disse:

- Agora que você tem um, posso guardar as outras. Aqui ninguém mais se interessa por Literatura. Deu certo, não esperava que tu viesse hoje. O James Ruibarbo vai falar contigo. Talvez um artigo aí, hein?

O elevador começou a descer. Fiquei tomado de pavor, podia ser o James Ruibarbo novamente. E se ele me falasse de um artigo mesmo? Não conseguiria olhar para ele e imaginar que eu estava dentro de suas pretensões literárias. Olhei as escadas de emergência e deixei o Amilton falando sozinho.

Subi os degraus sem pensar onde parar. Os andares foram ficando para trás. Só parei meu corpo quando escutei umas vozes. Ecoavam de um andar onde só tinha escritórios. Entrei. Sentei-me entre as folhagens de dois vasos enormes de Costela de Adão. Arrasto a cadeira contra a parede, para sair da visão de quem vem das escadas ou do elevador. Uma folha enorme da Costela de Adão tapa meu rosto. Fico ali sem saber o porquê. O elevador abre. É o Osmar Ruas. Está bem arrumado. Nem parece o mesmo que organiza as rinhas de galo. Entra numa porta no fim do corredor. Me encosto mais contra a parede. Uma folha pontuada entra no meu ouvido. Da porta de um dos escritório sai o James Ruibarbo, acompanhado do doleiro Mário Paçorusso e de um jogador de futebol que está em todos os noticiários. Entram na mesma porta do Osmar.

O jogador é Reinaldo Vitória. O Reinaldo. Vindo da Espanha, depois de cinco temporadas. Chega ao Rio para atuar pelo Flamengo. É logo batizado nas arquibancadas de Rionaldo. Atacante de êxito em Barcelona, frequentou bem as praias catalãs. Um metro e oitenta e dois, moreno e natural de Itu, SP. Categorias de base na rua, esmolando por uma chuteira. Hoje, de volta ao Brasil, exhibe umas palavras em espanhol durante as entrevistas. “Ando meio esquecido do português”. Os jornalistas adoram. É amor à primeira vista. Falou em abandonar a carreira no ano passado. Todos choram. Ele anda preocupado em como manter as contas no exterior sem passar pelo Banco Central. Cada gol comemorado será de braços

abertos, homenagem ao Cristo. Para enviar a grana para fora, ele conta com a esperdice de Mário Paçorusso, botafoguense. Mário é doleiro requisitado. Dizem que ele tem uma equipe que gere os negócios, diferente de quando o pai começou no ramo, numa pequena Casa de Câmbio. Mário atua entre as personalidades da cultura, do esporte, da política e da religião. Ele é tipo o médico de confiança da família. Um indica para o outro. Sempre aquele rega-bofe. Veuve Clicquot para beber. Charuto, o Gurkha Black Dragoni. Aquela coisa. O amigo de Ponta Porã que sempre chega no meio da festa. Ar de mafioso. E a cereja do bolo: Mário tem um Di Cavalcanti na sala, autografado. Herança do pai. “Três mulheres com bandolim”, de 1954. 2,05 x 5 m. Avaliada em oito milhões, a telinha.

Ouvi a voz do Amilton subindo as escadas. Não queria que ele me visse ali sentado. Avancei pelo corredor. Entrei numa porta colorida, onde estava escrito “críticos”. Era um corredor frio e sombrio, nada a ver com a porta colorida. Ia voltar, mas a voz do Amilton retumbava no corredor. Segui corredor adentro. Cada vez mais frio. Os meus dentes tremiam. Continuei andando até um grande salão repleto de espelhos. Uma secretária apareceu e pediu-me para colocar a máscara.

- Já estou de máscara, não serve essa?

- Não serve. Aqui está a sua.

Era uma máscara que cobria todo o rosto, com a face do Lima Barreto impressa. Dessas de tecido, que a gente veste. Tipo as de gorila, ou esqueleto.

Olhei bem para a secretária.

- Desculpe, estou sem a minha, disse ela, - Agora sim.

Ela vestiu uma máscara da Clarice Lispector. “Não é uma dupla compatível” – pensei.

- Aqui a maioria das mulheres vão de Clarice. Os homens tem mais opções, mas preferem o Vinícius de Moraes. Nunca vi ninguém de Lima Barreto. Talvez, tu enfrente alguma resistência. Olhe, tua mesa está lá no fundo – disse ela.

Cheguei até a minha mesa. Uma plaquinha escrito “Lima Barreto – escritor e jornalista”.

Vou ver até onde a coisa vai. Me sentei. Senti um peso nos ombros. Aquela mesma sensação de quando estive na Lavanderia. Mareei diante da mesa em branco, onde tinha apenas uma caneta preta.

Quando vi, eles chegaram a minha volta. Não vi seus rostos, que estavam cobertos de pilhas de papéis. Deixaram as pilhas sobre a mesa. Quem me via de longe, só avistava o topo da minha cabeça. Uma das pilhas era só papel almaço em branco.

- Copia tudo – disse o primeiro.

- É só copiar como está – disse o segundo.

- Tua letra é ruim, capricha – disse o terceiro.

Eles saíram. Observei eles andando de costas. Eram fortes demais para o tipo de serviço que prestavam. Até o pescoço era musculoso.

Eram leis e mais leis. Atas. Só burocracia. Eu não ia me submeter aquilo. Podia me levantar e sair dali. Resolvi testar e ver se eles tentariam algo contra mim. Me levantei da cadeira. Ninguém me olhou, nenhum escritor, nem os homens musculosos apareceram. Andei entre as mesas. Realmente, a maioria estava com o rosto do Vinícius. Mais adiante um grupo sentado estava separado dos demais. Estava escrito “Área Vip”. Olhei eles de cima a baixo. Eram quatro Vinícius de Moraes, um Graciliano Ramos, uma Clarice Lispector e o pimpão do João do Rio. Eles estavam caracterizados dos pés à cabeça. O material que eles usavam possuía um tecido que imitava o humano. E ficava bem justo à pele, sem nenhuma dobra, diferente de uma máscara comum. Vendo eles, me senti menor.

O Graciliano olhou na minha direção, mas seus olhos atravessavam o meu corpo, como se eu fosse uma peneira onde ele pudesse fazer seu suco e depositar o bagaço. Seu cigarro ardia como um farol de ideias, formando uma nuvem árida.

A Clarice se levantou. Escutei uma voz atrás de um enorme vidro fume. Fiquei atento aos movimentos da Clarice e da voz do vidro fume. A Clarice desmaiou. Os Vinícius e o Graciliano não se movimentaram. De trás do vidro fume duas vozes falaram:

- Ela nunca desmaiou antes. Vai lá ver.

- Mas a gente não pode sair daqui. É lei!

- Como explicar se alguém sair de ambulância do prédio?

- Eu vou lá então.

De trás do vidro fume, aparece um homem todo de preto. Terno e gravata. Um crachá no peito escrito: Afrânio Peixoto.

Afrânio Peixoto se dirige ao corpo no chão, escuta o pulso e chama a equipe:

- Está morta – diz ele.

Uma equipe toda vestida de branco leva o corpo.

Afrânio entra novamente atrás do vidro fume. Sigo ele. De trás do vidro, há inúmeros homens vestidos igualmente. Cada um escreve em seu computador. Em suas cadeiras está escrito “crítico”. Em cada tela do computador está um dossiê. Tem dossiê Graciliano, Clarice, Vinícius e etc. Tem o meu também. Ou melhor: do Lima Barreto. Está escrito: “não se adaptou”.

Os homens musculosos aparecem. Levo uma bordada na cabeça. Desmaio.

*

Afrânio Peixoto é o crítico-geral. Tem acesso a todo prédio. Inclusive a Tipografia Santa Cruz. É o encarregado imediato do programa em curso de preparação do material dos *200 anos da Independência Brasileira* e do *Centenário de Morte do Lima Barreto*. É um dos primeiros, no início do XX, a se interessar em Literatura para discorrer sobre tratados científicos de análise da realidade brasileira. O discurso científico, baseado no positivismo, era inicial no país. E precisava de um corpo narrativo que se comunicasse na população. Para isso, se referenciou na Literatura, que, na época, era o meio de propagação de ideias e costumes do país, que vigorava desde José de Alencar.

O sujeito que se veste de Afrânio Peixoto vendia peixe na feira, ali no Méier. O cara era bom. Bom de lábia. O James Ruibarbo comprava dele. Certa vez disse: “Tu podia ser o meu crítico-geral”. O nome dele é Cléber. O Cléber não entendeu. Mas aceitou depois de muita conversa e da grana oferecida. O chato foi ler os livros do Afrânio Peixoto. Entender o linguajar literário sem perder o tino de vendedor de peixe. Era quase um narrador de futebol falando de literatura. Ele vendia bem os projetos do James Ruibarbo. É o principal articulista dos programas vigentes. Recentemente teve um caso com a Cléo dos Anjos, dizem. Surgiu boatos que ela deixaria a Lavanderia para se assumir como escritora. O foco estético do Cléber é uma linguagem descolada, que se desvincula da tradição literária, meio pastelão, onde ele cria um espaço para dizer as coisas que pensa. Usou suas qualidades de quem sabe escolher um bom peixe para descamar novos autores nesse mar desconhecido da contemporaneidade. É mal compreendido quando faz uso de termos de venda nos editoriais literários.

Recentemente, Cléber lançou um Concurso Literário de Contos pela Tipografia Santa Cruz, com premiação de dez mil em dinheiro para o 1º colocado, 5 mil e 3 mil para o segundo e terceiro respectivamente. O Tema era o “escritor Lima Barreto em Todos os Santos”. Mais de mil textos avultaram na Tipografia. Foi um sucesso. O James Ruibarbo adorou. Com isso eles conseguiram descobrir um foco barretiano em Todos os Santos, de leitores que cultuavam o escritor, com páginas no Instagram, inclusive. Criaram um mapa dos principais temas e dos principais lugares do bairro onde ainda circulam memórias vivas do escritor. Desde um encontro semanal no boteco para falar do Lima aos grafite borrando de coloridos o bairro. Cléber está satisfeito com o Concurso “Lima Barreto”. Fisgaram a isca.

*

Cléber foi a Lavanderia Santa Cruz. Levou a máscara do Afrânio Peixoto. Tinha descosturado. Era a deixa para ele chegar lá e começar uma conversa. Ele havia planejado a um bom tempo a ida a Lavanderia para conversar com a Cléo. E assim fez, sem papas na língua, como um bom vendedor de peixe, disse: “Teu lugar não é aqui, tu não é formada em Letras?” Ele que não era formado em nada era crítico-geral. “Tu está seguindo a história da tua mãe!”. Cléo não dizia nada. Ela, de certo modo, respeitava o pessoal da Literatura que trabalhava para o James. “Só tem um jeito, Cléo. Reescrever a tua história! E se juntar a nós! O resto é comigo. Eu ponho os escritores onde eu quero. Ou tu quer ser a sucessora da Clara dos Anjos? A pobre coitada. É isso que a tua mãe é!”

Cléo estava desprevenida. Ficou assustada. Antes de dizer qualquer coisa, esticou a mão para pegar a máscara do Afrânio Peixoto. Observou a máscara, as linhas na testa. Eram várias linhas denotando a idade da estampa.

- Onde confeccionaram a tua máscara? – perguntou ela.

- Na Mix. Eles são profissionais.

- A Mix anda terceirizando. Essa costura não é deles.

- Como tu sabe? – perguntou ele.

- Tem outras agências que estão fazendo esse serviço com outros escritores e críticos, não é só vocês. A demanda de máscaras de escritores e críticos está aumentando.

- Por isso terceirizam?

- Sim...

- O James precisa saber disso. Eu não consigo trabalhar se não me sinto o Afrânio... – disse ele com o polegar dentro do ouvido do Afrânio, exatamente onde estava descosturado.

- Não é mais divertido vender peixe do que ser crítico, Cléber? – disse ela tomando a máscara das mãos dele.

- O cheiro... Me aposentei do cheiro.

- Mas o crítico também trabalha com peixe morto – ela falou ao mesmo tempo que testava a máscara do Afrânio em seu próprio rosto.

- Mas não fede... – disse Cléber, olhando com orgulho as mãos limpas.

- É difícil um pescador que venda seu próprio peixe. Estão cada vez mais raros – disse Cléo, ao mesmo tempo que examinava a fragilidade da costura.

- Ou se pesca ou se vende, prefiro assim – disse Cléber.

- Não sente vontade de pescar de vez em quando? – ela disse.

- Não consigo matar... – disse ele.

- Pra matar precisa ter fome. Quando se mata sem fome, se vende – concluiu ela.

- Na verdade, ninguém quer ver de onde vem o produto, Cléo. É melhor. O mundo é assim...

- Quando falamos é porque temos fome de falar ou somos iguais a essas roupas na máquina, dando voltas em si mesmas? – comentou ela.

- Cleó, aqui com o James temos um bom futuro...

- No princípio se caçava para comer, se usava a língua para comunicar...

- Estoque, minha cara. Estoque! Esse é o advento da humanidade! Armazenamento!

- Cléber, quando estudamos *Clara dos Anjos* na faculdade, o mais importante era o que os críticos falavam, ou a linha de pesquisa. Como se congelassem ideias da obra para o uso da Grande Máquina de Pensar.

- Peixe congelado não estraga – disse ele.

- Mas sem as informações sobre o peixe, ninguém compra. Uma carne no meio de um bloco de gelo precisa de um nome – disse ela.

- Dentro d'água, também, ninguém sabe o que tem embaixo, Cléo.

- Daí se assume o risco, de voltar, inclusive, de mãos vazias – disse ela, depois de esvaziar um dos tambores repleto de roupa, onde só um olhar treinado percebe se resta sujeira ou não.

Ela devolveu a máscara do Afrânio nas mãos do Cléber. “Fica bem em você”. Cléo sabia que para ele vir lá de cima, do alto escalão de crítico-geral, até a Lavanderia, só podia ter algo a mais para dizer. Era possível ver isso no descompasso dele, sem saber como manter a conversa, e nem como sair dali, dando a entender que haviam outros interesses. Enquanto Cléo recolhia as roupas das máquinas, num abre e fecha dos tambores, Cléber se mantinha a volta, em círculos. Só quando parou, ele disse:

- Cléo, aqui todo mundo sabe que tu é filha do James...

- Nunca achei que fosse segredo – disse ela, sem parar de dobrar as roupas, enquanto a equipe da tarde não chegava.

- Mas o James nunca admitiu... E ele tem medo que tu entre na justiça...

- Nunca pensei isso!

- Ele não tem medo de perder dinheiro... Só não quer se indispor contigo, porque uma ação contra ele demoraria anos na justiça. Ele tem dinheiro, poder e advogados... Talvez isso levasse uma vida inteira. O que ele precisa é alguém para cuidar dos negócios, alguém que entenda dos bastidores. Cléo, tu podia entrar para a equipe. Deixar a Lavanderia. Tu é formada

em Letras. E podia ser uma escritora. É o sonho do James, ter um filho escritor. Em conta disso, ele te daria até o lugar dele aqui.

- Ele te falou isso?

- Ele nunca suportou te ver aqui, na Lavanderia...

- É o que mais sei fazer!

- Lavar roupa suja não é a mesma coisa que um escritor faz? – disse ele, se despedindo e vestindo a máscara do Afrânio para logo em seguida pegar o elevador e voltar para a sua cadeira de crítico.

Cléo ficou observando aquele homem saindo da Lavanderia com os mesmos gestos de quando vendia peixe no Méier, mas falando como se fosse outra pessoa da pescoço para cima.

*

Acordei na tipografia Santa Cruz. Meus olhos embaçados foram enquadrando o ambiente lentamente. Do meu lado, os homens musculosos. Eu estava amordaçado e atado numa cadeira.

Com o canto do olho vi a Cléo e o Osmar se beijando sobre uma pilha de livros. Os livros caíram no chão, fazendo um estrondo.

- Ele acordou – disse o Osmar.

- Vamos vesti-lo – disse a Cléo.

Só aí percebi que eu estava nu. No manequim a minha frente estava um figurino verde-amarelo.

- Será o modelo do programa – disse ela para mim.

Os homens musculosos me colocaram de pé e desamarraram. Mas não tiraram a mordança da minha boca.

Cléo chegou bem perto de mim.

- Se doer, tu balança a cabeça.

Ela começou a me vestir. De início senti cócegas.

- Não disse? O material é bom – disse ela olhando para o Osmar.

- É bom mesmo. O Melhor que eu já vi – concordou ele.

- É anestésico também – seguiu ela.

- Totalmente? – perguntou ele.

- Não... Mas o suficiente para ele aguentar – concluiu ela.

Me vestiram. No peito, ficaram as estrelas brancas num fundo azul, destacando o Cruzeiro do Sul. Nos braços e pernas, listras de verde e amarelo. No rosto, a impressão facial do Lima Barreto.

- É do mesmo material dos escritores da “Área Vip”? – perguntou o Osmar.

- É melhor ainda. Recolhemos o DNA do Sr. Lima Barreto no Cemitério João Batista.

Olha só a pele – disse ela.

- Azeitonada, original – conferiu ele.

- Suporta a exposição ao sol. Pensamos em tudo.

- Um Lima Brasileiro, finalmente – sentenciou o Osmar.

O Osmar chegou atrás de mim. Assegurou um feixe de eletrodos e instalou na minha cabeça. Num computador apareceu: “CABEÇA DEBAIXO DA TERRA”.

*

No dia seguinte, quando Cléo chegou na Lavadeira, encontrou a mãe. Clara dos Anjos ficou olhando a filha que andava desnordeada pelas máquinas, abrindo e fechando os tambores, sem por roupa suja e nem tirar a limpa. Fazia tudo com uma mão, com a outra segurava um volume de papel encadernado. Clara tinha levado sua roupa para lavar, mesmo estando avisada de que não poderia ir na Lavanderia Santa Cruz. Queria ver a filha, que há dias não via, nem tinha notícias.

- Que papéis são esses? (mãe)

- Não interessa! Deu pra ler agora? (filha)

- Segura tua língua, quem te botou na faculdade fui eu. (mãe)

- Quem te deixou entrar? Tá de rolo com o Amilton? (filha)

- O Amilton me conta tudo que acontece aqui. (mãe)

- Ele também te leva para a casa que era do pai do Jame?! (filha)

- Deve tá entrando muito dinheiro, não é? (mãe)

- É um programa do Governo... (filha)

- Tá ganhando quanto? (mãe)

- Eu quero reescrever nossa história! (filha)

- Roubando a história dos outros? (mãe)

- E tu quer ficar com a história da pobre negra iludida, que criou a filha sozinha? (filha)

- Te criei sozinha porque quis! (mãe)
- Mentira! Se apaixonou pela burguesia! Acreditou no final feliz! (filha)
- Fiz e não me arrependo! (mãe)
- Eu vou mudar essa história! (filha)
- Mentindo? (mãe)
- Vou contar a minha versão! (filha)

Cléo saiu sem ouvir a resposta, como quem bate a porta de casa, desataviada pelo mundo. Clara ficou ali, sozinha, diante do silêncio das máquinas de lavar.

Aos poucos, dos seus olhos, começou a brotar uma água escura no rosto negro, que só foi possível distinguir quando caiu no piso branco.

*

James Ruibarbo e Clara passaram a noite juntos depois de se encontrarem no chalé. O encontro deles, longe da mãe do James, era como se tivessem num outro país, mesmo com o inconveniente de Clara ter cedido, quando aceitou o chalé. O chalé não deixava de ser uma espécie de doação da Inglaterra para o Brasil.

James Ruibarbo desconhecia um corpo negro. Mas desde que Clara chegara em sua casa para lavar e passar e engomar, investia sua imaginação sobre o que teria debaixo de suas roupas, como seriam as dobras da intimidade daquela jovem mulher.

Depois que a mãe de James Ruibarbo mandou a Clara embora de casa, aquela não tardou em contar para o filho o que aconteceu com a empregada.

- Tu quer ela? Aqui em casa não! Fica longe das vistas desse povinho. Vai lá, faz o que todo homem faz e volta pra cá.

James Ruibarbo ia até o chalé do pai e não deixava a Clara abrir uma única janela, com medo de ser visto pela vizinhança. Chegava de noite e saía de madrugada. Dizia que era para preservá-la da língua alheia. E que em breve conquistaria a mãe, persuadindo a admitir Clara novamente, tendo o seu lugar nos afazeres domésticos, ao invés de sair por aí com uma trouxa de roupa na cabeça. James Ruibarbo pagava para ela não trabalhar fora e estar sempre disponível para ele.

- É só até você voltar a trabalhar lá em casa – disse ele.
- Não é certo – retrucou Clara.

James Ruibarbo ameaçava não vê-la mais. Dizia que era muita humilhação ver sua mulher nas ruas, ao dispor dos olhos de outros homens. Clara, apaixonada, sucumbiu ao James Ruibarbo. Passava dias sem sair de casa, sozinha e esperando por ele. Queria que ele a levasse ao Municipal, ver os musicais. Ele dava roupas para ela e dizia que a estava preparando. Pedia para ela ensaiar os passos de como entrar no Teatro. E ela fazia todos os passos de um sonho, como se fosse a protagonista no palco. Andava sobre as taboas trincando rangidos. Falava sozinha diálogos imaginários com outras mulheres, respondendo sobre eventuais perguntas de sua origem. A cada dia ela se imaginava entrando por um dos lados do Municipal, sempre de braço com o James Ruibarbo, nos melhores trajes. A inveja das mulheres era evidente. Ela se enclausurava em diálogos sobre a pretensão das outras mulheres em possuir uma cor o mais próximo dela.

A primeira vez que Clara não esteve disposta a se deitar com James Ruibarbo, ele lhe bateu, como se bate em alguém inferior. Estatelada no chão, seu rosto chorava dentro do reflexo do sapato inglês de James, que a sua frente, vociferava uma língua até então desconhecida para ela.

4 CABEÇA DEBAIXO DA TERRA

Agita-me a vontade de escrever já, mas [naquela] secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo.

Lima Barreto

Levei adiante o programa. Intitulei-o de *Lima Barreto, 2022*. E enquanto o executava, escrevia o meu romance *Cabeça Debaixo da Terra – Diário de uma Lavadeira*. É romance ou diário? – me perguntam. É para atender ambos os gêneros. Vende bem esse negócio de diário de uma prostituta, presidiário e etc. Era principalmente a minha resposta ao escritor. O James Ruibarbo me deixou à frente do programa. Compramos um bom acervo do Sr. Barreto, inclusive edições raras disponíveis no mercado, sem deixar de documentar os trabalhos acadêmicos sobre o autor. A missão era expor o escritor como uma **patriota**, usando e abusando da imagem que os *Manuais de Literatura* fazem de Policarpo Quaresma. “O antipatriota”. “Quixote Brasileiro”. Reunimos as dissertações e teses sobre o Quaresma. E partindo do princípio de guerra, executamos as palavras. Assim como o “diga não as drogas”, que executado pelas escolas, como a Nona sinfonia de Beethoven, mais lembra das “drogas” do que as proíbe. Não pense num elefante branco. Não pense num elefante branco. Não pense num elefante branco. Policarpo Quaresma é uma crítica à pátria. Policarpo Quaresma é uma crítica à pátria. Policarpo Quaresma é uma crítica à pátria. Assim minha missão é vinculá-lo à pátria. O melhor jeito de enterrar um escritor anarquista.

- Cléo? Você está aí? Falando sozinha?

É o Osmar. Ele quer me mostrar a capa do *Cabeça debaixo da terra – Diário de uma Lavadeira*, quentinho nas prensas. Será o meu primeiro livro. Pedi para o desgraçado colocar numa fonte diferente: *Diário de uma lavadeira*. Ele não fez. Eu vou ter que dizer para ele quem está no comando.

- Não vai vender, Cléo. O James Ruibarbo não vai querer.

- O livro é meu, Osmar.

- Quando o Gabriel abrir a boca ele não vai ser mais teu – disse Osmar.

- O problema é o Amilton, tem fuçado pelo prédio e está junto com a minha mãe.

- Ontem vi ele lá embaixo – disse o Osmar.

- O James dá muita bandeira – disse Cléo.

- Qual foi a última dele?

- Foi na UFRJ. No Instituto Pinel. Onde antes era o Hospício Nacional, na praia vermelha – ela explicou.

- E daí? – perguntou Osmar.

Vou ter que deixar o diálogo com o Osmar de lado. Demora muito. Sou estilo mais direta. Então, o James Ruibarbo chegou com a história do *Lima Barreto, 2022*, lá no Pinel. Disse que estava preparando uma *Exposição do Lima* e precisava do acervo do Instituto referente ao tempo que o escritor esteve internado. Os laudos e etc. As dissertações e teses também. E liberaram tudo, desde que o prédio estivesse em condições. James deu um jeito. Seus contatos não falham. Já está tudo no subsolo do Renovare. Só que os caras, esses aí da Luta Antimanicomial e tal, tão em cima, querem ver, palestrar, adoram isso, não tem mais nada para fazer mesmo. É aquele pessoal ligado ao Hospício Colonial de Barbacena. Parece que vem um tal de Jean. Será o mesmo Jean que estou pensando? E daí que o James Ruibarbo, para tirar o acervo da UFRJ está tendo que comprovar o andamento da Exposição. Eles estão loucos para aparecer com essa história do Lima que escreveu sobre os porões da Psiquiatria dentro do Hospício. Já estou vendo os cartazes nas comemorações dos *200 anos da Independência*. Por enquanto, o pessoal está se satisfazendo com fotos. Mas ele tá montando tudo. Como eram as celas e tal. O James Ruibarbo está louco, porque o Mário Paçorusso tem uns clientes com essas clínicas aí. Eletrochoque e tal. Dá um dinheiro, hein. O Mário tá pressionando o James. E o pessoal da Pineal quer fazer um protesto durante as comemorações. O deputado Farinati está junto com eles. Ele está propondo uma lei para fechar essas clínicas. Mas o Mário ganha a maior grana delas, lavando dinheiro pro exterior.

- Quê foi, Osmar!?

- Cléo, assim não dá romance, tem que ter diálogo.

- Osmar, vou desistir disso. Estou mais pela prática. Quem sabe a gente só faz uns panfletos mesmo. Tipo Policarpo: antipatriota.

- Talvez essa ideia de uma lavadeira escritora seja uma boa mesmo. Tu vai detonar qualquer escritor sendo uma lavadeira. Ninguém vai te contestar. Nada melhor que um livro para isso – disse ele.

O Osmar só quer saber de imprimir papel. Estou mais ligada na história.

- Osmar, fica aqui. Preciso ver como está a falsa Exposição do James.

O Amilton não está na portaria do prédio. Desgraçado. Ou tá com a minha mãe ou bisbilhotando. De longe, vi o Mário Paçorusso e o Reinaldo. Conversavam e tomavam café com o Afrânio, ou melhor, o Cléber. É difícil dizer “Afrânio”, comprei peixe do Cléber a vida toda.

A Tânia vinha na minha direção. Acho que ela gosta de mulheres. Sempre vem arreganhada quando me vê. Tânia é um dos Vinícius de Moraes na ala dos escritores. A única mulher que se veste de escritor aqui. O James deu essa regalia. Ela fuma muito. Os outros Vinícius já pediram uma sala separada. Tenho impressão que ela está em conflito, não quer ser mais o Vinícius.

- Oi, Tânia...

- Oi, Cléo. Está mais bonita hoje. Acho que é o cabelo...

- Tânia, você viu o Amilton?

- Cléo, o Lima Barreto está vago?

- Tânia, esse assunto é com o Cléber...

- Que Cléber?

- O Afrânio...

- Não sabia que o nome dele era Cléber...

- É aquele que vendia peixe no Méier.

- Não acredito, sério?

- Sim...

- Nossa, comprei muito peixe com ele.

- Está a fim de deixar o Vinícius, então? – Cléo, perguntou.

- Estou a fim de ler outras coisas... – disse Tânia.

- É só isso mesmo?

- O Lima Barreto continua vago, não é? Aquele menino, o que aconteceu com ele?

- O Gabriel?

- Não vi mais ele, só vi a roupa do Sr. Barreto no cabide...

- Ele tinha muita informação... E para o Barreto precisa pouca coisa – disse Cléo.

- E a dissertação, ele terminou?

- Estamos analisando a pertinência científica do trabalho. Inclusive, Tânia, se o Cléber liberar o Barreto, você só lê o *Destino da Literatura*. Nada mais, entendeu?

- É ficção?

- Que ficção, Tânia, com esse nome!

- E a dissertação?

- Tá comigo...

- Contigo?

- Rebatizei...

- Como assim?
- Será “Diário de uma lavadeira”.
- Cléo, eu quero ser a primeira a ler...
- Fala com o Cléber, diz da nossa conversa sobre o Barreto.
- Posso chamar ele de Cléber?
- Não! Esqueceu as regras?

*

Amilton organizou o acervo do Instituto Pinel no subsolo do Renovare. Abriu as janelas encravadas e empoeiradas. Leu e releu o *Diário do Hospício* e o *Cemitério dos Vivos*, do Sr. Barreto. Montou um mapa da Exposição com rascunhos ilegíveis. Quando entrei no subsolo, o surpreendi numa mesinha esquadrinhada de papéis, espremidos por uma pequena luminária, que delineava o Amilton na parede, agigantado pela própria sombra.

- Cléo?
- Amilton, o que está fazendo aqui, e a portaria?
- O seu James pediu pra eu mexer na papelada...
- Como assim? E a portaria, Amilton?
- Ele não era louco...
- Quem?
- *Por que as posições, os títulos, cousas também que o ensino tem por meritório obter, não é causa da loucura?*
- Está lendo o material? Como ousa?
- Prefere eu ou o pessoal da Pinel?
- Nem fala esse nome aqui!
- Eles já designaram um estagiário...
- Que?!
- É o Inácio, conheço ele aqui do postinho, estagiou ali faz uns anos...
- Amilton! Para com isso! Isso aqui não é um centro de pesquisa!
- E tem o Jean também...
- Jean?
- Da luta Antimanicomial.
- Mas o que é isso? Departamento de Pós-Graduação?

- O Jean não conheço, ele veio de Barbacena, lá o senhor Barreto é tipo um herói...

- (Eu conhecia o Jean, sabia bem quem ele era). Temos que fechar as portas, eles não podem vir aqui! – disse ela.

- (...) *eu me lembro muito bem que um amigo de minha família, médico ele mesmo de loucos, me deu, logo ao adoecer meu pai, o livro de Maudsley, O Crime e a Loucura. A obra me impressionou muito e de há muito premedito repetir-lhe a leitura. Saído dela, escrevi um decálogo para o governo da minha vida; entre os artigos havia o mandamento de não beber alcoólicos, coisa aconselhada por Maudsley, para evitar a loucura.*

- Meus Deus... O Mário não vai gostar disso... – disse Cléo.

- *Tenho que falar dos doentes em cuja companhia estou, dos guardas, dos enfermeiros, mas preciso tratar com mais detalhe e já me cansa escrever estas notas.*

- Tem grana das Clínicas particulares! – gritou ela.

- *Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só.*

- E essas palavras na parede, Amilton? O que é isso? Larga esses livros! Para de ler esse cara!

- Separei uns verbos que o senhor Barreto usou no diário, quando esteve internado. O Matosinho, artista aqui do bairro, fez um estêncil dos verbos...

- Meus Deus, Amilton!

- “Estou/Estive/Entra/Tiram-nos/Trazemos/Dão-nos/ Deram-me/ Atiraram-me/ Sou/ Assoberbam/ Dou/ Fui/ Recolheram-me/ Volto/ Voltarei/ Saio/ Incomodando/ Fornece/ Acompanharam-me/ Passei/ Dormindo/ Errando/ Amanheci/ Tomei/ Tratou-me/ Fez-me/ Pastorado/ Baldear/ Chorei/ Lembrei/ Deviam/Ter/ Sofrido/ Dá/ Peço/ Fizeram/ Examinado/ Desdenhando/ Conversavam.”

- O Matosinho também esteve aqui é? E tu escolheu os verbos?

- Na verdade foi o Inácio, mas eram muitas palavras, fiz uma seleção...

- O Inácio também esteve aqui?

- Está fazendo doutorado sobre o senhor Barreto.

- Filho da puta! Está querendo ser escritor também!?

- Não sei, dona Cléo.

- É assim que começa, se afeiçoando aos verbos dos escritores... É o que dizem esses cursos de Escrita Criativa na internet. “Sublinhe os verbos usados no romance. De preferência aos clássicos”.

Eu e o Amilton paramos de falar assim que uma equipe de iluminação entrou no subsolo, arrastando rolos de fios, jogo de lâmpadas e vários suportes para projetores. Içaram as escadas, alcançando as básculas enferrujadas que ficam na altura do teto, a uns quatro metros de altura. O subsolo tinha sido projetado para ser um estacionamento, mas acabou como depósito. O James vai usar a grana para dar uma reformada aqui. E imaginar que, logo abaixo do piso, morou o senhor Barreto. Aqui os gritos de seu pai, metido em delírios, talvez ainda reverberem. Olho para aquelas básculas lacradas pelo tempo e tenho vontade de imprimir toda a força do meu pensamento sobre as mãos da equipe que tenta romper a ferrugem e abrir uma fenda, como se descobrissem o telhado de um escritor.

Eu mesma não sei que destino me alocou a viver parte da minha vida no Renovare, assim como minha mãe. Em cima da casa do escritor que criou a personagem Clara dos Anjos, tão real, se confundindo com a minha história, como se a sucessão do tempo não tivesse fronteira, me rodopiando para dentro de um buraco negro, onde eu pudesse ser espiada pelos leitores como uma amostra, uma raspagem de pele, congelada para a posteridade me inserir novamente na História quando lhe for conveniente.

- Que achou desses dois parágrafos, Osmar?

- Está pegando o jeito da coisa. Está mais literário.

Não é coincidência o que ocorre com a minha vida. É parte da História do Brasil, em que as palavras vem primeiro aos movimentos do povo, porque parece que sempre estamos atrasados em relação a Europa, e as narrativas letradas e acadêmicas tentam avançar no tempo, esculpindo o que era e o que será, como se bastasse um termo para inaugurar novos ares.

Vou me usar do seu Barreto para entender a perpetuação de tipos como a Clara dos Anjos no Brasil. Para entender como cheguei aqui, sob a lâmina da Língua Portuguesa. Entre a história de Clara dos Anjos e eu, há a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Como se deram tais fatos históricos sem uma transformação social? Apenas acompanharam as decisões mundiais, ou melhor, o mercado mundial. Se ritualizou discursos e nomes, sem emergir mudanças sociais. Lima Barreto, tinha sete anos quando ocorreu a Abolição. Ele, nascido sob o signo do 13 de maio, nos conta da atmosfera de felicidade e liberdade nas ruas:

A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito devo o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele

feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre! Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia. Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livre? Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!

A História da Escravidão foi acomodada pelas palavras, sem que ela tenha sido manifestação do povo. É a busca do trauma e da culpa, ao invés da história positivar a força dos negros no país, que mesmo sendo violentados, nos ensinaram através do samba, dos pretos-velhos, da língua, da dança, enfim, dos orixás. Daí o respeito por um povo ou por uma cor não vir da culpa, mas pela afirmação, pelo o que eles nos ensinaram, pelo mais humano possível. Confundimos trauma com raízes de um povo. Aquele que pratica uma violência também sofre, pois está sob o mandato do poder. E quanto mais poder, menos se pode ser outra coisa. Quanto mais o homem for homem, menos ele poderá chorar, enquanto o seu corpo estiver a serviço do poder e da tirania.

- Que isso, Cléo! Se o James lê essas páginas, ele te tira do programa! – disse Osmar, olhando pela fresta da janela em direção ao pátio, para ver se havia alguém além dos galos e do ronco das prensas.

- Para lutar contra o inimigo preciso conhecê-lo – disse ela, olhando o próprio corpo nu, deslizando a mão sobre a pele como quem folheia um livro.

- Osmar - continuou ela -, será que você tocou no meu corpo mesmo ou só prensou minha pele contra a sua?

Osmar a olhava feito um mero leitor, disponível apenas às palavras e tendo que se virar com os espaços vazios.

- O que mais me impressionou - seguiu ela -, foi quando li isso do senhor Barreto:

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas...

- Claro, pensou ela, - ele falava do anarquismo como ferramenta, como potência, não como personalidade. Não estava falando dos anarquistas-pessoas...

O Osmar cada vez se perdia mais nas palavras de Cléo, e fechava seu corpo, abatido em pleno voo.

- É preciso saber onde está a paixão de um escritor, antes de lhe tirar as palavras do caminho – sentenciou ela.

*

Quando Inácio deu os primeiros passos na Psicologia, estagiava no Posto de Saúde em Todos os Santos, sem ainda pensar nos distúrbios mentais, pois, estava mais inclinado ao atendimento das crianças em estado de vulnerabilidade.

Natural do bairro, cresceu enumerando os azulejos que, aos poucos, foram sendo arrancados das casas, dando a entender que alguma força deteriorava a história, a desfalcando com peças de impossível reposição. Era com essa informação que Inácio entrou no subsolo do Renovare, tal qual o Lima escavou histórias de um Rio de Janeiro perdido nos subterrâneos do Monte Castelo. Para Inácio, a sensação de entrar no Renovare previa um reencontro com o mapa das ruas. Era sabido das ações de James Ruibarbo no bairro, com sucessivas demolições de patrimônios para edificar seus prédios ou vender os terrenos. Ele lembra da expressão “bota a baixo” atualizada em Todos os Santos pelos moradores indignados com a troca de pele do dia para a noite. Inácio ainda era um menino e entrava nos terrenos a luz do sol, enquanto à noite uma força sobrenatural cercava de tapumes o que antes era labirinto da juventude.

No subsolo do Renovare, quando o elevador desceu, Inácio olhou a volta, à procura dos escombros, hipnotizado pela ruína da paisagem que carregava na visão. Decepcionado, ele só viu o vazio do que era um estacionamento que não deu certo. Era inexplicável a força da película do tempo salientando-se em sua pele. Ali não era mais o estudante, mas alguém que cresceu folheando as páginas perdidas de um povo.

Para ele, ver o Amilton ali, abrindo o acervo do Lima, lembrava o quanto o romance *Clara dos Anjos*, do escritor de Todos os Santos, lhe fez companhia na travessia dos vinte anos, quando recebeu do tio, o poeta Leonardo Flores, a história de Clara. A indicação da obra ecoou numa recitação do poeta, sempre excedendo-se nas rimas, porém, naquele momento, ele disse que o livro se tratava de uma antropologia do subúrbio. Um subúrbio interligado pelos terrenos baldios, que eram pontos de encontro dos campinhos, assim como serviam às carroças dos feirantes. Inácio, mesmo em outro tempo, lembra dos pátios forrados de frutas, tanto quanto lhe doía as descrições do Lima, de quando derrubaram as árvores para alargar a Avenida Rio Branco. E, agora, estar ali, no subsolo do Renovare, lhe fazia pensar no revés do que foram os engenheiros no início do Brasil Republicano, higienizando o centro para o país ter um rosto moderno sob a batuta médica. Ele pensou tudo numa fracção de segundos, depois a mente esvaziou.

Em seus primeiros momentos no subsolo, Inácio, deixou o seu corpo refém das sinergias do lugar. Fixou-se nas mãos do Amilton. O formato do indicador e o polegar do porteiro lembraram um fórceps, a pinçar as páginas dos arquivos como as membranas de um bebê-Lima Barreto. Era o movimento mais concreto naquele lugar, a se repetir pela ponta dos dedos umedecidas na língua, a fim de descamar as folhas como o fio da faca sobre uma fruta. Amilton afundava as unhas entre as gramaturas, o que nem um gato faria melhor diante de um novelo. Era, anatomicamente, um esquiteamento sobre as palavras de um escritor, que neste mesmo chão edificou sua caligrafia, entrecortado pelos ruidosos silêncios do pai. Talvez, pensou Inácio, “o quarto dele fosse naquela quina”. Era uma quina do estacionamento onde heras perdidas se infiltravam nas básculas, tecendo um tapete verde. Lima, em *Clara dos Anjos*, descreve o símbolo das heras acobertando os muros do Rio de Janeiro, ocultando as ruínas, memória de um tempo esquecido na Capital.

Inácio ficou um tempo defronte ao porteiro a observar o áspero dos dedos deste, enquanto o mesmo achou que fazia tudo errado diante da insistência do outro em observá-lo. Mas como ele não conseguia parar de desarquivar o acervo, toda a atenção necessitava da força de suas mãos. O próprio Amilton estranhava o peso das mãos sobre os papeis, como se seus ombros assegurassem as vigas do prédio. Esforço que ele só sofria durante as rondas noturnas, diante das escuridões, do sobe e desce nas escadas. Depois que ele esvaziou todas as caixas, suas mãos se anestesiaram, ao ponto de perceber que aquilo era dele mesmo, de sua posição ali dentro. Na verdade, Inácio percebeu primeiro e disse:

- O porteiro tem força, a força de cruzar ambientes...

- Não sou bom com papeis – disse Amilton.

- Não é isso, Amilton. Mas o porteiro é uma espécie de passagem...

- Se eu te contasse o que se passa no dia a dia do prédio... – disse o Amilton, movimentando os ombros para relaxar.

- É por isso que tuas mãos ficaram assim sobre os papeis... Teu corpo é receptivo aos estados emocionais... – disse Inácio, vendo uma fotografia do Lima Barreto, de quando esteve internado em 1919.

- Eu senti um peso... – disse Amilton.

Inácio ficou observando o porteiro com o mesmo interesse de quem encontra uma gruta perdida, uma fenda onde se pode acessar o vazio. Ele sabia de algo raro entres os psicólogos: estar apto apenas para a duração da passagem, ao contrário da máquina de pensar a saúde mental, com autorizações de um especialista. Ele não queria que a Exposição do senhor Barreto

ficasse ajuizada por ele. Então, o mecanismo do Inácio era estar presente como parte integrante de algo maior que ele. Só assim ele poderia agir.

Desde que Inácio fora impelido a estar na organização da Exposição, ele sabia que aquilo não era o que parecia, vindo de quem vinha. Por isso aceitou prontamente o convite, já que conhecia o James, da mesma forma que a Cléo, o Amilton e a Clara. Só não sabia o que aquelas peças compunham entre si, portanto, se posicionou em cuidar do acervo e do modo como o escritor ficaria representado. Sendo que toda a tendência estava em deixar a imagem do Lima emparedado pela doença, submetido aos porres que violavam sua sanidade. E Inácio se sentia comprometido com a postura do Lima, suspeitando da mentalidade médica da época. Lima foi diagnosticado como neurastênico e questionou a relação tendenciosa entre loucura e alcoolismo. Questão essa que vinha da mentalidade médica carioca de conduta social e de organização de uma vida urbana saudável, a serviço da limpeza dos vícios. Estas eram as bases da Escola de Medicina do Rio, o que convinha para o diagnóstico de loucura a partir da embriaguez. Assim, Lima escreveu em seu diário os diálogos médicos que buscavam retratar uma trajetória de vícios em seus pacientes, usando a instituição psiquiátrica para higienizar condutas de vida, a fim de resgatar uma ideia de civilização em progresso, forte economicamente, precisando para isso de corpos sadios. No repertório das causas da neurastenia estão questões ligadas ao consumo de bebidas alcoólicas, sedentarismo, tabagismo e outros. Se ficarmos só com esses, talvez teríamos que sintomatizar toda a produção literária universal. Via dicionário, numa explicação simplificada, o termo neurastênico significa enfraquecimento do sistema nervoso central. Um dos diagnósticos: sono não reparador, muitas vezes incomodado com pesadelos. Para Lima, a projeção de vultos que o perseguiram foi a toante de suas internações. Mas ao isolar o estado físico e psicológico de um paciente, se perde a saúde mental de uma época. Não é à toa a concomitância das Instituições criadas, tanto os hospícios, quanto as prisões no começo da República. Na mesma regência, o estado brasileiro, não se constrangia em eliminar seus dissidentes políticos com navio-prisão ou com campos de concentração em lugares ermos, sem qualquer comunicação e julgamento. Que o diga Arthur Bernardes. O quanto o anarquismo enrustido no Lima não lhe pressionou as faculdades mentais ao ver companheiros perseguidos e as manobras da burguesia e da polícia desinstalando a força do operariado?

Osmar se levantou da cama para interromper a leitura da Cléo.

- Cléo, esse trecho é da dissertação do Inácio?

- Como é que tu sabe?

- Nota-se...

- E daí?

- E daí que é cópia. Não vou publicar isso!

- Ele me autorizou...

- Que?

- Eu conheço o Inácio... Ele anda desconfiado com essa história da Exposição, por isso pedi a dissertação... – disse Cléo, envolvendo os braços no Osmar e sussurrando:

- Meu galinho briguento...

O abracei com força, como se meus tentáculos acorrentassem qualquer ímpeto do Osmar sobre mim. Não sei até onde ele resistiria como títere dos meus projetos. Eu estava mais preocupada com a legitimidade que o Inácio daria, resultado da boa relação que ele mantinha no bairro. Só acho estranho como ele está aqui onde também circulam figuras como o Mário Paçorusso, o James e o Reinaldo. Sem falar no gaiato do Cléber, ou melhor, Afrânio, a escrever o que bem entende, exibindo uma crítica literária de atacado. Conheço Inácio de outros tempos. E isso aqui não é para ele. Já me arrependi de mostrar para o Osmar. Não é bom ele associar o Inácio comigo. Tenho receio do Osmar bater um fio para o Mário Paçorusso, o cara é muito afiado com as clínicas. E o nome do Lima é mais usado pelo pessoal da saúde, do que da literatura. E o pior vai ser quando chegar o Jean.

*

Jean já tinha batido de frente com o Mário Paçorusso. Ele perdeu um irmão numa clínica de reabilitação em que o Mário era o responsável de enviar os dólares para fora do Brasil. Jean se juntou na época ao Deputado Farinati Aleixo. Ambos levantaram um dossiê sobre os procedimentos das clínicas Paraíso, sendo que todas se utilizavam dos serviços de doleiro prestado pelo Mário. Jean conhecia o Osmar, tentou grampear o telefone deste, além de implantar escutas durante as rinhas de galo, que era quando eles decidiam os negócios. Na época, com o Farinati, tais procedimentos eram viabilizados pelo Dog, ex. policial. Mário, que era freguês assíduo, conseguiu cooptar o Dog para o seu lado. Era muita grana. Eu vi o Jean lá, inicialmente apostando, se enturmando, mas o disfarce não durou muito. Alguém avisou o Mário e quase que a rinha não foi apenas de galos naquele dia. O Jean não tinha problema com o uso da língua, mesmo acadêmico, tinha um idioma das ruas, de quando foi usuário. Usa controladamente suas drogas, não deixa o abismo abismar a carne. Diz que “às vezes falta algo

a mais a carne”. O uso controlado lhe fez ganhar massa muscular, definiu o corpo. Cultivou em si uma certa presença, talvez pela falta do irmão, eram unha e carne. Andava sobre a navalha da lei e das ruas. Quando me viu, disse que “eu merecia algo melhor do que a cama do Osmar”. Foi uma frase agressiva, mas o ambiente das rinhas fornecia o material para tal intervenção diante de uma mulher. A Tânia me disse uma vez: “a mulher para ser escritora não pode se deitar com homem, perde a força”. Se eu fosse na dele, não voltaria. Mas sem dúvida teria me tornado escritora antes. Se eu entrasse na vida do Jean, teria que me despir imediatamente das cascas sobre minha pele. Lembro que tinha algo nele, que não vi em ninguém, não sei medir os sentidos, mas era um corpo e olhar que realmente habitavam. Assim, ele me olhou. Eu não era apenas uma mulher, ele tinha interesse. Aquilo me deslocou. O Osmar, como bom galo que é, sentiu o cantar de outro galo. Na verdade, o que eu gostava no Osmar era o movimento, o ambiente que tinha a volta dele. A rinha, o jogo do bicho e, principalmente, a tipografia. Hoje, realmente acho que todo o investimento do James na melhoria do maquinário tipográfico deu-se devido a mim. Afinal, sou a filha dele. E mesmo andando à parte daquele mundo em torno da rinha, entrando e saindo da cama do Osmar, eu nunca imaginaria que o James cuidasse dos meus movimentos. Comecei a perceber isso quando assumi a ponta dos negócios literários e o meu pai, aos poucos, se ausentou do Renovare. Poucos o veem. E, agora, tenho que lidar sozinha com o Osmar, o Cléber, a Tânia, o Inácio, o Amilton e o Jean. Fora os outros escritores e críticos, sem falar no pessoal da lavanderia. Se eu tivesse na lavanderia estendia a mão ao Jean, informações e acessos. Mas estou num posto de controle, tenho outras motivações. Também não sei como o nome dele chegou e passou pela Agência. Quem fez o contato? Não saberiam que ele é o Jean? Claro, alguém da Luta Antimanicomial isenta qualquer dúvida sobre a Exposição. Quanto o James ganhou da Prefeitura do Rio e do Governo Federal? Deve valer a pena. Ontem mesmo deixaram sobre minha mesa a remessa de um material absurdo sobre o Lima, aquele mesmo que o Amilton entregou na portaria para o Gabriel, sobre o patriotismo no escritor de Todos os Santos. Acho tudo isso descarado, embora a morte desse autor abra os porões da minha libertação. E da Clara também. É um jeito simbólico de me desvencilhar do ressentimento, da dor. É uma libertação da crítica, cabe dizer. É a crítica quem mais associou Clara ao racismo. Sei que o material será distribuído em massa, nos gabinetes, autoridades, bibliotecas e espaços culturais. Esteticamente é atrativo. Na capa aparece uma lula gigante com os tentáculos subdivididos em diversos tons de verde-amarelo. Um tentáculo entra no subsolo do Rio, onde era o Morro Castelo, outro invade um vagão de trem da Central do Brasil, um mais abaixo percorre a arquitetura austera da Monarquia, um bem no meio se bifurca dentro do

Hospício, e em destaque, o último tentáculo se enrodilha na estátua de Floriano Peixoto com a palavra **pátria** em relevo. E tem outro material em estudo para associar o autor ao alcoolismo e consequentemente à loucura. Estão reeditando livro *O crime e a loucura* de Henry Maudsley, citado pelo próprio Lima Barreto em seu diário, escrito quando este foi interno no Hospício. Lima estava imerso num ambiente familiar em que a presença do pai o esmagava após a aposentadoria do mesmo com o diagnóstico médico de neurastênico. Igual ao filho. O próprio escritor comenta que não tinha vontade de retornar para casa, o que talvez tenha intensificado suas andanças noturnas, onde os porres eram consequências da noite, preferindo outras casas ao invés da sua, ambientada de melancolia. Quando não saía para a rua, se embriagava na própria casa. No diário, ele relata o que lhe causou a leitura de Maudsley, que relacionava bebida e loucura, dizendo da influência do psiquiatra em sua vida, chegando a escrever um decálogo de conduta sóbria. (...) *Havia o mandamento de não beber alcoólicos, coisa aconselhada por Maudsley, para evitar a loucura* – escreveu o escritor. Na época, as associações hereditárias e de vícios eram premissas para um diagnóstico de loucura. Há inúmeros artigos e pesquisas a contabilizar possíveis relações de causa e consequência, ao mesmo tempo que a psiquiatria se edificava. No Decreto 4. 294, de 6 de julho de 1921, artigo 3º, diz: *Embriagar-se por hábito, de tal modo que por atos inequívocos se torne nocivo ou perigoso a si próprio, a outrem ou à ordem pública. Pena: internação por 3 meses a um 1 ano em estabelecimento correccional adequado.*

Para um pouco, relaxo o corpo, me deixo anestésiar na cadeira. Perdi a noção do tempo. Não avisei ninguém, nem vocês, que saí mais cedo do Renovare, hoje. Não queria me encontrar com o Jean, por isso vim no Osmar, aproveitando que ele está o dia inteiro em reunião com o Mário e o Reinaldo, afinal, são tantos gols. Aqui os galos estão quietos. Também preciso dizer que vi minha mãe. Chamaram ela na lavanderia, estavam perdidos sem mim. Mexendo aqui nas gavetas, encontrei uma foto do James com a mãe. É uma fotografia na frente do Renovare, naquela textura dos anos 70. O papel fotográfico arredondado nas pontas. Não sei mesmo, mas parece que o fato de eu ocupar uma posição no Renovare fez as coisas se estabilizarem, como se tudo e todos esperassem a merda boiar. Cada um no seu espaço, ninguém quer ser o alvo.

Bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos? – pergunta Lima Barreto. Essa frase está boiando na minha frente, sublinhada pelo Gabriel, onde abaixo seguem algumas anotações, como a de Márcio Neri, escrita, em 1909, no *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal: Nesse agrupamento apontamos desde a tendência que o hábito faz surgir no organismo e que impele o indivíduo a procurar nas bebidas*

alcoólicas uma excitação que se tornou necessária e às vezes inelutável, até as lesões as mais graves do cérebro, do sistema nervoso em geral e de todo o organismo, que arrebatam, por completo, ao homem a sua mais nobre prerrogativa – a de um ser racional. O sangue como fim, como justificativa. Se eu pudesse debruçava meu pulso para que uma seringa expurgue o mal de mim. Mas não é assim para romper os discursos científicos que isolam o problema para dissecá-lo. O problema é isolar. Se eu isolo as forças sociais e psicológicas que fizeram um corpo ser como é, aí não tem mais saída. Só com a extinção da linhagem, como disse o psiquiatra Augustin Morel no século XIX, que *as degenerescências são desvios doentios em relação ao tipo normal da humanidade, transmitida hereditariamente.* Já, Galeno de Revoredo Barros, na sua tese apresentada no Rio de Janeiro, em 1908, disse: *a tara é mais fatal e profunda se o alcoolismo depende da progenitora.* A única coisa que me viciou aqui foram as tintas da tipografia. Me levanto, ando pela tipografia. Abro as janelas para sair o cheiro de solvente impregnado no maquinário. Óleos e resinas num canto. É conhecido o ambiente nauseante das tipografias, além da toxicidade das ligas de chumbo, estanho e antimônio. Era, inclusive, corriqueira a ingestão de leite nas gráficas, como antídoto à toxicidade. Método usado até o início do XX. Irritação na pele e nos olhos era o primeiro sinal de um espaço com pouco ventilação. Será que a ideia hereditária de Morel, Barros e Neri não se aplica a inalação e ingestão de químicos? Seria isso a hereditariedade do escritor Lima Barreto? Uma herança de tinta transmitida pelo pai que era tipógrafo na Imprensa Oficial, tendo traduzido o *Manual do Aprendiz Compositor*, de Jules Claye. Sabe-se que os tipos, os caracteres, eram fundidos, o que torna duvidoso o contato direto com o chumbo líquido para fabricar uma letra, por exemplo. Diferente dos linotipos que evoluíram a produção gráficas usando um sistema de fundição com o chumbo, criando linhas para a impressão, como o próprio nome diz, linhas de tipos. Com o advento dos linotipistas, a criação artesanal da palavra, letra a letra, deu lugar às linhas para as composições do texto. Osmar não sabe dizer se José Henriques, pai do Lima Barreto, já utilizava os linotipos na Imprensa Oficial, o que é improvável, devido aos primeiros surgirem em 1885. Mas o tipógrafo manual, ao manusear os tipos estava submetido à química dos componentes das tintas e solventes, tanto quanto os linotipistas em relação ao chumbo, embora este, de consequências mais agressivas. Nos documentos da época, aparecem casos relativos à insalubridade das tipografias, sem detalhar qual o contato que os operadores tinham com os produtos, dando a entender que, em geral, a exposição à toxicidade dos componentes colocava em risco a saúde física e mental dos funcionários. Escrevi um dossiê para o Osmar tentando sugerir que o diagnóstico de neurastenia poderia derivar do sucessivo contato com componentes

químicos das gráficas. “Mas daí toda a relação do escritor com a loucura e a bebida se perde, inutilizando a Exposição” - disse o Osmar. Resumidamente, anotei uma lista de consequências do contato com o chumbo. Tais como: episódio delirante agudo, confusão, insônia, inquietude, tremores, medo, explosões de violência, alucinações visuais e delírios, podendo apresentar um quadro de neurastenia. O Osmar não se conteve, tratou de desfazer a causa/efeito da minha intenção ao buscar mais informações junto ao seu mestre, Alípio, consultor do Museu Nacional. Alípio teria dito que “os primeiros linotipos chegam no Brasil depois de 1904, já na República, depois de aparecerem em Toronto, Berlim, Manchester e Nova York”. Insisti com o Osmar para irmos à casa do seu Alípio. A casa dele tinha um ar pestilento, onde os móveis eram objetos tipográficos, uma verdadeira coleção. Osmar acendeu um cigarro. Alípio deu um tapa no cigarro que caiu apagado no chão.

- Quer explodir isso aqui? - perguntou Alípio.

- Esqueci, seu Alípio – reconheceu Osmar.

- Ainda trabalho, faço minhas impressões, tenho produtos, dona. - explicou Alípio.

- Cléo... Cléo dos Anjos.

- Eu sei quem és. Conheço teu pai - disse Alípio.

- Foi Alípio que ajudou com os nossos maquinários - disse Osmar.

- A Cléo quer saber se é possível um sujeito apresentar distúrbios mentais depois de anos em contato com os produtos numa tipografia.

- Querem saber do pai do senhor Barreto, não é? Pois então, o trabalho e os produtos que eu uso aqui são quase os mesmos da época da Imprensa Oficial, só não uso os linotipos por causa do chumbo. Contaminação? Não existe, minha cara. Só náuseas, no começo, depois se acostuma. Irritabilidade na pele, também tive. Agora tenho essas manchas crônicas. Minha filha disse que é princípio de câncer de pele. Problemas todos tem. Minha mulher não aguentou. Está até hoje internada. Na verdade, não me suportava. Ela vivia numa gráfica, não na casa dela. Foi isso. Olha pra mim, como estou bem. Se já tive surtos, visões? É isso que querem saber? Quem não teve? Acho que tem a ver com o lugar, os objetos antigos. Assombração, aparição. Respiro essas latas, solventes e resinas todo o santo dia, e estou vivo. Está vendo essas letras aqui? É a base de chumbo, já vem fundida, não faço fundição aqui. É possível que esses caracteres soltem resíduos de chumbo? Sim, é possível, meus caros. É o que acho. A cada impacto da prensa nas letras é difícil não soltar nada. Não uso luvas, eles não usavam também. A gente manuseia tudo com as mãos, só no artesanal, depois montamos as composições. Fica aquela fuligem nas letras que se impregna na pele. Agora, se faz mal mesmo, não sei.

Escutamos o Alípio e quase não conseguimos sair de sua língua nos envolvendo de poeira e fuligem. Difícil foi sair daquela casa, um arranhão e as nossas próximas gerações estariam implicadas de tétano. O Alípio não nos conduziu a porta, ficou parado alisando os relevos de um rolo de papel importado. Alípio mais parecia um borrão perdido entre aquelas máquinas, debruçando-se sobre as letras já fundidas no papel, como um vazamento de tinta a sangrar o texto. Osmar ainda olhou o mestre pelo vão da janela, parecendo uma samambaia a tremular insignificâncias, esquecido dentro de seus gestos inoperantes, que outrora foram ágeis para edificar um livro. Pensei em chamar o Osmar, mas o deixei na moldura do passado, a olhar para o cara que lembra seu pai, da vez que compraram o terreno e uma encerra de galos. Aquele lugar não era nada, eles ainda não conheciam o James, naquela época ele só estava nos negócios da Alfaiataria. Alípio tinha uma clientela de ricos que queriam um trabalho artesanal com o papel. Pouco importava o que dizia, embora na maioria das vezes o conteúdo da encomenda descrevia detalhes biográficos, bijuteria de rico. Osmar lembrava os primeiros passos, as entregas envelopadas com cera de abelha. As madames adoravam aqueles adornos. Faziam chás para abrirem os pacotes, em que cada detalhe tinha uma explicação, seja do fio banhado em óleo tal, ao papel que eles esfregavam no rosto e emitiam um sonoro gozo de prazer. Quando o Osmar me falou das senhoras gordas e suas xícaras douradas, lembrei do James, como um glace sobre Todos os Santos. Osmar me olhou bem nos olhos, lá dentro, rompendo a quarta parede, para deixar no passado a imagem do seu mestre tipógrafo. Acendeu o cigarro, que lá dentro era explosivo e aqui fora só queimaria os seus lábios. Encheu os pulmões, soltou a nuvem e disse:

- Cléo, o Alípio poderia representar o pai do Lima Barreto no teu romance. Já estou vendo os pedidos de venda dos direitos da obra para o cinema. Um lance meio ficção, meio documentário, tipo híbrido, sabe? Daí umas imagens do Alípio em Super 8, como aqueles arquivos de família.

Olhei os lábios do Osmar, mexiam-se sem emitir palavras. Nisso ficava o ponto da nossa diferença, ele como editor, eu escritora. Eu precisava de alguém que imprimisse sangue no que tenho para dizer. Talvez, rever o Jean possibilite o peso na mão que necessito. Saímos dali e fomos para o Renovare, no subsolo. Eu sabia que lá havia a chance de algo romper do chão, rachando o concreto que emparedou um escritor. Cada vez mais queria entender da boca do meu pai a razão dele empilhar tijolos sobre a antiga morada do Lima Barreto. Queria que ele me dissesse. Afinal, qual foi a força que magnetizou minha mãe na lavanderia? Queria entender que vórtex de átomos estão em jogo. Será que tudo isso é o resultado da Grande Narrativa, daquela que precisa de adesões para sustentar a necessidade de um super-herói. Só que não

tenho corpo para fazer parte disso. Minha mãe sofreu com o meu pai, mas ficou atrelada a ele, trabalhando com ele. Embora, ela não veja nele o mantenedor do bairro, o empresário que gira a economia. O que minha mãe tem é a precisão do seu lugar. Ela sabe o sacrifício de manter uma roupa branca e do custo de limpá-la. Ela tem interesse na sujeira. Ela sabe sobre a sujeira, estudou isso. Estudou com a mãe dela que batia roupa em casa e entrouxava para o pessoal nas Laranjeiras. Inclusive, sabe dizer o tipo de mancha. Sim, Clara dos Anjos, durante todo esse tempo na lavanderia, olhou para o James como se olha para uma mancha. Se interessou pela mancha, até descobrir que aquela mancha não se importava em impregnar novamente o tecido humano. Clara nunca se desfez do James pelo ressentimento, mas olhou aquilo que ele estava edificando. A questão não era se opor a ele. Se ela vivesse na oposição a ele, teria sua vida enganchada a tudo que vem do James.

Enquanto estamos entrando no Renovare, penso tudo isso sem saber se falo cada palavra dentro de mim porque necessito pensar assim, ou se realmente vejo a força da minha mãe em lavar sua própria roupa suja e a dos outros.

*

Amilton e Inácio estavam no subsolo quando a Tânia bateu a porta. Ela estava diferente, saía justíssima e cabelo solto. Queria saber onde eu estava. Ela não aguenta banco. Sentada se sente amarrada. “A crítica literária é uma doença necessária” – ela disse. Sei o que ela vai me dizer: “Não sou mais o Vinícius de Moraes”. Esse negócio de vestir-se de escritor só atrapalha. É típico do James se filiar a cultura, fazer aquela maquiagem, enquanto se vale de fundos culturais.

Usar uma estampa de um escritor, realmente, é o selo da abominação do ato de criar. Osmar me disse uma vez: “O James queria dar uma serventia aos escritores, os anulando com a crítica”. Por isso, fez logo uma secção de crítica no Renovare. O cúmulo disso é o Cléber, de ex-feirante a chefe dos críticos. Tânia está realmente bonita. Em breve vai me confessar que saiu com o Cléber. Ela me olha tipo furação, Capitu/ Bovary. Fica na minha frente fazendo umas coisas com os cabelos, ora solta, ora prende. Também me pergunta “fico bem de gravata?” Tânia está testando os gêneros. Digo que está bem como está. É linda e tem tudo que uma mulher precisa, além disso escreve bem. Me senti um homem falando isso. Sem querer aticei ela. Ela disse “tu é uma morena de polegada”. Meus Deus, o ex. Vinícius de Moraes está a fim de mim. Nunca fui de mulher, mas a Tânia valia. Talvez, é só esquecer o diálogo horrível que

estamos tendo. “Estou a fim de experimentar o Lima Barreto”, disse ela. Acho que não vai rolar, Tânia. Não combina. Gente, se vocês pudessem ver a Tânia, as coxas dela com pequeniníssimos flocos de pelos alourados em volta de uma circunferência de respeito, sem dúvida, ficariam loucos. Isso sim, é loucura! Nunca uma mulher dessas poderia ser chamada de Lima Barreto. Falei isso e ela fechou a cara. Se transformou em segundos. Prendeu os cabelos, apertou a gravata e ficou com ares de secretária encruada. Está bem, Tânia? Não falou nada. Em segundos passou um lenço umedecido sobre o rosto, retirou a maquiagem. Pronto, parecia o fim de um relacionamento. Olhou bem no meio dos meus olhos e disse:

- Saí com o Cléber.

“Eu sei”.

- Ele disse que vocês seguem a triste história das negras.

"Cuide de suas palavras”.

- Vejo teu ressentimento...

“Que tu sabe de ressentimento?”

- O James arruinou tua mãe...

“Bem ou mal, ele é meu pai”.

- Um pai que colocou a mãe e a filha para lavar a roupa suja do bairro.

“É um trabalho honesto”.

- Sabe, a crítica literária sobre o Senhor Barreto diz que ele é um autor que criticou o preconceito racial.

“É o selo que deram para ele”.

- Acho muito estável o catálogo “preconceito racial? O que isso define?

“Minha cara, a crítica precisa escolarizar. Linhas de pesquisa, comparações, história de alguma coisa”.

- O Cléber disse que tua mãe é a experiência viva dessa narrativa sobre a negra coitada.

“Por isso tu quer ser o Lima Barreto?”

- Pra te ajudar...

“São anos de Manuais de Literatura explicitando *Clara dos Anjos* como crítica racial”.

- Mas não era essa a proposta do Lima. Ele mostra uma rede governando os homens. O Cassi Jones, no romance do senhor Barreto, representa o James, teu pai, não é? Cassi é tão vítima quanto Clara. Cassi é um tipo de sujeito da aristocracia dos subúrbios, que o próprio Lima aponta, alinhado com o lugar que o Brasil deu a tudo o que é americano, inglês ou francês.

Cassi ascende dos ingleses. Esses caras são reis aqui, unidos a uma burguesia que se esvazia no acúmulo.

“Tânia, o que tu quer dizer é que não tem o bonzinho nem o malzinho, não é?”

- Cléo, tu precisa olhar para o James não apenas como um latifundiário urbano, mas como um joguete de forças do estado, da burguesia... Ele é a continuação de um Brasil de grandes acumuladores que não plantam uma roça de mandioca para comer, enquanto a maioria se espreme nos morros.

“Lima escreveu sobre a distribuição de grandes bens e do fim dos testamentos, sendo cada parte devolvida após a morte dos donos dos grandes espaços de terra”.

- Cassi não precisava trabalhar.

“Onde tu quer chegar?”

- Pra tu nascer, precisa ruir o patrimônio do teu pai.

*

O Cléber já havia autorizado a Tânia. Ela seria o Lima Barreto na Agência. Não fiz oposição. Só não entendi a razão do joguinho dela, de vim fazer charme. Talvez ela me veja como chefe, só pode ser. A filha do dono. Essa é uma medida que não cabe em mim.

A Tânia ocupando a vaga do Lima Barreto seria algo bem positivo na Agência, abrindo os pontos de vista sobre o autor. Ela é necessária dentro de um projeto barretiniano, não posso negar, mesmo com a minha intenção de emparedar o escritor como **patriótico** e **louco**. Na verdade mesmo, já não sei, por isso, a entrada da Tânia na jogada me ajuda a escrever além de mim. Nesse ponto não posso recuar, afinal o Lima tem a Arte Literária como algo que apresenta um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos. Vou deixar sublimado, não sei se mantenho o trecho, acho que não vão entender na Agência. Só que, de onde vim, sou forçada pela ética do meu corpo, a olhar dentro da composição entre as pessoas. Sei bem a história de quando a mãe engravidou do James, da rede de apoio que ela teve entre as lavadeiras que recolheram roupinhas de bebê, fraldas de pano, berço, banheira e brinquedos. Elas tinham suas

diferenças, mas sabiam se unir para levantar um barraco, para acudir com rezas e chás os enfermos. Nesse lugar não tem negociação.

E Tânia não foi diferente, emergiu para encontrar o Lima Barreto. Escutou as pessoas, se interessou por elas sob a premissa de que cada uma tinha os olhos que ela não tinha. Fez um mosaico do bairro a partir das narrativas dos moradores antigos. Seja uma pitombeira abatida pela motosserra, seja uma alagadiço aterrado. Deixou um dossiê na minha mesa, deixou mais do que eu pedi. Tentava esconder seu corpo no corpo do Lima Barreto. Refez costuras, investiu nas gravatas e chapéus. As camisas e ternos puídos dos brechós. Sapatos velhos. Buscou um andar a partir do diário do autor carioca. Andava assim pra cima e pra baixo. Leu a conferência *Destino da Literatura*. Decorou trechos. Levava debaixo do braço as partes transcritas à mão. Tentou descobrir o que poderia ainda a Literatura através da ideia de comunhão entre os homens. Qual é o elo que liga a humanidade? E o que a Literatura poderia fazer sobre isso? No *Destino da Literatura*, Lima Barreto relata a quebra da comunhão com a humanidade que o personagem Raskólnikoff, em *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, sente através do testemunho da própria consciência, depois que ele mata a velha agiota e sua irmã. Essa quebra com a humanidade permite uma invasão dos outros em sua vida através da própria consciência que o castiga. Esse elo rompido passa a nortear sua vida.

Entro num táxi e sigo a Tânia que está em outro táxi. Necessito saber o que ela vai conseguir para mim. Cheguei num ponto que não avanço sozinha. Ela está vestida de Lima Barreto, como um personagem de Teatro. Evoluiu a proposta da Agência de ambientar com a máscara e criou seus próprios procedimentos. O jeito de olhar, a pausa na voz, um leve balançar dos ombros. A loira amorenou a pele. Sem dúvida, caprichou nos produtos e maquiagens. Vai pra Copacabana. Desce no Hilton. Sigo ela. Tânia para na portaria. Eles confirmam que ela pode entrar. Sobe o elevador. Entro e sento no Hall. Sinto a brisa do mar. Estou me sentido bem. Sair do ambiente do Renovare e do grude do Osmar é uma libertação. O Mário Paçorusso acaba de entrar no hotel. Está na portaria. Ele sobe o elevador. Vou em direção ao banheiro para ver em que andar o elevador vai parar. O carinha do elevador pergunta se estou hospedada. Digo que estou esperando alguém. “Só estou admirando o elevador” – eu digo. Ele responde que é bonito mesmo. Volto na portaria. Falo o nome do Mário. Perguntam quem eu sou. Digo que é surpresa. “Estou junto da moça que entrou vestida de homem” – eu disse. Entro no elevador. O que a Tânia quer com o Mário? O elevador para. Tem sala de massagem, tem outra ali que parece sauna. Disfarço. Vejo o Dog, aquele ex. policial. Será que ele lembra de mim? Algo dentro de mim move minhas pernas até ele.

- Tudo bem, Dog?
 - “Que que manda?”
 - O Mário tá me esperando.
 - “Qual é teu nome? Não to sabendo. Quem tinha que entrar já entrou.”
 - É surpresa.
 - “Como é que o Mário tá esperando se é surpresa?”
 - Vai deixar eu entrar ou não?
 - “É programa?”
 - Depende da proposta (não sei porque eu disse isso).
- Me olhou de cima abaixo e revistou.
- “Pode entrar. Se der problema lá dentro, te tiro de arrasto”.
 - Fica tranquilo, sou colecionadora de Arte. Tenho um Di Cavalcanti para oferecer.
 - “Que pena, achei que a Obra de Arte era você”.
 - ...
 - “Putta gostosa” (escutei ele falando antes da porta fechar).

Lugar estranho. Parece uma boate. Será alguma festinha do Mário? Está tudo escuro. A Tânia está dançando debaixo de um jogo de luzes. Tem umas trinta pessoas em volta, bebida free. A comunicação aqui é mais direta. As pessoas precisam de pouco coisa para se entenderem. Mas se extrair o circo de cena será que alguém fica de pé? Tem um cara que chega em mim. Finjo que estou gostando, sem tirar os olhos da Tânia. Tânia está despindo o figurino do Lima Barreto. Ela chamou o Mário Paçorusso para dançar. Será que a Tânia faz academia? Ela dança e fala umas coisas, tipo performance. Não é só putaria. Tem Arte também. Como ela conseguiu fazer aquilo, será que não dói? O Mário ficou louco, não sai de cima dela. Ela tirou quase toda a roupa. É rápida. Não perde a visão do todo, tem técnica de atriz. Parece que ela ensaiou um número. Os desalmados mereciam a última noite com uma mulher igual a Tânia. Aquelas pernas loiras se bifurcando sobre o destino de um homem. Agora, ela se vesti novamente, sem parar de dança, como o início e o fim de uma peça de teatro. Imagino Tânia perdida em São Petersburgo, aquecendo Raskólnikoff à beira do rio Neva, tentando restitui-lo a humanidade, juntando os pedaços de sua acidentada consciência. Ela tenta beijá-lo, mas ele não tem mais lábios para assegurar um beijo, nem olhos para perdurar um horizonte. Todos aplaudem Tânia como se pudessem agarrá-la com a palma das mãos. Não tenho dúvidas que, com o seu talento, ela prestaria toda a assistência ao Marramaque no final de *Clara dos Anjos*, quando Cassi Jones e Arnaldo o matam covardemente numa noite de chuva. Tânia juntaria

Marramaque do chão e lamperia suas feridas, enquanto poemas saíam de sua língua. Poemas dos românticos, como Casemiro de Abreu. Tânia é o máximo mesmo. Ela disse que nunca desprezou os poetas românticos pela simplicidade dos poemas, já que o ponto nevrálgico deles é a sinceridade. Ninguém foi mais sincero que eles. Que mulher, a Tânia. Sei que ela iniciaria a vida de Isaías Caminha, possibilitando as chaves de acesso à cidade. Se Isaías andasse ao lado de Tânia, o deputado Castro o reconheceria à distância, o colocando no posto pretendido. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o deputado Castro é tal como o castelo para Joseph K, no romance de Kafka. *Os escrivães, fique o senhor sabendo, é que são as verdadeiras autoridades*. Tânia diria isso e pronto, o deputado Castro assentia maravilhado com a frase. Tânia vestiu-se deixando a nudez na memória da plateia. Mesmo que ela se envelope de Lima Barreto, qualquer um vê o potencial que tem debaixo dos seus panos. Até o Vicente Mascarenhas esqueceria sua missão literária em *Cemitério dos Vivos* para edificar as vertebbras de uma cama, a fim de deleitar-se com Tânia. Ela, sem dúvida, o visitaria no Hospício, pois é afeita a psicologia dos desvalidos. Talvez, Edgarda, em *Numa e Ninfa* se equivaie a figura de Tânia. Mas, na verdade, não tem ninguém igual a ela. Sob intensos aplausos, ela deixa o palco improvisado, pega a bolsa, tira de dentro um 38, se aproxima de Mário Paçorusso e estoura a cabeça dele. Um respingo de sangue mancha o paletó de Tânia. Gritaria e correria competem entre si num andar qualquer do Hilton. Dog entra e dá vários disparos para cima, fazendo com que todos recuem. Ele ordena que fiquem deitados num canto. Com a arma em riste, ele faz tudo energicamente. Tânia ainda está com a arma na mão, quente e engatilhada. Dog a ignora, como se ela fosse a mulher do Mário. Tânia era um borrão para ele. Ela levanta o 38 na altura da cabeça do Dog.

- Dog! – grita ela.

Foi só o tempo dele virar e a bala raspar o pescoço, depois outra no ombro e a última no peito. Os olhos deles caindo no chão olhavam e não viam Tânia. Foi alvejado exatamente como se morre um ex-policicial que trabalha para um doleiro. Duas poças de sangue se cruzaram no Hilton.

Eu fiquei deitada, paralisada. Esperando tudo passar. Tânia saiu andando do Hilton, se misturando ao corre-corre. Andava num leve balançar de ombros com o chapéu meio solto na cabeça, gravata e colarinho puído.

*

Não sei se conseguirei entender a atitude de Tânia. A investigação não fez ponte com ela, nem com a Agência. Tânia apresentou documentos falsos para entrar no Hilton. É mais fácil que venham até mim, pois dei meu nome na portaria. Só um jornalzinho, panfletário, metido a revolucionário, fez alusão ao ataque da loira, estilo Kill Bill. Achei horrível aquilo, Tânia como justiceira. Não era o que eu esperava. Talvez ela tenha entendido as coisas de modo errado ou tinha alguma ligação com o Mário que não sabemos. Como o jornaleco sabia que ela era loira? Ninguém mais noticiou. Inclusive, associaram o crime ao passado do doleiro, no tráfico com lavagem de dinheiro.

Entro na Mascarenhas. Chego no Renovare, o Jean conversa com o Amilton na portaria. Quando ele me vê, chega perto de mim e assegura meu braço, me leva para um canto. Me olha profundamente. Não era nessas condições que eu esperava revê-lo, pensei.

- “Clara acolheu a Tânia”.
- Quê? Minha mãe está envolvida?
- “Acho que não. A Tânia bateu lá”.
- Eles tem meu nome, eu segui a Tânia no Hilton.
- “Teu pai está vendo isso.”
- Meu pai? Como que ele ficou sabendo?
- “A Tânia te viu lá. Contou tudo. Disse que só confiava na tua mãe. E daí a Clara avisou teu pai”.
- Eles vão prender a Tânia!
- “O teu pai não deixaria, a agência toda estaria comprometida”.
- E o que ele vai fazer?
- “Ele tem um conhecido na investigação que vai deixá-lo a par de tudo”.
- Mas é um crime... Nós vamos acobertar um crime?
- “E entregar a Tânia por causa de um doleiro?”
- É um Ser Humano...
- “Ele já era para estar preso. Eu e o Deputado Farinati tentamos.”
- Eu quero ver a Tânia.

O Amilton me olhou sério. Sim, ele já deve saber. Afinal, deita com a minha mãe. Nunca conversei com ele sobre isso. Mas não tenho nada que ver. Será que o James sabe? Sem o Amilton, o Renovare não funciona, ele sabe os becos do prédio. “Lá vem a Clara” – disse o

Jean ao pé do meu ouvido. Clara entrou no Renovare arrastando o paletó manchado de sangue que a Tânia vestia quando baleou o Mário Paçorusso.

- Mãe! – deixei escapar um grito de pavor.

- “Vou tirar essa mancha de sangue, eu entendo disso”.

Não consegui dizer nada. Realmente a mãe conseguiria tirar aquela mancha de sangue. Eu que trabalhei anos na Lavanderia, não sei. Mancha de sangue ela nunca quis me ensinar a limpar. Dizia que crime não se oculta. “Se tem sangue minha filha, deixa”. Porém, agora ela segue obstinada em direção a lavanderia. E só sairá depois da última gota de sangue entrar no esgoto do Renovare. A vontade que eu tenho é de evacuar o prédio e deixa-la a sós, como uma mãe que precisa parir em silêncio uma vida. *A mãe lavava a roupa no tanque, ao lado da casa; e a filha se encarregava dos arranjos domésticos. A cozinha era feita por ambas ou só por Clara, quando não tinha músicas do pai a copiar ou sua mãe tinha muita roupa na lavagem.* Não me sai da cabeça esse trecho da *Clara dos Anjos*, ele me vem com força, enquanto meu corpo lateja. O Jean me apoia, meu corpo quase escurece. Ele me faz sentar no Hall do Renovare. Eu pensava em algo para sair da letargia. Olhei o Jean, assegurei com força a sua mão. Como será a vida dele em Barbacena? Tentando resgatar as migalhas do que foi o Colônia para a cidade. A cidade do “Trem dos doidos”. Ele me mostra umas marcas no corpo e não precisa dizer mais nada. Quando tapou os pulsos e abotoou a camisa, começou a dizer:

- “Um dia o Lima Barreto também saiu de lá, no Trem da Central do Brasil. Dizem que ele levava consigo um diário do irmão do Tiradentes. Um padre local chamado ‘Domingos da Silva Xavier’. Nunca ninguém viu esse diário, talvez seja uma história improvável. Mas lá, quem conta tem a pena nas mãos e a certeza das páginas transportadas no trem. Dizem que quando Tiradentes foi preso, Domingos pregou na casa de um fiel, onde estava escondido, erguendo com a força de um punho o diário. Ele pregou com o diário. Com as próprias palavras. Naquele momento, ele não confiava em nenhuma outra palavra. Ele estava longe da Igreja. Tinha ido aos extremos da cidade, a fim de evitar qualquer encontro com o Joaquim Silvério dos Reis, o delator da Inconfidência, que na época residia em Barbacena, quando a cidade era chamada de Termo de Barbacena. Joaquim perseguia Domingos na rua para falar de Tiradentes, que ele seria preso, ou que ele estava indo por caminhos errados. Domingos poderia matá-lo. Afinal, era um homem, como qualquer outro, mas preferiu escrever. Dizem que Joaquim perseguia Domingos para tentar se livrar da culpa do delator. Domingos era padre e Joaquim queria justificar sua traição. Mas no fundo mesmo, Cléo, todos eles faziam parte de um sistema. E foram usados pelo mesmo. É essa mania de edificar a História em cima de uma única pessoa”.

*

Eu e o Jean entramos na casa da minha mãe. Tânia, encolhida no sofá, parecia um bebê. Tinha acabado de tomar banho, o cabelo liso encharcado. Ela passava a mão e apertava na ponta, onde um fio de água escorria sobre a camiseta, na altura do ombro. Não olhou para nós, tinha se preparado psicologicamente para a prisão. Há tempos eu não vinha aqui. Precisei olhar bem cada objeto na sala para imantá-los novamente na memória. Vi alguns pertences do Amilton, casacos, chapéu, um móvel e a TV. Entrei no quarto da mãe. A cama lisa, sem nenhuma dobra. Vasos de flores. A penteadeira antiga, única herança da avó. Olhei os pés da penteadeira, crivados de cupim. Um espelho redondo com contornos dourados. Lembro dele, de quando eu tinha que erguer a ponta dos pés para arrumar o meu cabelo ou arrastar uma cadeira defronte a ele. Foi de frente para o espelho que testei pela primeira vez um vestido longo. Tinha 13 anos. A mãe trabalhava na Lavanderia do James, antes do Renovare. Ficava na José Bonifácio. À noite, ela recebia encomendas do James, vestidos de luxo que só a mãe sabia cuidar. Ele nunca entrava. O carro parava na frente e a mãe saía para pegar a encomenda. Algumas vezes, a mãe recebia um dinheiro a mais, dando a entender que uma determinada peça de roupa valia mais que a média. Ela melhorava a casa, construía uma peça ou comprava uma geladeira maior. Na verdade, a grana aparecia por minha causa. Era uma pensão em segredo. Depois de um tempo a mãe entregou o chalé que havia ganho da família do James. E exigiu que o meu pai comprasse a casa que hoje ela mora. Eu era pequena quando a gente saiu do chalé, mas ainda recordo do sol entrando nas frestas e da minha mão tentando fechar as fendas da parede.

O Jean já estava conversando com a Tânia quando voltei à sala e sentei ao lado deles.

- Que diabo tu foi fazer Tânia!?! – eu perguntei bruscamente. Não tenho tato para essas delicadezas. Acho que estraguei o que Jean estava construindo.

- “O que está feito está feito! Não dá para voltar atrás.” – disse ela, apertando os cabelos que soltaram a última gota d’água.

- Tânia, eu só queria entender. Tem a ver com o *Programa Lima Barreto, 2022?*

- “Cléo, o que eu fiz foi porque não suportei ver esticada as linhas da História.”

- “Ela não tinha mais como escrever sabendo que um cara como o Mário Paçorusso financiava a gente – disse o Jean”.

- Mas ele não financiava a gente, só lavava dinheiro do meu pai.

- “E tem diferença isso?” – perguntou ele.

- “E a tua mãe lavava a roupa do teu pai para te financiar, Cléo.” – finalizou Tânia.

*

Alguém bateu na porta. Todos nós nos levantamos, assustados.

- “Clara!” – era a voz do James.

Abri a porta.

- Pai?

Aquele “pai” emudeceu o James. Se eu o chamasse de pai numa sala onde não houvesse mais ninguém, talvez ele me chamaria de filha, num gesto habitual de família. Mas ali, na casa da minha mãe, com outras pessoas a volta, colocava o James sob um paredão onde a passagem muito estreita dificultava qualquer movimento, igual a vez que a mãe lhe gravou as unhas e ele teve que escapar pelos fundos do prédio, diante das ameaças da vizinhança. De repente, ali, aquele sujeito asqueroso desaparecia dos meus olhos.

Ele não entrou. Esperou que eu saísse do vácuo entre eu e ele, para, então, receber um convite de entrar na casa.

- Entre... Vou fazer um café.

James entrou e sentou numa cadeira desconfortável. Seu corpo avantajado e imponente sucumbiu desajeitado sobre um assento de madeira sem estofado. Ele tinha novidades, porém ao entrar ali, todas as palavras desapareceram da sua mente. Todos esses anos, ele nunca tinha entrado na casa de Clara, nem imagina como era. Clara, às vezes, o convidava para ele ver as melhorias que tinha feito com o dinheiro dele. James nunca quis ver. Dizia que bastava saber que estavam bem. Olhou a casa de cima abaixo. Se sentiu enclausurado, mas não se levantou em respeito ao momento e a filha. Esperou o café, quieto. Com a xícara na mão, sorveu o primeiro gole que desceu destrancando a garganta.

- Está bom? – perguntou Cléo.

- “O quê?”

- O café está bom, perguntei.

- “Sim, Cléo, maravilhoso.”

- Nunca tinha entrado aqui, não é?

A pergunta lhe pesou pela simplicidade e pela dificuldade de responder. Como explicar a razão de nunca ter entrado ali para visitar sua filha? Ele sabia derrubar muros, edificar

construções. Só não tinha mãos para mexer num único tijolo da parede que sentia a sua volta. Olhou para o chão, como se o piso pudesse ajudá-lo a encontrar palavras. Sem as encontrar, olhou para o Jean.

- “Fez boa viagem, Jean?” – James perguntou, sentindo um alívio em tirar a atenção de si.

- “Tem alguma novidade do meu caso, James?” – perguntou Tânia, interrompendo o início de conversa entre o James e o Jean.

- “Eles estão suspeitando de um acerto de contas com o tráfico” – respondeu James.

- E eu, pai?

- “Teu nome na portaria do Hilton está sendo tratado como mais um dos convidados do Mário, devido a relação que ele tinha comigo. Eles só ficaram estranhos quando me perguntaram se eu sabia do *Manifesto*, jornal aqui do bairro, de ativistas. Houve uma publicação deles fazendo menção a uma loira Kill Bill atacando a máfia. Sabe de algo, Tânia?”

- “Seu James, eu escrevo no *Manifesto*, com o pseudônimo de Kill Bill. Escrevi a matéria antes do crime. Foi um erro. O Cléber me orientou a fazer.”

- “O Cleber? O nosso Cléber, o Afrânio?”

- “Sim, ele é o editor-chefe do *Manifesto*.”

- “Mas o que é isso, não basta o que eu pago para vocês?” – disse o James.

Escutamos um barulho de chave na porta e nos levantamos. Ao se levantar bruscamente, James virou sua xícara, derrubando café nas calças. Era o Amilton e a Clara. Entraram. A sala ficou mais pequena. Estavam todos muito pertos um do outro.

- “James? Não esperava você aqui.” – disse Clara.

- “Nem eu” – disse ele, tentando limpar a calça com um guardanapo que a Cléo alcançou.

- “Está limpo” – disse Clara, mostrando o terno, antes manchado de sangue.

- Ficou perfeito, mãe.

- “Limpei nas suas máquinas, James. Exatamente onde devia ser limpo.”

- “Não tenho nem o que lhe dizer, Clara.” – comentou ele.

- “E essas calças? Vai manchar de café senão limpar. Venha, tire ali no quarto e coloque uma do Amilton, vai te servir.”

James assentiu, como uma criança que faz algo errado. Entrou no quarto de Clara, tirou a calça e alcançou a roupa manchada para ela começar os procedimentos. Ele ficou ali, sem calça, olhando à volta, procurando a roupa do Amilton para se vestir, enquanto Clara preparava uma bacia para encher d’água. Só de cueca e camisa, ele permaneceu imóvel, mexendo apenas

os olhos, à procura de onde Clara tinha deixado a calça do Amilton. James Ruibarbo Santa Cruz não conseguia abrir a boca e chamar “Clara! Clara, onde está a calça?” Não conseguia imaginar sua voz ecoando ali dentro da casa, entrando nos ouvidos alheios e chegando na Cléo como se ele fosse o pai ou o chefe da casa, que grita ordenando que todos se movam a ele. E o pior seria a Clara na frente dele, vendo-o sem calça novamente, depois de anos. Se olhou no espelho do quarto, o que até então ele tinha evitado, mas agora olhava como se não tivesse outra coisa para olhar, que não fosse sua imagem sem calça longe de casa.

Quando James se virou para trás, Clara o observava.

- Ainda está sem calça... – disse ela.

- Não sei onde está – disse ele.

- Estava em cima da cama – disse ela.

James olhava, incrédulo.

- Amilton, vem cá – seguiu ela.

- O que foi? – o Amilton perguntou quando entrou no quarto.

- Sua calça, onde está?

- Levei todas para lavar, Clara, só tenho a roupa do corpo.

-Então tira a calça e empresta para o James. Não vai dormir aqui? Então não precisa de calça à noite – disse Clara.

Amilton tirou a calça e emprestou para o James, enquanto Clara olhava a roupa do porteiro entrando com dificuldade nas perna do pai da Cléo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. RJ: José Olympio, 1981.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. SP: Cia das Letras, 2012.
- BARRETO, Lima. **Um longo sonho do futuro**. RJ: Graphia, 1998.
- BARRETO, Lima. **O Cemitério dos vivos**. SP: Planeta, 2004.
- BARRETO, Lima. **Diário do hospício**. SP: Cosac Naify, 2010.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. SP: Cia das Letras, 2011.
- BRASIL, Assis. **Cães da província**. RS: Mercado Aberto, 1987.
- CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar**. SP: Cia das Letras, 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editore 34, 2013.
- GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- GIACOIA, Oswaldo. Doença e Ressentimento. In: **Sonhos e pesadelos da razão esclarecida**. SP: UPF, 2005,
- GUARESCHI, Pedrinho. O que é mesmo psicologia social? uma perspectiva crítica de sua história e seu estado hoje. In JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (Orgs). **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 25-45.
- HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**. RJ: Rocco, 1994.
- LEITE, Mírian Lifchitz M. **Oura face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. SP: Ática, 1984.
- PRADO, Antonio Arnoni. **Itinerário de uma falsa Vanguarda**. SP: Editora 34, 2010.
- PRADO, Antonio Arnoni (org.). **Lima Barreto: uma autobiografia literária**. SP: Editora 34, 2012.
- PROUST, Marcel. **Contre Sainte-Beuve: notas de Crítica e Literatura**. SP: Iluminuras, 1988
- RESENDE, Beatriz (Org.). **Lima Barreto toda crônica**. RJ: Agir, 2004.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. RJ: Rocco, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto triste visionário**. SP: Cia das Letras, 2017.

SERVA, Leão. **Um tipógrafo na colônia**. SP: Publifolha, 2014.